

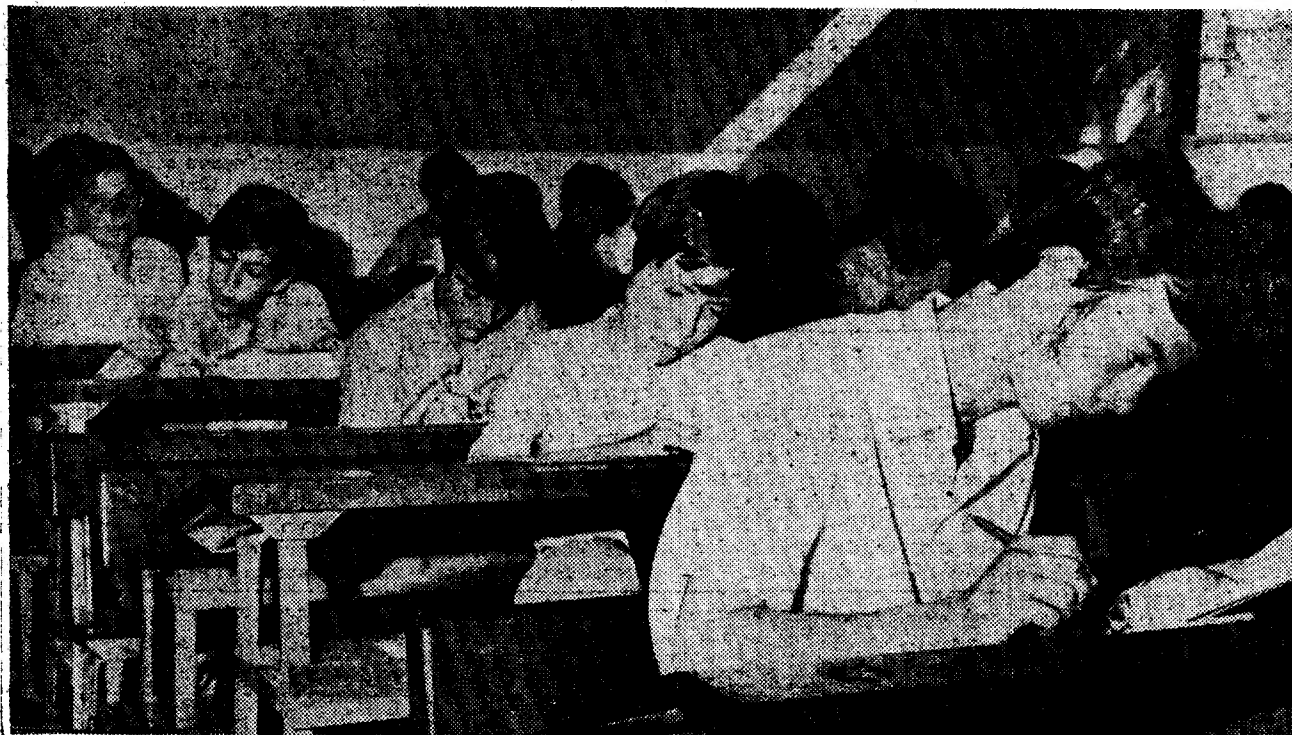
Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
QUINTA-FEIRA, 15 DE JULHO DE 1971

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 443 ANO 51.º PREÇO 1\$50

Nós e o Mundo
em
**MESA
REDONDA**

suplemento das sextas-feiras



A 6.ª CLASSE EM EXAMES

Começaram hoje, no Continente e nas Ilhas Adjacentes, os exames escritos da 6.ª classe — o chamado ciclo complementar do ensino primário. A estes exames foram propostos 18.481 alunos. Destes 1497 residem na Madeira e nos Açores. Os exames compreendem Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Geográficas-Naturais, Desenho Geométrico e Trabalhos Manuais.

OS ALUNOS PASSAM A SABER ATÉ AO DIA 31 DE JULHO QUAIS OS LIVROS DE ESTUDO NO ANO LECTIVO SEGUINTE

OS ESTÁGIOS PEDAGÓGICOS PODEM FAZER- SE EM TODOS OS ESTABELECIMENTOS QUE REUNAM CONDIÇÕES

O prof. Veiga Simão, ministro da Educação Nacional, assinou ontem um importante despacho (que vem de encontro a uma necessidade diversas vezes apontada pelo «Diário de Lisboa»), pelo qual se estabelece que, até ao dia 31 de Julho de cada ano, os estabelecimentos de ensino secundário oficial devem afixar as relações dos livros adoptados para o ano lectivo seguinte. Os livros a adoptar deverão

ser escolhidos de entre os autorizados (para o Círculo Preparatório) e de entre os existentes, para os ensinos liceal e técnico, à data em que os

conselhos escolares reunam para o efeito. A escolha do livro é válida para os sucessivos

(Continua na página seguinte)

Em greve meio milhão de empregados dos telefones dos EUA

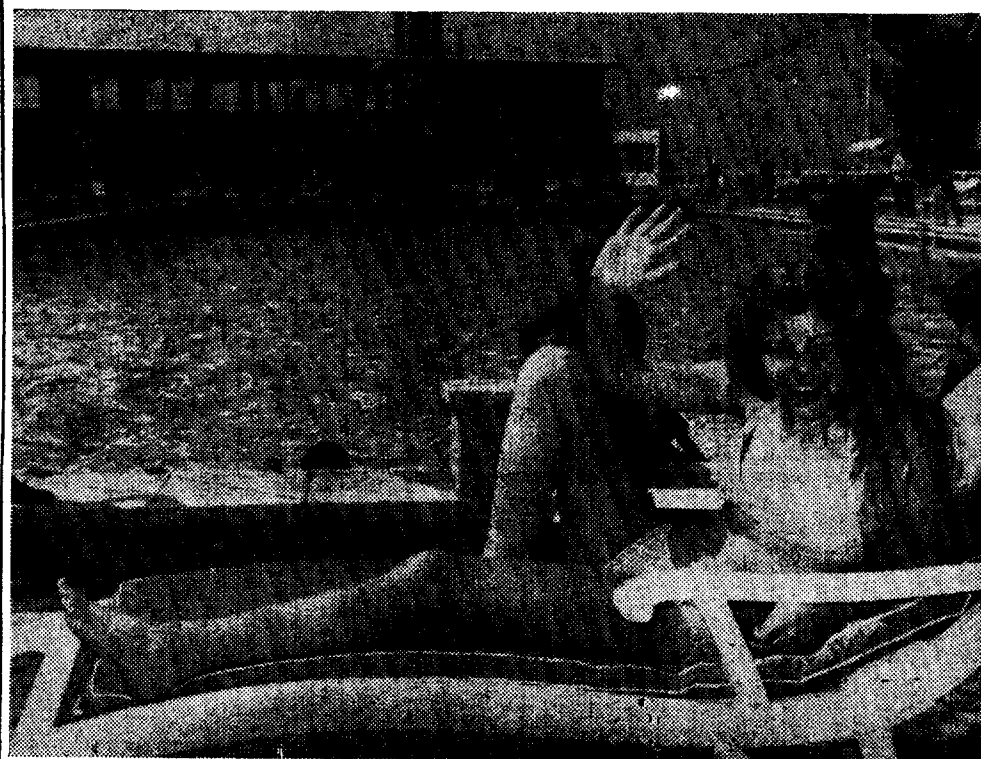
WASHINGTON, 15 — (F. P.) — A greve dos 500 000 empregados da Companhia «Bell Telephone» e das filiais, que deixaram de trabalhar ontem de manhã, não teve, por enquanto, consequências graves para as comunicações dos Estados Unidos, que são quase totalmente automatizadas.

Só as chamadas de longa distância e outras que necessitam da presença de um operador foram moderadamente perturbadas. O pessoal de chefia que não participa no movimento esforça-se, na medida do possível, por ocorrer às falhas.

rer às falhas.

A instalação de piquetes de greve foi acompanhada de alguns incidentes na região de Nova York, onde viaturas dos serviços da companhia foram voltadas e, na Florida, onde se verificaram sabotagens nos cabos.

As negociações com o patronato estão interrompidas. O conflito parece incidir menos na percentagem de aumento dos ordenados do que nas vantagens anexas, especialmente, em matéria de remuneração dos empregos femininos e nas zonas de salários.



Eis uma «PIPI» diferente — sem meias altas, nem tranças espetadas. Levantou-se às 9 horas, tomou o pequeno almoço, arranjou-se e foi banhar-se na piscina do Hotel Estoril-Sil, onde está instalada. Depois conversou com o repórter do «D. L.» e disse o que pode ler-se na última página.

AUMENTA A INFLAÇÃO NOS PAÍSES DA O.C.D.E.

Apesar dos esforços desenvolvidos pelos governos dos Países da OCDE, continuam a observar-se nitidas tendências inflacionistas na quase totalidade dos países da zona — afirma-se no relatório do Secretariado daquela Organização que avalia as perspectivas económicas até meados do ano corrente.

Entre esses esforços ressaltam as medidas de regulação da procura que não têm sido muito eficazes dado que os preços não deixam de aumentar a uma cadência de 5,5 por cento ao ano no conjunto desses países. Entretanto, existem várias razões para se esperar um certo afrouxamento na alta de preços no decorrer dos próximos doze meses, tais como, em primeiro lugar a diminuição das pressões da procura, em segundo lugar o aumento da produtividade em relação a períodos anteriores, e em terceiro lugar o afrouxamento que se observa no momento na alta de preços internacionais.

Em 1970, segundo a mesma fonte, assistiu-se a uma diminuição do crescimento da produção motivada pe-

(Continua na 15.ª página)



CHARLES MANSON, já condenado à morte pelos assassinios em casa da actriz Sharon Tate, confessou, agora, um novo crime. Durante as audições preliminares do tribunal, Manson levantou-se e gritou: «Eu cortei-lhe a cabeça». (Ler na pág. 14)

POPULARIDADE TRABALHISTA

LONDRES, 15 — (F. P.) — Sobre a popularidade dos Trabalhistas. Uma sondagem do Instituto Gallup para o «Daily Telegraph» mostra que, se houvesse eleições gerais amanhã, 55 por cento das pessoas interrogadas votariam a favor do «Labour» e 33,5 por cento apenas a favor dos «Tories».

No mês passado, uma sondagem dava aos trabalhistas 54 por cento e aos conservadores apenas 22 por cento no mês passado.

HOJE 28 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

DOIS DESPACHOS INOVADORES EM MATÉRIA DE ENSINO

(Continuação da pág. anterior)

nos anos do curso a que ele se destina.

A escolha só pode ser alterada decorridos que sejam dois anos, salvo se entretanto for autorizado ou publicado novo livro para o ciclo preparatório ou para os ensinos liceal e técnico, respectivamente.

Imediatamente após a afixação atrás referida, os estabelecimentos de ensino oficial deverão dar conhecimento aos editores de cada um dos livros adoptados, do numero aproximado de alunos que se espera venham matricular-se em cada um dos cursos. Será enviada cópia da comunicação ao serviço competente do Ministério da Educação Nacional.

NOVO REGIME DOS ESTÁGIOS PEDAGÓGICOS

Um outro despacho, estabelecendo novo regime dos está-

gios pedagógicos, acaba de ser assinado pelo ministro da Educação Nacional. Depois de salientar que «o crescente aumento de frequência dos estabelecimentos de ensino secundário oficial que se tem vindo a verificar determinou que nos últimos anos se tomassem medidas tendentes a uma revisão do sistema de preparação profissional dos professores», o prof. Veiga Simão reconhece que «apesar disso, as providências em vigor não se têm mostradas suficientes para satisfazer as necessidades de recrutamento de professores que a explosão escolar exige». «Os métodos têm, pois, de ser revistos no espírito da futura Reforma do Ensino» — prossegue, determinando, seguidamente, que os estágios pedagógicos passem a realizar-se em todos os estabelecimentos de ensino que reúnem, para o efeito, as condi-

ções de equipamento, em pessoal e material, que a respectiva Direcção-Geral ou Direcção de Serviços reputa como adequadas.

O despacho inclui, depois, normas para os estabelecimentos em que venham a funcionar estágios e determina que, sem prejuízo dos resultados do concurso para estágio em fase de conclusão, aberto por aviso publicado no «Diário do Governo» n.º 110, II série, de 11 de Maio de 1971, podem requerer o estágio nas condições constantes do despacho e dentro dos 80 dias subsequentes à sua divulgação os candidatos que possuam as habilitações legalmente exigidas para o efeito, indicando desde logo o estabelecimento ou estabelecimentos de ensino — neste caso ordenados segundo a preferência do interessado e em que desejem realizá-lo.

Além do pagamento das deslocações e ajudas de custo legais, são estabelecidos os seguintes subsídios mensais: professores orientadores que superintendam nos estágios de um grupo regional, 2500\$00. (No caso dos professores metodólogos receberão 1500\$00, além da justificação mensal legalmente fixada); assistentes pedagógicos, 1000\$00.

O bandarilheiro Augusto Gomes recebeu a medalha de Mérito Corporativo

O ministro das Corporações, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, entregou hoje, no seu gabinete, no decorrer de uma cerimónia que principiou cerca das 12 horas, a medalha de Mérito Corporativo e do Trabalho ao bandarilheiro Augusto Gomes, com que foi distinguido em reconhecimento dos serviços prestados à organização corporativa, nomeadamente no exercício de funções no sindicato a que pertence.

Assistiram ao acto, os secretários e subsecretários de Estado do Trabalho e Previdência, os dirigentes do Sindicato Nacional dos Toureiros, e o empresário Manuel dos Santos.

«Diário de Lisboa»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas: «Alentejo Ilustrado», de Beja; «Notícias da Covilhã», «O Norte Desportivo», do Porto e «Jornal do Mar», de Lisboa.

O HOSPITAL DE S. LÁZARO FOI HOJE INAUGURADO

O problema dos traumatismos é um dos mais graves da nossa época — disse hoje o director do novo Hospital de S. Lázaro dr. José Botelho, na cerimónia inaugural da unidade hospitalar, a que assistiram, nomeadamente, o director-geral dos Hospitais, dr. Coriolano Ferreira, o director dos Hospitais Cíveis de Lisboa, prof. Oliveira Machado; o director clínico daqueles hospitais, dr. Leopoldo Lares; e o director-geral das Construções Hospitalares, eng. Neto Marques.

Sublinhou também o dr. José Botelho, para dizer:

«Estamos hoje com 38 dias para cada doente o que, para os nossos hospitais e para esta especialidade, consideramos já bastante bom. O nosso movimento operatorio excede o de quase todos os serviços de cirurgia e anda à volta de mil intervenções anuais. Se atendermos a que muitas destas operações são longas e exigem esforço, também não estamos descontentes com esta nossa actividade cirúrgica. Pois apesar de todo este trabalho não conseguimos dar vazão a uma

afluência enorme de doentes que temos nas consultas externas. Basta dizer-vos que, neste momento a nossa lista de espera é de 4001, e que o numero total de doentes observados no ultimo ano foi de 24 000!

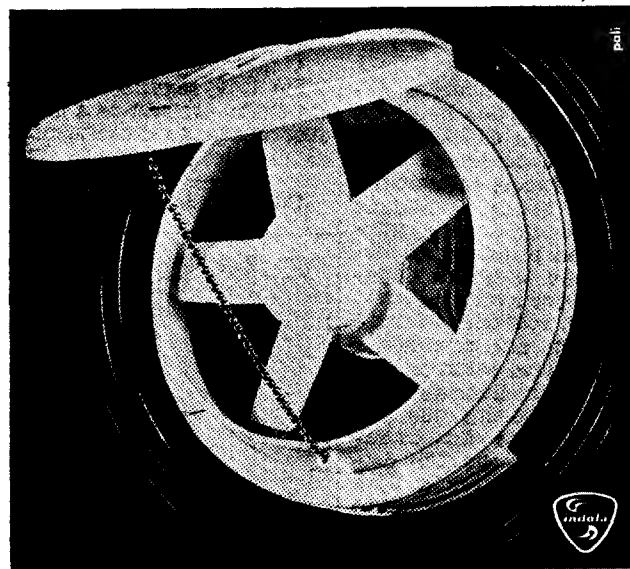
(...) A recuperação de que tanto se fala oficialmente pouco mais amplitude tem, nos H. C. L., do que no princípio do século.»

A nova unidade

A «nova» unidade resultou do aproveitamento do edificio onde funcionou a Maternidade Magalhães Coutinho, actualmente integrada no Hospital de D. Estefania. Foi construída uma parte nova, tendo o conjunto um total de 60 salas. Possui duas enfermarias, uma para homens e outra para mulheres, respectivamente, com capacidade para 38 e 45 doentes, e 18 quartos particulares.

Dispõe a «nova» unidade de duas salas de operações, radiologia, sala de gessos, frigorífico para conservação de ossos, cozinha e salas destinadas à consulta externa de ortopedia e fracturas, que deixa de funcionar no Hospital de S. José.

AR RENOVADO



...clima perfeito.

com

indola

climatização do ar ar condicionado e sistemas de ventilação

A maior organização da Europa em climatização doméstica e industrial.

Uma solução para cada problema de ventilação

Distribuidores para o Sul:

Frigel

AV. INFANTE SÁNTO, 72 A/B/C TEL. 66 14 31-66 14 44 - LISBOA

Festival no Centro de Alistados da Guarda Fiscal

O general Mário Silva, comandante-geral da Guarda Fiscal, presidiu hoje, de manhã, no Campo de Instrução daquela corporação, em Queluz, ao festival de encerramento do Centro de Alistados de 1971, cerimónia a que se associaram altas individualidades e muitos oficiais da G. N. R. e da P. S. P.

O programa foi constituído pela exibição de vários números, de carácter militar, uns, de aspecto fiscal outros em que os novos guardas-fiscais — cerca de 170 — demonstraram o grau de eficiência alcançado no decurso das 10 semanas que durou o Centro.

No final, o comandante-geral da Guarda Fiscal, procedeu à cerimónia da imposição de crachás e distribuição de prémios aos alistados que melhor classificações obtiveram.

BANCO DE FOMENTO

Regressou de Luanda, onde foi em viagem de serviço do Banco de Fomento Nacional, o sr. prof. Daniel Barbosa, governador daquela estabelecimento de crédito.

BODAS DE OIRO

O Clube Operário de Futebol, de que o sr. Presidente do Conselho é sócio desde 1948, celebrou as suas bodas de ouro. E para a comemoração foi presidir à sessão o governador civil, dr. Afonso Marchueta, que foi recebido por toda a direcção. E o dr. Marchueta foi também feito sócio honorário, como o prof. Marcelo Caetano, e no seu discurso disse: «Não vou falar-vos do vosso sócio número 12 — e também sócio de mérito e sócio honorário — porque tenho a certeza de que nada vos diria que não soubésseis já. E lógico que, tendo como consócio o sr. Presidente do Conselho, um homem do povo como todos nós, que nos governa e governa a Nação de acordo com os nossos interesses e aspirações, que defende os nossos direitos, que trabalha pela nossa promoção social e pelo futuro dos nossos filhos, é lógico dizer, que conheço tudo quanto ele tem feito por nós e que acompanhei, com orgulho e carinho, a sua extraordinária obra — obra realizada com amor por um operário talentoso, sabedor, eficiente. Na verdade, o sr. Presidente do Conselho é o melhor e o maior de todos os operários. Acentuou ainda o dr. Marchueta ser-lhe familiar a vida do clube: «Conheço bem a vida deste clube que vós, modestamente, considerais pequeno, mas que eu, com justiça, considero grande — muito grande e muito grande também, por contar, entre os seus associados o sr. Presidente do Conselho». E o sr. governador civil terminou o seu discurso: «O Clube Operário de Futebol é uma parcela muito válida da Nação: uma parcela do todo magnífico que é o nosso amado Portugal, deste inigualável e portentoso país que ao Mundo dá exemplos de altíssima dignidade, de indómito querer, de inextinguível valor; deste País cuja terra é reflexo do céu, pois que Deus o tem protegido dando-lhe, para o servir, homens com a estatura moral e intelectual de Américo Thomas e de Marcello Caetano.»

PALÁCIO DE BELÉM

O Presidente da República recebeu o general Sá Viana Rebelo e o contra-almirante Pereira Crespo, ministros da Defesa Nacional e do Exército e da Marinha, e o dr. Moreira Baptista e o general Oliveira Vitoriano, secretários de Estado da Informação e Turismo e do Exército, a companhia do prof. eng. Leite Pinto, chanceler das Or-

dens do Mérito Civil, e dos engs. Duarte Gaspar e Pedro Nunes e do brigadeiro Cancio Martins, presidentes da Junta Autónoma de Estradas e do conselho de administração do Porto de Lisboa e director da Comissão Executiva das Obras Militares, e ainda do presidente da edilidade de Oeiras, eng. A. Subtil, e do comendador Joaquim Matias; o

PRESIDENTE DO CONSELHO

O Chefe do Estado recebeu ontem em audiência, no Palácio Nacional de Belém, o prof. dr. Marcello Caetano, Presidente do Conselho de Ministros.

PENA MAIOR

No 1.º Juízo Criminal da Boa Hora foi julgada à revelia Laurentina Augusta da Silva, de 27 anos, empregada de mesa, natural de S. João Baptista, Moura. Em 17 de Fevereiro do ano passado, na Rua da Glória, houve uma desordem entre Francisco António Campos Vilaverde, de 32 anos, pagador de banca nos casinos, e outro indivíduo de nome João de Deus, conhecido pelo «Avôzinho», também ausente em parte incerta. A ré vibrou então quatro golpes nas costas do primeiro. Foi dado como provada a intenção de matar, embora a vítima não tenha morrido. Foi condenada em 12 anos e seis meses de prisão maior, multa e indemnização.

EXPERIMENTE A NOVA ESTRELA

DA CONSTELAÇÃO



CORTINA — O CARRO QUE É MAIS AUTOMÓVEL, 2 E 4 PORTAS

Motores: 1.300 — 1.600 — 2.000 cc. e versão GT



STAND MODERNO

RUA JOÃO SARAIVA, 15 — LISBOA — (Alvalade)
Telef. 71 10 65 (10 linhas)

Salão de Exposição: Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A
Telef. 4 66 69

CONCESSIONÁRIOS FORD em LISBOA

CASCAIS — LOURES — OEIRAS — SINTRA — VILA FRANCA DE XIRA

OS E. U. A. VÃO ADOPTAR O SISTEMA MÉTRICO?

O sistema métrico é já hoje legal em todos os países do Mundo, o que não quer dizer que seja o único utilizado oficialmente. Em muitos países, em especial anglo-saxões, ainda se recorre, legalmente, aos pés às polegadas e às milhas, o que complica imenso os cálculos, por aquelas unidades não terem, entre si, relações decimais simples. Existe, pois, uma tendência geral para se abandonar aquelas tabelas anacrónicas, em favor do sistema métrico, onde todas as relações entre as unidades são potências de dez. O mapa mostra-nos os progressos verificados em tal campo, nestes últimos anos. A partir de 1965 ano em que a Grã-Bretanha decidiu conside- rar o sistema métrico como o único legal em todo o território, isto depois de um período de transição de dez anos, os Estados Unidos são o único país industrializado a não ter tomado a decisão de abandonar a tabela anglo-saxónica.

É provável que isso se não mantenha assim por muito tempo. O Congresso americano vai ter, dentro de pouco tempo, de discutir as conclusões de um estudo elaborado a pedido

do Departamento do Comércio, estudo em que se conclui pela necessidade de adoptar o sistema métrico com o único legal nos Estados Unidos. Pensa-se, geralmente, que o Governo aproveitará a oportunidade para propor um período transitório de dez anos, a exemplo do que foi estabelecido na Grã-Bretanha, em 1965.

Nos Estados Unidos, o sistema métrico é já largamente utilizado pelos cientistas. A N. A. S. A. também se decidiu, há pouco, pela sua utilização. São os técnicos quem, em especial por razões de standardização, mais se opõe ao abandono do sistema tradicional. No entanto, na sua maioria, mostram-se favoráveis à transição progressiva para o sistema métrico. Um inquérito levado a cabo pelo Departamento do Comércio, junto de seis mil empresas, deu uma maioria de 60% a favor daquele sistema. A maior parte dos observadores pensa que a adopção do sistema métrico poderá ser, em breve, aprovada pelo Congresso, desde que a transição possa ser escalonada por um período suficientemente longo.

J. L. L. (Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»)



beba
White Horse
em qualquer sítio

White Horse Scotch Whisky

Agentes: Costa Pina & Vilaverde, Lda. - Porto - J. A. da Costa Pina, Lda. - Lisboa



NOTA

ESTE OUTRO MUNDO

É DIFÍCIL TALVEZ assentar ideias sobre o que mais fundamentalmente caracteriza este nosso tempo. Não estamos nada a pensar no tempo meteorológico, que pelo quinze de Julho onde estamos nos anda a fazer umas caretas e fosquinhas, a que teimamos no apetite de achar que são muito longe do costume. Isso dava uma data de canais possíveis para conversa, mas supomos que por aí tem o leitor capacidade de iniciativa bastante para não precisar para nada destes nossos estímulos: as aulas que fecham e os exames que abrem, os campos e as praias, o vespeiro de domingo nas areias, à beira-mar, as estradas, o trânsito, todo este inferno de banalidades com que não custa nada discorrer às pessoas que fazem um grande sacrifício em ficar caladas.

O tempo é outro, não o meteorológico nem o astronómico, mas o tempo social, a fenomenologia que nos rodeia, espessa de constricções, todo esse arsenal delas que nos rodeiam, que herdámos, que se calhar até afeiçoámos durante algum tempo, mas contra as quais está a irromper por toda a parte e de todas as maneiras um apetite louco de barafustar, deitar fora, isto não presta, tem de se inventar outro estilo de tudo, de maneiras, de gosto, de compostura, de estética e de moral, o que se passou a chamar com certa frequência um novo estilo de estar na vida. E é isso mesmo, porque é desde a gravata, que se joga fora, até tudo isso que o leitor sabe e vê, pratica ou condena, o que se lê, o que se bebe, o que se veste, como se reage.

Quando a televisão, sem nos pedir licença, nos entra de portas adentro, aconselhando-nos ou intimando-nos aquilo de que não precisamos ou aquilo que não nos apetece, seremos nós capazes de nos apercebemos de que a comunicação se faz num sentido só e que tanto ouvimos que já nem pensamos que não dispomos da capacidade de replicar? «Limpe os metais com pomada qualquer coisa», gritam-nos não sabemos quantas vezes ao dia. A verdade é que a maior parte das pessoas a quem se prodigaliza o conselho nem têm metais para arear nem estão nada interessadas em experimentar a pomada, mas têm de sofrer a investida. O que é que havemos de fazer que nos ensine a fugir da passividade com que nos habituamos a sofrer todas estas agressões?

A palavra «agressão» não a inventámos. Ela faz parte do palavreado instituído pelos intérpretes do cada vez mais estranho ambiente que nos rodeia, a poluição psicológica, as «agressões da vida moderna», que são muito mais numerosas e muito mais variadas do que correntemente se supõe. Desde os ruídos que crescem em torno de toda a gente, a todas as horas do dia e da noite, perturbando o sono de repouso de que todos carecemos, e, por essa via, contribuindo para a instalação de um estado de fadiga que precede muitos desequilíbrios psíquicos para os quais as mais das vezes não se vêem explicações, quantos e quais são os variadíssimos ataques que o homem recebe em casa, na rua, no trabalho, desde os que se impõem violentamente até aos que se insinuam quase timidamente.

A eliminação das distâncias para os olhos que nos vêm e para os ouvidos que nos ouvem, desde as teleobjectivas instaladas na outra colina da cidade até aos microemissores instalados debaixo da cama, tudo traz consigo uma variedade incalculável de meios técnicos que violam aquela intimidade a que todos nos julgávamos com direito e que ainda hoje nalguns países leva a poder ser perseguido judicialmente o indiscreto que de uma rua espreita para dentro de uma casa mesmo por uma janela que esteja aberta. Se quisermos ir um pouco mais longe e sonhar acordados, pensemos o que é toda esta colheita de informações, classificadas e codificadas no «banco de dados» e manipulada pela vertigem de um computador. Não se sabe se haverá que chorar um mundo. Há com certeza que entender que a vida é outra, outra, outra.



TEATRO
abc
T. 366745 21.45 H.

ORA, ESTA...

HOJE

P'ra uma sobrinha casadoura
A «Ana...bela», elegante e loura,
Tenho dois «partidos» muito «chics».
Um, o capitão de quem é prima,
Há pouco regressado da China
E outro, sábio, cheio de «tiques».

Tenho problemas para a casar.
Não sei a quem a hei-de entregar,
Não o quero fazer a qualquer.
O sábio anda a estudar o gorgulho
E, na lua de mel, sem barulho,
Quer ser ajudado pela mulher!

E diz o capitão, por seu lado,
(Veio da China desnorteado...)
Não às mulheres! Só cavalos vê!
E, caro leitor, não adivinha
Como casei a minha sobrinha
Mas, a RIR, saiba no «ABC».

A SENHORA MINHA TIA

COMÉDIA DE LABICHE

COM

(Por ordem de entrada em cena)

MARIA TAVARES, NICOLAU BREYNER,
VITOR MENDES, IVONE SILVA, ANABELA,
LUIS HORTA e VITOR ESPADINHA

PREÇOS DE VERÃO



SABADO 17 DE JULHO AS 21,45 M/ 6 ANOS

GRANDE CORRIDA NOCTURNA

BODAS DE PRATA DO BANDARILHEIRO

Guilherme Pereira

Manuel Conde • Fernando Salgueiro

J. Mestre Batista • José B. Nuncio

José Júlio • Armando Soares

José Simões • Mário Coelho

FORCADOS 1 GRUPO DE CABOS

SANTARÉM — MONTE MOR — LISBOA — ÉVORA
RIBATEJO — MONTIJO — ALCÓCHETE — VILA
FRANCA DE XIRA

VENDA DE BILHETES: Em LISBOA na Agência ABEP,
Pr. dos Restauradores, tel. 328823, Tabacaria Freitas,
Rua 1.º de Dezembro, 85. Em VILA FRANCA DE XIRA
no Café Central, tel. 22087, Agências de Vila Franca
e nos locais do costume.

**A MAIORIA
ESTÁ
DE ACORDO**

ESTEJA TAMBÉM DE ACORDO AO APLICAR

OS SEUS CAPITAIS EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

PREÇOS DESDE 140 CONTOS
A 1.000 CONTOS

MAIS DE 50.000 CONTOS EM PROPRIEDADES
PARA ESCRITURA IMEDIATA

MAIS DE 250.000 CONTOS DE PROPRIEDADES
EM CONSTRUÇÃO PARA VENDA

INFORMAÇÕES

J. PIMENTA, S.A.R.L.

P. Marquês de Pombal, 15. Telfs. 45843-47843 - Lisboa

A FEIRA POPULAR DE LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL
DE «O SÉCULO»

TUDO REÚNE PARA TODAS AS NOITES CRIAR
OPTIMISMO NOS MILHARES DE PESSOAS QUE
A VISITAM

PAVILHÕES E «STANDS» DAS MAIS CONCEITUA-
DAS FIRMAS APRESENTAM PRODUTOS E ARTIGOS
FAMOSOS

Todas as atracções em movimento constante

DE TUDO PARA COMER E PARA BEBER
ABERTURA ÀS 19 HORAS

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**

Para a sua deslocação utilize
os comboios eléctricos.



MELHOR SOM
MAIS LUZ
**PILHAS
GATO BRANCO**



«CONVITE AO PECADO»

REALIZAÇÃO — Peter
Wood, Inglaterra
(1970);

INTERPRETES — Julie
Christie, Michael Sar-
razin, Adolfo Celi,
John Duet, etc.;

NOTARIADO PORTUGUÊS

DÉCIMO TERCEIRO CAR-
TÓRIO NOTARIAL DE LIS-
BOA A CARGO DO NOTÁ-
RIO DR. ABEL AUGUSTO
VEIGA DA GAMA VIEIRA

Certifico para efeitos de
publicação:

Que, por escritura lavrada
neste Cartório em 18 de Ju-
nho corrente de folhas 48 a
folhas 50 verso do Livro de
escrituras diversas numero
92-D, foi reforçado o capital
da sociedade AUTO REPARA-
DORA GOMES & LOPES,
LIMITADA, com sede no lu-
gar e freguesia de Sacavém,
Loures, que era de cinquenta
mil escudos, com mais cem
mil escudos, passando assim
a ser de cento e cinquenta mil
escudos.

— Por esta mesma escritura
foi ainda alterado parcialmen-
te o pacto social da referida
sociedade, com referência ao
corpo dos artigos quarto e sex-
to, que passaram a ter a se-
guinte redacção:

— QUARTO — O capital
social, integralmente realizado
e representado pelos diversos
valores que constituem o acti-
vo da sociedade, é de cento e
cinquenta mil escudos e, cor-
responde á soma de três quo-
tas de cinquenta mil escudos,
pertencentes uma a cada um
dos sócios.

— SEXTO — A administra-
ção e gerência da sociedade e a
sua representação em juízo e
fora dele, activa e passivamen-
te fica a cargo de todos os só-
cios, os quais, desde já, ficam
nomeados gerentes com dis-
pensa de caução e com ou sem
remuneração, conforme for re-
solvido em Assembleia Geral,
e, para a sociedade ficar váli-
damente obrigada em todos os
seus actos e contratos são sem-
pre necessárias as assinaturas
dos três gerentes, os quais po-
derão delegar, por procuração,
em quem entender, todos ou
parte dos seus poderes de ge-
rência.

Está conforme com o ori-
ginal.

Lisboa, dezanove de Junho
de mil novecentos e setenta
e um.

O Ajudante do 18.º Cartório
Notarial de Lisboa:

Maria Vitória dos Santos
e Silva

ESTREIA — Cinema
Mundial.

De uma modernidade mui-
to aparente, sofisticadamente
pretencioso, realmente de uma
banalidade gritante, «In Search
of Gregory» (traduzido para
português por «Convite ao
Pecado») parte de um argu-
mento relativamente frouxo
de Tonino Guerra e
Lucile Laks que nos fala das
aventuras de uma jovem (Julie
Christie-Catherine) que per-
segue um «sonho de amor» que
o acaso desafia e cuja concre-
tização a fatalidade nega. Gre-
gory é o rapaz de quem o pal-
de Catherine lhe fala. Gre-
gory o nome que Catherine pro-
cura. Gregory é o outro que
se persegue e não se atinge.
Mas, para se alcançar Gre-
gory, isto é, o amor, haverá que
se merecer a felicidade e Ju-
lie Christie (que continua
muito bela, mas...) não mere-
ce aqui (isto é, nesta película
de Peter Wood) a felicidade.
Acabando como acaba, «Con-
vite ao Pecado» só demonstra
que ainda há justiça neste
mundo.

LAURO ANTÓNIO

As bodas de prata do bandarilheiro Guilherme Pereira

VILA FRANCA DE XIRA,
15 — Para assinalar as bo-
das de prata do bandarilheiro
Guilherme Pereira realiza-se
aqui na Praça de Touros Pa-
lha Bianco, no próximo sá-
bado, uma corrida nocturna
em que participam os cava-
leiros Manuel Conde, David
Ribeiro Teles, José Mestre
Baptista e José Barahona
Nuncio, e os espadas José
Júlio, Armando Soares, José
Simões e Mário Coelho.

Os forcados serão consti-
tuídos por um grupo de ca-
bos e outro formado por um
elemento de cada um dos
grupos de Santarém, Monte-
mor, Lisboa e Ribatejo, Évo-
ra, Montijo, Alcochete e Vila
Franca de Xira que, assim
quiseram manifestar a sua
amizade e simpatia pelo ban-
darilheiro homenageado.

Dada a forma como está
elaborado o programa e sem
dúvida também devido à
muita simpatia de que goza
Guilherme Pereira no meio
tauromáquico e no público,
esta festa de homenagem —
cuja comissão de honra é for-
mada pelos srs. Bustorff Sil-
va, João Branco Nuncio, Leo-
poldo Nunes, D. João de No-
ronha, José Ricardo Domín-
gues, D. Francisco de Mas-
carenhas, Manuel Conde, José
Teles Barradas, António da
Costa Correia e Nuno Salva-
ção Barreto — está desper-
tando grande interesse, espe-
rando-se que a noite do pró-
ximo sábado marque um im-
portante acontecimento tau-
rino da temporada na praça
da castiça Vila Franca de
Xira.

Complexo de RESTAURANTES
Em plena Baixa. Na rua de S. Julião

SELF-SERVICE
CAFETERIA

RESTAURANTE DE LUXO-GRILL ROOM
e na rua da Prata, MINI-SNACK

Unico no género no nosso País. Equipamento ultra-moderno

Facilidade de estacionamento a partir das 20 horas

PASSAPORTES

WASTEELS EXPRESSO

Av. António Augusto de
Aguar, 88 - C - Lisboa
— Tel. 42185
Rua Caminhos de Ferro,
n.º 62 - C - Lisboa —
Tel. 868588



NA PRAIA DE TRÓIA

Emissão directa de tempo «Zip»
a bordo de um «Hovercraft»

Numa noite cálida, junto ao mar de Tróia, tranquilo como um lago, mais de uma centena de convidados do «Zip» tomaram parte num programa transmitido em directo de bordo de um dos modernos «Hovercrafts», que vão, dentro de poucos dias, fazer serviço regular para a Ponta do Adóxe. O programa prosseguirá, depois, do Restaurante Troiamar, prolongando-se para além das três da madrugada.

O «Zip», que já tinha sido o primeiro a fazer uma emissão de bordo de um jacto da TAP, foi, igualmente, o primeiro a emitir um programa de bordo de um «Hovercraft».

Os convidados para este festival «Zip», em colaboração com a «Torralta», foram recebidos por Fialho Gouveia, Hernani Santos e Francisco Santos. Eram principalmente gente da Rádio, da Imprensa, do Teatro, da Televisão e do Desporto. Entre muitas outras figuras conhecidas encontravam-se os futebolistas Artur Jorge e Fernando Peres, os automobilistas Filipe Nogueira e Francisco Romãozinho, os locutores Carlos Cruz, Nuno Martins, João Paulo Guerra e Fernando Pessa, Nuno Nazareth Fernandes, Hugo Maia Loureiro, Fernando Tordo, João Maria Tudela, Florbela Queirós, componentes do EFE 5, etc.

Num ambiente verdadeiramente mediterrânico — nem uma leve brisa a refrescar a noite — os convidados puderam fazer uma antevisão do que será o famoso centro de turismo que a Torralta está a construir em Tróia.

Como todas as realizações do género que o «Zip» tem organizado, houve alegria, juventude e animação constantes. A algumas canções interpretadas por Fernando Tordo, Hugo Maia Loureiro e José Jorge Letria, sucederam-se corridas de sacos (bastante acidentadas), a dança da batata, e outras improvisações inventadas pela dinâmica equipa do «Zip».

Com a água a apeteecer e o mar calmo como um lago era

difficil resistir à ideia de um banho na madrugada e os últimos convidados regressaram já muito perto do romper do dia.

Menos de quatro minutos é o tempo gasto pelos «Hovercrafts» no trajecto de Setúbal para Tróia, agora ao alcance de toda a gente, graças a uma política seguida pela Torralta, que não dá possibilidades a qualquer tipo de especulação. Tróia começa a ser um dos mais agradáveis locais da costa portuguesa e, dentro de

muito pouco tempo estará ao nível dos melhores centros de férias do Mediterrâneo, permitindo à população de Lisboa o acesso fácil a uma praia de sonho, graças ao serviço dos modernos «Hovercrafts», que dentro de poucos dias iniciarão carreiras regulares entre Setúbal, Sesimbra e Tróia. Mais de 1000 anos depois Tróia é redescoberta para o turismo do futuro, o turismo de massas que entre nós começa agora a criar as primeiras estruturas.

taop

Av. Visconde Valmor, 77, 1.º E.
Telef. 76 59 43 — LISBOA
Todos os acessórios para
construção rápida de

ROULOTTES

JANELAS PRONTAS A COLOCAR COM FECHOS E

■ PERFIS DE BORRACHA

CALHAS PARA AVANÇADOS, ENGATES PARA
BARCOS, DESCANSOS, COMPASSOS, FECHOS DE
MESAS, BOMBAS DE PÊ, FICHAS ELÉCTRICAS
JOCKES, LAVA-LOIÇAS

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos

HOJE, AS 21.45 HORAS
SÓ ATÉ DOMINGO
APROVEITE A ÚLTIMA
OPORTUNIDADE
PARA VER

A RELÍQUIA
EÇA DE QUEIROZ

O MAIS FABULOSO
EXITO DO
TEATRO PORTUGUÊS

Ar refrigerado (D—M/18)

Os jovens dos 18 aos 24 anos
têm sempre 50% de desconto



Em ALGÉS o «DIÁRIO DE
LISBOA» vende-se na Tabacaria
do Café Caravela d'Ouro.

PARA PUBLICIDADE

DE PLÁSTICO
DE METAL

LETRAS E
LETREIROS
DE ESPETAR, COLAR
OU ENCAIXAR

DESDE \$30

GRAVARTE

R. Sto. António da Sé, 1
LISBOA-2



GONÇALO

MARCA-REGISTADA

PAT. 45832

PAT. 48719

CADEIRAS E CARTEIRAS

PARA ESCOLAS, DE FÁCIL ARRUMAÇÃO
E TRANSPORTE

PATENTES CONCEDIDAS EM PORTUGAL E ESPANHA

ARCALO — ALGÉS

Rua Alegre, 14 — Telef. 21 21 60

CABELOS
BRANCOS!...

SEMPRE JOVEM
COM

água de colónia
RECUPERAÇÃO

RESTITUI
AOS CABELOS BRANCOS
A SUA PRIMITIVA COR

*

A VENDA NAS DROGARIAS
E FARMÁCIAS

*

DISTRIBUIDORES:
J. C. CRESPO, LDA.
Rua da Madalena, 193-197 LISBOA

*

AGENTE NO NORTE:
BARBOT COSTA
Rua Fernandes Tomás, 749 PORTO

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE RIO MAIOR
Anúncio

Faz-se publico que foi proferida sentença julgando a acção especial de curadoria definitiva que José Filipe Ventura Inácio, casado, proprietário, residente no Painho, intentou por este Tribunal e secção de processos, e, em consequência deferido o pedido de declaração de morte presumida do ausente ANTONIO CIPRIANO INÁCIO, solteiro, nascido a 16 de Abril de 1891, com ultima residência conhecida no lugar e freguesia do Painho, do concelho do Cadaval, desta comarca.

Rio Maior, 5 de Junho de 1971.

O Juiz de Direito
a) Mário Matias da Cunha Gil
O Escrivão

a) Armando Mendonça



Vai aos Estados Unidos?

* Visite também o CANADÁ
sem aumento de custo

O Canadá compra
cada vez mais,
a cada vez mais
empresários portugueses.
Em negócios, ou em férias,
visite o Canadá.
CP Air. Mais voos para o Canadá
que qualquer outra Companhia.
5 voos semanais para Montreal
de 25 de Abril a 30 de Outubro
e 6 voos semanais
entre 3 de Julho a 26 de Setembro.
Todos directos, sem escala.
A partir de Toronto e Montreal,
ligações convenientes
para os Estados Unidos
e outros destinos do Canadá.

CP AIR — A ÚNICA COM VOOS DIRECTOS PARA
TORONTO E MONTREAL

* Aproveite esta vantagem à ida ou à volta!

DESEJAVAM RECEBER DOCUMENTAÇÃO ACERCA DOS VOSSOS VOOS DIRECTOS PARA
TORONTO E MONTREAL

NOME

MORADA

TELEFONE DESTINO EXACTO DA MINHA VIAGEM:

DATA PROVÁVEL DA VIAGEM: DURAÇÃO PROVÁVEL DA VIAGEM:

VIAGREI ACOMPANHADO DE ☐ PESSOAS ☐ VIAJARAM COMIGO ☐ CRIANÇAS COM MAIS DE 12 ANOS

Consulte o seu Agente de viagens ou a CP AIR - Canadian Pacific
Av. da Liberdade, 261 — LISBOA — Telef. 53 95 55 / 55 61 09 / 53 93 68

CP Air
Canadian Pacific

VIAJANDO COM A CP AIR
...verá o mundo como quer!

O piquenique
para as gentes
do Concelho de Tábua

A Comissão de Melhoramentos da Freguesia de Azere, do concelho de Tábua, distrito de Coimbra, que, na capital, trabalha activamente em prol dos valores e na defesa dos interesses da região reúne os conterrâneos no dia 25, no seu quarto piquenique, no Parque das Merendas do Parque Florestal de Monsanto, junto à Cruz das Oliveiras.

Haverá musica regional e de ritmos modernos, baile, folclore, petiscos regionais, leilão de ofertas, surpresas e atractivos diversos — e deve ser larga a concorrência das gentes de todo o concelho residentes na capital.

Um dos melhoramentos que constitui predominante aspiração colectiva e pelo qual a comissão vem pugnar é o da continuação da estrada de Azere ao Covelo, que garanta a saída e acesso a laboriosa localidade para seu progresso e maior desenvolvimento, com larga influência na região.

FIM DE TARDE EM S.BENTO

★ A continuação da apreciação na generalidade da proposta de lei sobre liberdade religiosa foi o assunto da ordem do dia na sessão de ontem da Assembleia Nacional. Presentes 98 deputados.

★ Antes da ordem do dia usaram da palavra os deputados Linhares de Andrade, sobre a desigualdade de vencimentos dos regentes agrícolas das Ilhas Adjacentes; Silva Mendes, que se referiu com palavras de satisfação ao anunciado pagamento nas férias aos professores eventuais; e Pedro Baessa, que tratou de problemas de Moçambique.

★ Já na ordem do dia, a primeira oradora, deputada Raquel Ribeiro, ao dar a sua aprovação na generalidade da proposta de lei do Governo, citou diversos textos papais e conciliares e declarou a certa altura: «Um vez que a sociedade civil tem o direito de se proteger contra os abusos que, sob pretexto de liberdade religiosa, se poderiam verificar, é sobretudo ao poder civil que pertence assegurar esta protecção. Isto, porém, não se deve fazer de modo arbitrário, ou favorecendo injustamente uma parte; mas segundo as normas jurídicas, conforme a ordem objectiva, postulada pela tutela eficaz dos direitos de todos os cidadãos e sua pacífica harmonia, pelo suficiente cuidado da honesta paz pública, que consiste em ordenadas convicções sobre a fase de uma verdadeira justiça, e ainda pela guarda que se deve ter da moralidade pública. Todas estas coisas são parte fundamental do bem comum e pertencem à ordem pública. De resto, deve manter-se o princípio de assegurar a liberdade integral na sociedade, segundo o qual se há de reconhecer ao homem o maior grau possível de liberdade, só restringindo esta quando e na medida em que for necessário».

★ O deputado Cunha Araújo, membro da comissão parlamentar eventual nomeada pelo presidente da Assembleia Nacional, depois de atacar a «Lei de Sepa-

ração» de 1911, disse a certa altura: «Vinte foram as bases sujeitas à discussão, muito facilitada, como já o frisei, pelo cuidadoso estudo da Camara Corporativa, todo dominado pela preocupação de dar resposta aos anseios da grande massa religiosa do País, anseios que não tivemos dificuldades em reconhecer, para que, sem subordinação aos princípios de cada um de nós, todos pudessem livremente entregar-se às práticas dos diferentes cultos com que julgavam melhor servir a Deus. Por assim o entender, o próprio Governo, dado o parecer da referida camara, não teve dificuldades em transformar o Projecto da Proposta n.º 6/X na proposta da lei cujo texto, renovado, mandou inserir no «Diário das Sessões» de 2-VI-71 sobre que incidiu o nosso trabalho, e que foi objecto de larga controvérsia em que todos livremente expendemos as nossas opiniões, aqui e além divergentes quanto ao espírito ou quanto à forma, de qualquer modo unânimes no essencial que importava garantir».

★ Por último, o deputado João Lopes da Cruz afirmou: «Não obstante o extremo melindre de que se revestem sempre as questões religiosas, as repercussões importantíssimas que têm tido na vida dos povos através de todos os tempos, a presente proposta governamental apresenta desde logo uma primeira característica fundamental que lhe molda todo o conteúdo — e é que não visa diminuir qualquer querela religiosa pendente e muito menos suscitá-la. Apesar disso a sua oportunidade é flagrante, procurando ajustar em disposições legais claras e cautelosas o direito e liberdade individual consignado no n.º 3 do art. 8.º da Constituição Política vigentes — a liberdade e a inviolabilidade de crenças e práticas religiosas».

★ Hoje deve terminar a discussão na generalidade da proposta de lei sobre a Liberdade Religiosa.

Urbano Rodrigues

que foi director de «O Mundo» morreu esta madrugada

Urbano Rodrigues, que foi político e jornalista, com posições de relevo na imprensa do período que se seguiu a 1910, que foi secretário de Afonso Costa durante alguns anos, e parlamentar democrático, que há quarenta anos era redactor do nosso prezado colega «Diário de Notícias», faleceu esta madrugada.

Personalidade bem conhecida tanto nos meios jornalísticos, como nos meios políticos e sociais, Urbano Rodrigues foi também romancista e dramaturgo de mérito, mas foi no campo da imprensa que ele marcou mais o seu nome, chegando a ser director de «O Mundo», órgão do Partido Republicano Português.

Urbano Rodrigues completara 88 anos há alguns dias, nascido que fora em Serpa em 9 de Julho de 1888. Achava-se doente há tempos e pouco saía. Afectara-o muito a morte de sua esposa, ocorrida há poucos anos. A infância passou-a junto dos avós, em Moura e, aos 16 anos, veio para Lisboa, matriculando-se no Curso Superior de Letras que não concluiu. Ainda estudante foi um dos promotores da homenagem a Teófilo Braga, por ocasião das bodas de ouro literárias daquele escritor e político que seria o chefe do Governo Provisório da Republica.

No jornalismo começou pela «Vanguarda» de Magalhães

Lima e, depois, colaborou na página literária de «O Século» e, em seguida, entrava para «O Mundo» de que foi chefe da redacção, ainda no tempo de França Borges e da propaganda republicana.

Proclamada a Republica, foi logo em 1911 secretário do prof. dr. Afonso Costa, cargo que voltaria a desempenhar em 1917, na altura em que aquele eminente estadista desempenhou pela terceira vez a Presidência do Ministério, na altura da União Sagrada. Acompanhou-o a Londres, nas missões daquele homem público.

E, após o período sidonista, assumiu a direcção de «O Mundo», então órgão do Partido Democrático.

Com o 28 de Maio entrou num período de retraimento, recolhendo-se às suas propriedades no Alentejo. Regressaria depois, em 1932 para a redacção do «Diário de Notícias» onde assinou muitos artigos e entrevistas, repórtares e grandes também a diversos países da Europa, no período da Segunda Guerra Mundial.

Como parlamentar fora eleito pelo Partido Democrático para a Camara dos Deputados, em 1918, pelo círculo de Beja, fazendo ainda parte de outros parlamentos.

A obra literária de Urbano Rodrigues marca uma fase da sua vida, entremeando-se de obras de imprensa, misto de relatos e reportagens, como as que realizou em Roma sobre Mussolini, as dos Balcãs, a da Coroação de Jorge VI.

Outras obras literárias incluem romances, novelas, teatro, conferências diversas também. Acima de todas a «Última Aventura de D. João», que lhe valeu o prémio «Ricardo Malheiros» da Academia das Ciências. Outras obras suas «Coração», que foi o seu primeiro romance, «A Duquesa de Baeta», «Idolo de Carne», «Cinco Aventuras sem Importância», «Viagem através de uns Olhos Verdes», «Sonho em Pompeias», «A Vida Romanesca de Teixeira Gomes», «Passeio a Marrocos», que o S. N. I. premiou, «A França em Marrocos». No teatro assinamos: «Maria da Graça», «Última Aventura» e «A Posse», «O Camarim» e «O Grande Pecado».



URBANO RODRIGUES

Urbano Rodrigues era viuvo da sr.ª D. Maria da Conceição Tavares Rodrigues, pai dos srs. dr. Urbano Tavares Rodrigues, nosso prezado camarada de redacção, casado com a sr.ª D. Maria Judite de Carvalho, também nossa camarada de trabalho; Miguel Urbano Rodrigues, ausente no Brasil, casado com a sr.ª D. Fleurette Treiffant Tavares Rodrigues; e Jorge Rodrigues, director da Agência Latina, casado com a sr.ª D. Maria Eugénia Jácome de Castro Tavares Rodrigues. Era axó das meninas Isabel e Maria da Paz, e dos meninos Miguel Urbano, Sérgio, Fernando, Jorge e João Pedro Tavares Rodrigues. Irmão da sr.ª D. Catarina da Palma Rodrigues Vila Lobos da Gama Pinto e tio do nosso colega de jornalismo Urbano Carrasco, redactor do nosso prezado colega «Diário Popular».

O corpo de Urbano Rodrigues foi transferido, ao meio-dia, para a Casa da Imprensa, onde ficará em camara ardente até amanhã, às 10 e 80, em que o funeral sairá para o cemitério de Benfica.

A toda a família enlutada, e em particular ao nosso camarada dr. Urbano Tavares Rodrigues, apresentamos sentidos pesames.

SUFRAGIOS

Luís Alvarez Teixeira Pombo

Sua família, profundamente consternada com o seu falecimento, convida os parentes e demais pessoas amigas para a missa do sétimo dia, que será rezada por sua alma, amanhã, às 12 e 15, na igreja da Lapa, no Porto.

Externato Sebastião da Gama

INFANTIL PRIMÁRIO
CICLO PREPARATÓRIO — LICEU
(5.º e 7.º completos)
AULAS DIURNAS E NOCTURNAS
ABERTAS AS INSCRIÇÕES

Av. Almirante Reis, 106, 1.º — Telef. 822776/823531
(Frente à Cervejaria Portuguesa)

Liceu-Institutos

CICLO PREPARATÓRIO
Cursos práticos de dactilografia e/ diploma

ESCOLA SÃO VICENTE:

Rua do Paraíso, 28 — Telef. 865904
EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:
Rua Edith Cavel, 8 (ao Chile) — Telef. 820221
EXTERNATO ALVARES CABRAL:
Av. Grão Vasco, 1 (frente à Igreja de Benfica) —
Telef. 706974

CURSOS DE FÉRIAS

Julho, Agosto e Setembro

Sá de Miranda

ENSINO PRIMÁRIO E JARDIM INFANTIL
CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL
DIURNO - NOCTURNO

Rua Alexandre Braga, 17 (à Estefânia)
Telef. Secret. 45310 — Direcção 537532

CURSOS DE VERÃO CRISFAL

3.º CICLO — 2.ª ÉPOCA

AV DA REPUBLICA, 83 — TEL. 77 98 47 - 76 96 28

LICEU

E CIC. PREPARATÓRIO
Diurno e nocturno
Ext. N.º Sr.ª da Saúde
L. CONDE DE POMBEIRO, 12
Tel. 57048 (aos Anjos)



URBANIZAÇÃO APROVADA PARA PRÉDIOS DE RENDIMENTO

CARCAVELOS — PAREDE

GRANDE URBANIZAÇÃO APROVADA PARA
184 FOGOS, EM 23 PRÉDIOS DE 4 PISOS CADA
(ÁREA DE CONSTRUÇÃO — 14 950 m²), JUNTO A
ESTAÇÃO DE CAMINHO DE FERRO DE CARCAVELOS, PERTO DO MAR, EM ZONA DE GRANDE
DESENVOLVIMENTO.

DÃO-SE FACILIDADES

Telefones 28 23 45 Aceitam-se propostas em carta fechada e
28 23 88 dão-se informações em Cascais, na Av.
Valbom, 28-1.º, dt.º

AO COMÉRCIO DE PRONTO A VESTIR

Firma idónea, c/ sede em óptimo centro ind., dispondo de inst. de luxo destinadas a este comércio, e situadas na artéria principal da localidade, entraria em contactos directos c/ firma de capacidade comercial ou industrial p/ exploração em comparticipação, e em regime a combinar.

Oferece-se todas as garantias, e exige-se reciprocas referências: Resposta a A. M. Moura, Parada Alto de S. João, N.º 14, 1.º, Esq.º — Telef. 84 32 31 - 55 34 33.

Reuniu-se em Coimbra o curso a que pertenceram Salazar e Cerejeira

COIMBRA, 15. — Reuniu-se hoje aqui os componentes do curso jurídico de 1910-1915, ao qual pertenceram quase dois centenas de estudantes, entre os quais o cardeal Gonçalves Cerejeira e os falecidos presidente Salazar, dr. Joaquim Manso, fundador e director do «Diário de Lisboa», José Nosolini, Cruz Alvura, Medeiros de Almeida, Alfredo Noroeste, Diogo Ribeiro, Ribeiro Coelho e Medeiros Antunes.

São ainda vivos, além do cardeal Cerejeira, os dres. Nuno Simões, Paes de Carvalho, Eduardo Coimbra, Serra de Carvalho,

Tito de Betencourt, Agostinho Fontes Pereira de Melo, Tarquinio de Betencourt, Veiga Beirão Junior, Sampão Duarte, Gomes da Silva, Francisco Zagalo, Assis Teixeira, Cunha e Silva, Henriques de Sousa, Andrade Pereira, Rafael Lisboa, Castano Nunes, etc.

Os componentes que puderam comparecer, concentraram-se no pátio da Universidade e assistiram à missa na capela da Universidade. Depois apresentaram cumprimentos ao reitor da Universidade e ao director da Faculdade de Direito e reuniram-se num almoço de confraternização.



CANAL DA CRÍTICA

POF MÁRIO CASTROLIM

POR QUE É QUE NÃO FALAM DO TRÂNSITO?

A fala foi dada aos homens, rei dos outros animais. A Televisão, por sua vez, serve para levar longe, a todos os lugares, a fala que foi dada aos homens. Pelo que sucedeu ontem podem ambos limpar as mãos á parede pela obra feita. Três a falar e nenhum a convencer. Nenhum a merecer ser ouvido, todos a falhar no compromisso (que julgáramos existir) com uma dada realidade, melhor dizendo: poderia pensar-se que cada uma das três personagens televisivas de ontem nos viria dar uma imagem essencial de si próprio — da sua actividade, da sua personalidade, da sua experiência. Da sua humanidade, enfim. Se a fala foi dada aos homens para estes a usarem como usaram ontem — então eu prefiro a girafa que é um ser totalmente mudo e não tem a pretensão de dizer coisas. Ou de fingir que as dizem. O que é mais grave.

o estudo do folclore tem de assentar em bases científicas, sem o que as coisas serão facilmente distoríveis. E esteve com a razão ao apontar as dificuldades com que lutam quantos, no nosso país, arrostam com a velocidade de estudar as criações do nosso povo. Ah, mas onde Carlos Paredes é bom mesmo, lá onde ele nos arrosta e nos convence e na guitarra. Mais uma vez o demonstrou ao acompanhar Ceclia de Melo em três canções populares portuguesas.

DA MENTIRA PIEDOSA AO PIEDOSO SILÊNCIO

Outro mal falador é Mário Braga. Mal falador e com uma desgraçada telepresença: sempre de perfil, sempre de cabeça baixa, os olhos erram, fogem aos encartes, um rosto baço perdido no pano de fundo da livraria. Em resumo: uma presença nada convincente.

Eu sei porquê. É a falta de hábito. A falta de prática. É por isso que, enquanto Tomaz de Figueiredo, Fernando Guedes, Amândio César, Couto Viana, David Mourão-Ferreira, etc., ostentavam ou ostentam á-vontade e descontração diante das câmaras, outros, como Gaspar Simões, Virgílio Ferreira, Cesariny, Ramos Rosa, D. Natália Correia, D. Teresa Horta, D. Isabel Barreno, etc., etc., e Mário Braga, a partir de ontem, se mostram canhestros, chochos, nham-nhans. Oxalá venham a recuperar o tempo perdido e a ganhar aquele desembaraço que faz de uma presença de televisão algo que nada tem a ver com o óleo de rícino.

Luís Cajão, o entrevistador de Mário Braga para a *Convergência*, começou por dizer que o escritor *tem abordado com a mesma destreza e segurança o conto, a novela, o romance, a crónica, o ensaio e o teatro*. Não é verdade. A entrevista, ao principiar com uma piedosa mentira, principiava da pior maneira.

Sobre o ambiente cultural de Coimbra, Mário Braga afirmou que Coimbra é uma cidade de passagem e a sua população vive muito dependente da Universidade e dos estudantes. Sendo certo que Coimbra funcionava como centro catalizador de uma juventude dispendível. Quanto á importância dos meios au-

dio-visuais, respondeu que os encarava com alguma preocupação, pois tudo depende de quem domina esses meios. Mas, é claro, são meios poderosíssimos e não para desprezar.

Obrigatoriedade para as editoras de publicar determinada percentagem de obra nacional? *Espera, agora é que o Mário Braga vai dizer que o fulcro da questão editorial, a atender em primeiro lugar, não é esse, esse é mesmo para iludir a questão central, agora é que o velho neo-realista lhe vai cantar...* Não cantou. Que sim, que as editoras recorrem com exagero á importação; que o processo, pelo que continha de coação, não lhe agradaria, mas enfim... os países nórdicos, por exemplo, cuja língua não é falada por tantos milhões, como a nossa. Vejamos o caso da Finlândia...

Luís Cajão refere-se ao sectarismo que grasta entre os escritores portugueses, á sua falta de convívio. Mário Braga concorda, que estamos muito divididos em capelinhas e grupinhos, que estamos divididos ao nível pessoal. O entrevistado diz-nos que isso já vem dos tempos da Inquisição. Será que a presença de Braga na *Convergência* é sinal de um

convívio a estabelecer entre os escritores portugueses?

Mais não sei quê o neo-realismo, mais não sei quê os diálogos para um filme. Ainda vivia a esperança de que Mário Braga nos contasse, por exemplo, a gesta da publicação e da vida da *«Vértice»*, que nos contasse algumas das histórias suas e de confrades seus, que nos contasse o que significou e significava ser escritor em Portugal. Mas não contou. O cigarro tinha acabado de arder nos seus dedos. A entrevista, essa, ardera há muito.

O terceiro conversador da noite, António Lopes Ribeiro, funcionou como que numa sucursal da *«Convergência»*, pois a razão imediata daquele *«Frente a Frente»* assentava na publicação de um livro de crónicas.

FICAMOS À ESPERA...

António Lopes Ribeiro é homem que aprecia o espectáculo. Sabe o que vale. Abira uma

(Continua na 8.ª página)

CARLOS PAREDES:

O MELHOR É A GUITARRA

Claro, também há o dom da palavra. Nem todos são obrigados a. Há quem fale menos bem e trabalhe optimamente noutro sector. Como é, por exemplo, o caso de Carlos Paredes. Paredes é velloso apossar-se da guitarra e ver a guitarra apossar-se dele, num corpo-a-corpo violento que tem muito a ver com um encontro amoroso. Dificilmente alguém dirá, por palavras, melhor do que o diz Carlos Paredes pelas cordas da guitarra. Por isso mesmo Paredes devia calar-se muito caladinho e deixar toda a eloquência para os dedos — isto a julgar pela entrevista a que o sujeitaram ontem no *«Pop 25»* e em que o melhor de tudo foram as palavras de Fernando Lopes Graça tiradas de um dos seus livros, muito a propósito, por Dinis de Abreu. Porque a intervenção de Paredes foi o caos, foi a perfeita confusão: musica ligeira, musica popular, musica séria, arranjo, recordes, acordeão, etc., etc., e novamente o folclore, os arranjos, a musica séria, o musico ligeiro que é irmão do musico popular, etc., etc., e Dinis de Abreu também sem saber onde estavam, pois sim senhor, pois sim senhor, pois vamos lá ouvir mais estas palavras de Fernando Lopes-Graça... No entanto, Carlos Paredes (porquê tanto nervosismo, ninguém lhe fazia mal, homem!) acertou numa posição chave: que

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.ª Programa metropolitano — As 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: «Fala», Programa para Adolescentes, por Ana Maria; 18 e 05: A Convidada de Hoje: Sylvie Vartan; 18 e 20: Espectáculo — Teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Musica Popular Portuguesa; 19 e 10: Zorzueta: Selecção de; «Las Musas Latinas» (Manuel Penella); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O Conjunto «Cream»; 20 e 30: 1.ª Episódio do Folhetim «Mathias Sandorf», de Julio Verne, numa adaptação de Alvaro Martins Lopes; 20 e 50: Melodias pela Orquestra Caravelle; 21: Momento 71; 21 e 20: Musica só musica; 21 e 30: O Coro Feminino da Emissora Nacional; 21 e 50: Dia a dia com a Ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Guitarradas, pelo conjunto de Jorge Fontes; 22 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 23 e 05: Musica latino-americana; 24: Fecho.

2.ª Programa metropolitano — As 16: Que quer ouvir — Programa elaborado por Margarida Brandão; 18: Musica Portuguesa — obras de compositores do século XVIII; 18 e 44: Três nocturnos op. 9 de Chopin pelo pianista, Adam Horszewicz; 19: O Canto e os

seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Concerto de câmara com o organista Richard Vogt e o Coro Bach, dirigido por Pierre Salzman, realizado na Igreja Evangélica Alemã, em Lisboa; 20 e 49: A Orquestra de Câmara de Moscovo, dirigida por Rudolf Barshai; 21: Árias de óperas pelo tenor Cesare Valtieri; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Musica sinfónica; 22: História do Teatro Português, pelo dr. Duarte Ivo Cruz; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

Programa estereofónico — MF 2 — As 21: Trechos de comédias musicais da Broadway, pela Orquestra Festival de Londres e Coros, sob a direcção de Stanley Black; 21 e 20: John Denver: Whose Garden Was This; 21 e 31: Temos de filmes, pela Orquestra Percy Faith; 21 e 30: Manuel Brancinho canta fados de Coimbra; 22: Musica de bailado — La Péri (Burgmüller), pela Orquestra Sinfónica de Londres, sob a direcção de Richard Bonynge; 23 e 07: Canções de Schubert pelo barítono, Dietrich Fischer-Dieskau, ao piano, Gerald Moore; 23 e 37: Musica de câmara: Trios de Beethoven e Brahms; 0 e 44: Musica de teclado — Sonatas para cravo, de Carlos Seixas, pelo cravista, Huguette Dreyfus; 1: Fecho.

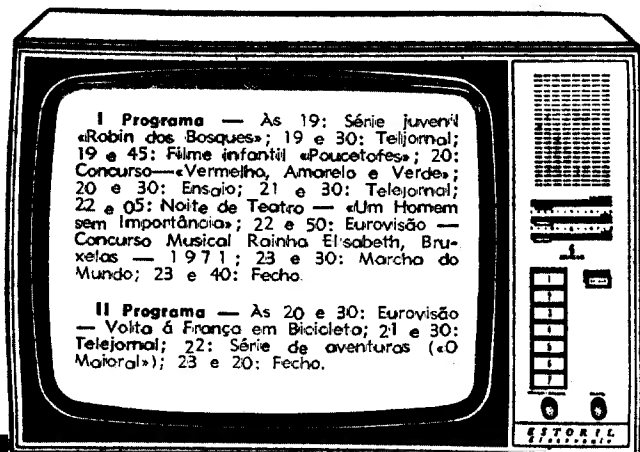
RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Vénice; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á G6-G6; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s. — 782 kc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matiné teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbiloc; 19 e 35: Estudo 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: S6-rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Variedades; 23 e 04: Clube da Juventude.

TV dia a dia

HOJE PODE VER..



I Programa — As 19: Série juvenil «Robin dos Bosques»; 19 e 30: Telemag; 19 e 45: Filme infantil «Poucetofes»; 20: Concurso «Vermelho, Amarelo e Verde»; 20 e 30: Ensaio; 21 e 30: Telemag; 22 e 05: Noite de Teatro — «Um Homem sem Importância»; 22 e 50: Eurovisão — Concurso Musical Rainha Elisabeth, Bruxelas — 1971; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 40: Fecho.

II Programa — As 20 e 30: Eurovisão — Volta á França em Bicicleta; 21 e 30: Telemag; 22: Série de aventuras («O Matorral»); 23 e 20: Fecho.

SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

AMANHÃ — I Programa — 1.ª Período — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série («Uma Mãe para Eddie»); 13 e 45: Telemag, 1.ª edição; 14: Minidecoração — por Gustavo Fontoura; 14 e 15: Logo á noite — Cartaz dos programas; 14 e 20: Fecho. 2.ª Período — As 15 e 48: Abertura e Eurovisão — Volta á França em Bicicleta, transmissão directa dos últimos quilómetros da etapa Bordéus-Poitiers; 16 e 50: Fecho. 3.ª Período — As 19: Abertura e TV Juvenil — Coordenação de Maria do Sameiro Souto; 19 e 30: Telemag, 2.ª edição; 19 e 45: Filme infantil («Os Poucetofes»); 20: Programa feminino — Nós as mulheres; 20 e 25: Série comédia («Doido com Juízo»); 20 e 55: Cartaz TV — Jorge Alves apresenta os programas para a próxima semana; 21 e 10: IX Corrida TV-1971; 21 e 30: Telemag, 3.ª edição (incluindo o Boletim Meteorológico); 22 e 05: Série policial («Os Vingadores»); 23: Os anos 60 da vida internacional; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 20 e 30: Abertura e desenhos animados; 20 e 40: Minidecoração — por Gustavo Fontoura; 21: Filme de série («Uma Mãe para Eddie»); 21 e 30: Telemag, 3.ª edição; 22: TV Jazz — Festival de Harlem (4.ª programação); 22 e 30: Eurovisão — Volta á França em Bicicleta, reportagem da parte final da etapa Bordéus-Poitiers; 23 e 30: Fecho.



TUDOR pilhas secas

REDE TELEFÓNICA PRIVATIVA GOVERNAMENTAL DE LISBOA

Foi aprovado pelo sr. ministro das Comunicações o Regulamento da Rede Telefónica Privativa Governamental de Lisboa.

Segundo a determinação ministerial compete aos TLP estabelecer na área da sua jurisdição de Lisboa e arredores, em paralelo com a rede de serviço público, uma rede telefónica privativa governamental modernizada para a aceleração do estabelecimento das comunicações telefónicas de entidades a que aludem o artigo 36.º dos Estatutos dos CTT e o artigo 13.º, n.º 2, do Estatuto dos TLP.

Podem ser ligados à mesma rede privativa postos cujos titulares sejam: directos colaboradores daquelas entidades, desde que estes figurem em lista genérica aprovada pelo ministro das Comunicações.

Salvo para as entidades referidas, o uso da rede privativa fica sujeito às taxas do tarifário dos TLP e, fora dos limites da cidade de Lisboa, é apenas extensivo às residências do secretário-geral e do chefe da casa militar da Presidência da República, bem como dos chefes de gabinete dos membros do Governo.

Como os das redes públicas, os postos telefónicos da rede privativa podem ser principais ou suplementares, admitindo quaisquer acessórios regulamentares e serão montados nos locais designados nas respectivas requisições, salvo nos casos referidos na parte final do n.º 3 do artigo 1.º.

A utilização dos postos da

rede privativa por familiares ou agentes dos respectivos titulares é da exclusiva competência destes últimos. Tais postos podem interligar-se com outros quaisquer das redes de serviço público nacional ou internacional, ficando as comunicações correspondentes sujeitas às taxas aplicáveis, quando esse for o caso.

1. A rede telefónica local dos CTT em Lisboa será extinta logo que entre em pleno funcionamento a rede privativa referida. Até à sua extinção, na rede telefónica local dos CTT em Lisboa, excepto no que se refere às entidades a que alude o n.º 1 do artigo 1.º, mantêm-se as duas categorias de assinantes existentes, bem como as respectivas taxas.

É extinta a rede telefónica local dos CTT no Porto.

Vem no «Diário do Governo» de hoje (1.ª série) o decreto-lei, pelo Ministério da Educação Nacional, que aprova o estatuto legal da Universidade Católica Portuguesa.

O sr. general Francisco Rafael Alves substitui o sr. brigadeiro Ernesto Augusto de Almeida como vogal do Conselho Nacional de Estatística, como representante do Ministério do Exército.

Poderão os interessados requerer, pelo prazo de trinta dias, a sua nomeação para o lugar de conservador dos palácios e monumentos nacionais, nos termos do Decreto-Lei n.º 178/70, de 23 de Abril.

Os Drs. Fernando Augusto Henriques Pimenta, Raul Repas Gonçalves Alberto

Em três linhas

Eduardo Doherty Faria de Moraes, António Teodoro da Silva Taborda Pignatelli e José Maria Lopes, administradores do quadro pelos Hospitais Cívicos de Lisboa foram nomeados, em comissão de serviço, administradores dos hospitais integrados, bem como os srs. Drs. José Mendes da Silva Morgado e José Joaquim Nogueira da Rocha.

O presidente do Município do Porto e sua esposa oferecem amanhã, às 18 horas, nos jardins dos Serviços Municipalizados de Águas e Sa-

neamento uma recepção às individualidades citadinas.

O sr. José Fernando do Carmo de Assis Pacheco substitui no cargo de secretário do sr. secretário de Estado de Saúde e Assistência o sr. dr. José César Pinto Cardoso de Oliveira, a quem foi atribuído publico louvor.

Foram autorizadas alterações no orçamento da Caixa Geral de Depósitos, relativas ao ano em curso e no montante de 2 000 000\$00.

ACTIVIDADES LINGÜÍSTICAS EM VILAMOURA

No âmbito de um programa cultural de divulgação do moderno ensino de línguas, a «CIAL» — Centro de Línguas inicia na próxima segunda-feira, em Vilamoura, cursos de Verão em regime intensivo de português para estrangeiros e de francês, inglês, alemão e russo para portugueses, pelos métodos audiovisual e áudio-oral, com professores da nacionalidade e apoio de laboratório de línguas.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 7.ª página)

frase e ri, e procura o melhor ângulo para a câmara de serviço. Há, por vezes, rotações quase completas à procura da luzinha encarnada.

E porque Lopes Ribeiro aprecia o espectáculo e porque Mensurado nos prometeu, logo de início, atirar-se de cabeça nas perguntas indiscretas, era lícito julgar que iríamos para um «Frente a Frente» das delícias...

Ficámos à espera das perguntas indiscretas. Ficámos à espera, por exemplo, que viesse à baila, «A Revolução de Maio» e outras questões filmicas, e não só. Ficámos à espera e ainda estamos. Talvez sim, nessa altura aconteça entrevista digna de interesse. Porque para ouvirmos dissertar sobre as vantagens das crónicas; sobre a compilação das mesmas; sobre o papel social do «Primo Basílio» a partir da Juliana como pioneira da emanci-

pação das empreadas domésticas; sobre as falsas incompatibilidades entre a televisão e o cinema — para ouvirmos dizer que «A família Forsythe» é um filme como outro qualquer; que o mundo moderno começou em 1918; que, quando jovem, chutava à esquerda para isso, não, para isso para quê perder o melhor tempo de audiência de televisão portuguesa? Em que é que o facto de Lopes Ribeiro haver publicado um livro feito a partir de crónicas de jornal justifica a comunicação urgente com o maior público potencial da televisão? Meus senhores: não se dão V. Ex.as conta de que estão a pisar, diante da opinião pública, o risco do ridículo?

Dá vontade de repetir as palavras do ácido Soames no episódio de ontem da «Família Forsythe»: «Tratem de coisas sérias, como o trânsito...»

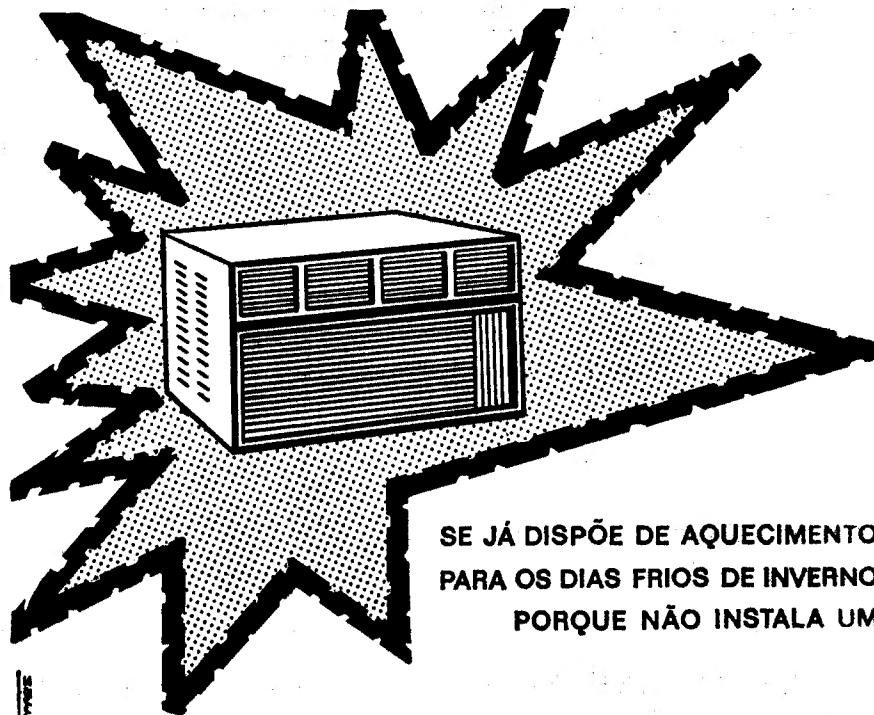
MARIO CASTRIM

SOCIEDADE «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 às 22 horas

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV



SE JÁ DISPÕE DE AQUECIMENTO PARA OS DIAS FRIOS DE INVERNO PORQUE NÃO INSTALA UM

CONDICIONADOR DE AR...

PARA DISFRUTAR NOS DIAS QUENTES DE VERÃO DE AR PURO E FRESCO

TARIFA ESPECIAL

VENDAS COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

CONSULTE AS CASAS DA ESPECIALIDADE OU AS

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE - LISBOA

BOM APETITE

RESTAURANTE CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

a furna
almoços jantares e ceias
até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

CHURRASCO
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
Rua das Portas St. Antão, 83
Telet 323059

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144 — Telet 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I. (Maiores de 5 anos)

SURDEZ

O CENTRO AUDITIVO

Informa que já recebeu os novos modelos de aparelhos populares a baixo preço.
MODELOS DE GRANDE DURAÇÃO — POUCA DESPESA EM PILHAS



Adaptação correcta por técnicos especializados.

Garantia técnica e assistência nas nossas oficinas.

EXPERIÊNCIAS GRÁTIS — FACILIDADES DE PAGAMENTO

Consulte o CENTRO AUDITIVO

— a casa mais moderna em aparelhos auditivos —

LISBOA — Rua Aquiles Monteverde, 32-1.º — Telet. 5 95 97
(frente ao Jardim Constantino — à Estefânia)

Direcção de Francisco Marcão — 23 anos de especialidade

AINDA PODE COMPLETAR A SUA COLECÇÃO DE «CABEÇALHOS»

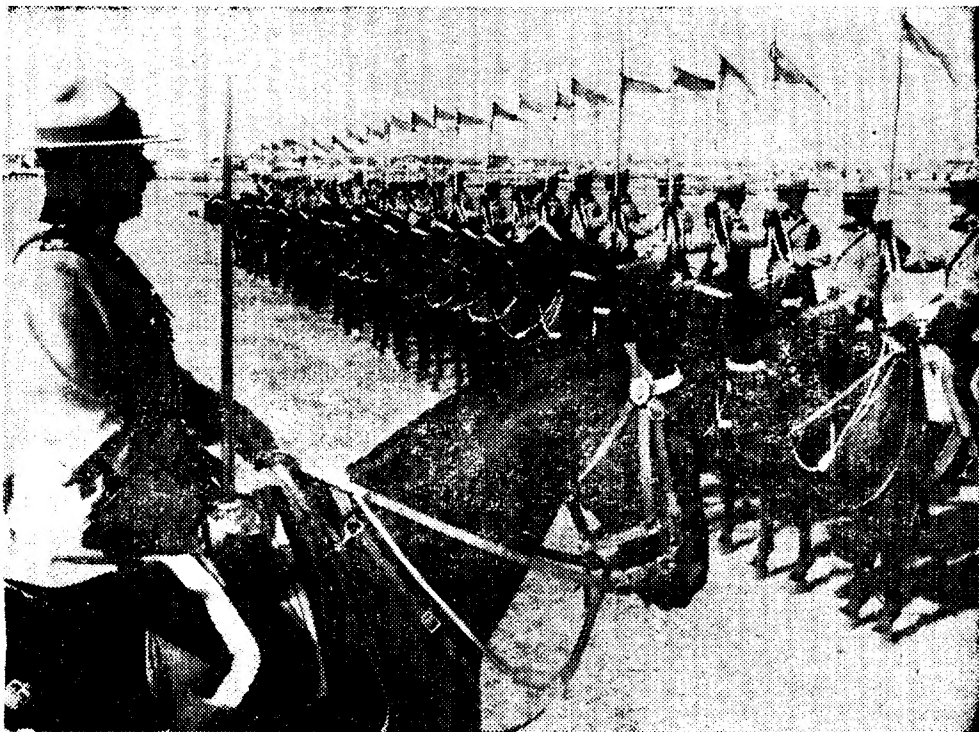
Ainda pode completar a sua colecção de «cabeçalhos». Até ao próximo dia 26, data marcada para a realização do sorteio, tem possibilidade de adquirir os exemplares que lhe faltam e, assim, ficar habilitado aos magníficos prémios instituídos para a segunda fase da iniciativa com que o «Diário de Lisboa» assinala a comemoração do seu cinquentenário.

Recorda-se que depois de ter sido contemplado em sorteio, o leitor é obrigado a exibir perante um delegado do nosso jornal e um representante da autoridade da localidade onde reside a colecção de «cabeçalhos» (título e data da primeira página) publicados entre 17 de Abril findo e 7 de Julho corrente. Assim se identificará como leitor regular do «Diário de Lisboa» e entrará na pos-

se do prémio que lhe for atribuído em sorteio. Mais se acrescenta ser permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por cada mês de publicação.

Chamamos, pois, e mais uma vez, a aten-

colecções de «cabeçalhos». Os exemplares que faltarem podem ainda ser adquiridos. Se o leitor for residente em Lisboa, conseguí-los-á, facilmente, nos nossos serviços: Rua Castilho, 185-1.º ou Rua Luz Soriano, 17. Os leitores da provín-



A Polícia montada do Canadá é, sem dúvida, das mais famosas do Mundo. Toronto, Montreal e as famosas Cataratas do Niagara, além de exercícios da célebre corporação, poderão ser registados pela objectiva das máquinas fotográficas de leitores do «Diário de Lisboa» que, em aviação CP-Air, vão realizar uma viagem inolvidável.



ção de todos os participantes para a conveniência de conferir as

JORNAIS ATRASADOS

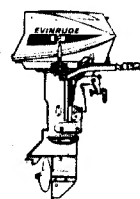
- Os leitores, residentes em Lisboa, que pretendam jornais atrasados e não os consigam nos vendedores habituais, podem adquiri-los na Rua Castilho, 185, 1.º e na Rua Luz Soriano, 17, das 9 e 30 às 12 e 30 e das 14 e 30 às 18 e 30, excepto aos sábados, em que o horário é das 9 e 30 às 13.
- Os leitores que morem fora de Lisboa podem dirigir-se por carta à Rua Castilho, 185, 1.º, enviando o valor dos jornais desejados, pelo correio, podendo fazê-lo por cheque, selos ou vale do correio.

cia deverão dirigir-se por escrito ao serviço de assinaturas do nosso jornal: Rua Castilho, 185-1.º, Lisboa-1, enviando a importância total dos exemplares solicitados em cheque, vale ou selos de correio, à razão de 1\$50 por exemplar.

Recomendamos ainda que não devem os retardatários guardar para os últimos dias a

tarefa de completar as suas colecções de «cabeçalhos». Repetimos: o sorteio dos prémios está marcada para o próximo dia 26. Ainda está marcado para o completar a sua colecção de «cabeçalhos» e habilitar-se, assim, a prémios magníficos. Nunca será de mais insistir: vale a pena ser leitor do «Diário de Lisboa»!

VERSÁTIL E ECONÓMICO EO MAIS POPULAR DO MUNDO



Profissionais de pesca e praticantes de ski náutico de todos os pontos cardiais conhecem-no. Ele possui um termostato para regulação da temperatura de funcionamento. Ele tem uma cambota com contra-pesos para equilibrar perfeita e ausência de vibrações. Ele, o **EVINRUDE FASTWIN 18 HP** é ainda facilmente transformável para funcionamento a «trato» (o que o torna ainda mais económico). Ele... é o produto da mais avançada técnica Evinrude.

EVINRUDE
O PODER DA EXPERIÊNCIA



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
AV. 24 DE JULHO, 52 A/G - LISBOA - TELEF. 66 77 94

EIP-EV-4 A

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

Cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Moscarelhas e Elisete Cascais. Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo, 60\$00. Rua das Taipas 14. Tel. 327256.

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melão, Correira, Maria da Nazaré. Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos.

Consumo mínimo, 90\$00. Beco das Cortumes, 10. Tel. 860816.

TIMPANAS

Cantam: Tito Odemiro, João Fernandes, Emílio Reis, Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

Canções do Minho por Quim Barreiros. Cons. mín., 61\$50 (taxas incl.). Rua Gilberto Rola, 24. Telefones: 676655 e 672431.

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto, Francisco Martins e Alcindo Carvalho. Tocam: Jaime Santos e An-

tónio Proença. Danças regionais por conjunto privativo. Rua «Diário de Notícias», 107. Telef. 328307. Consumo mínimo, 60\$00. Encerra aos domingos.

ADEGA MACHADO

Cantam: Maria Portugal, Tina

Ferreira, Ivete Pessoa, Esmeralda Amado, Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Tocam: Liberto Conde América Silva e Victor Ferreira. Fandango pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Os Arautos Encerra às 2.ª-feiras. Consumo mínimo: 70\$00. Rua do Norte, 91. Tel. 30095-28713.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado. Variedades Internacionais. Telef.: 264521-264526-264596-264621-264946.

ADÁGIO

A presença de JOSÉ LETRIA, Pop-Soul e Underground. Sempre os últimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Aberto todos os dias, das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. Rua Carlos dos Reis, 51-A. Telef. 775695.

TAMILA

Marão e s/ Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69. Tel. 534117. Matinéas todos os dias. Encerra aos domingos.

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas. Música constante. Calçada Marquês de Abrantes, 64-66. Telef. 667264.

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente. Rua S. Tomás, 86, A B C — ALFAMA — LISBOA — Tel. 861633.

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira. Aberto até às 5 da madrugada. Rua da Trindade, 9. Telef. 327109. Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa—

Música constante. Av. Marechal Carmona. Tel. 367136. Encerra às 3 horas.

MAXIME

Conjuntos. Reacção e Maximiliano. «Show» turístico. Variedades Internacionais. Praça da Alegria, 58. Telef. 55366.

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384. Conj. Hélder Reis. Encerra aos domingos.

a fuma
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(à duque de loulé)

TERRAÇO DAS ESTRELAS
(HOTEL EMBAIXADOR)

CONJUNTO OLIVER. Ave-

nida Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

BATACLAN

Rua Ramalho Ortigão, 39-A. Telef. 560430.

BAR: Aberto das 19.00 às 3.30 h.

DISC.: Aberto das 22.00 às 3.30 h.

NOITES DE PARIS EM LISBOA

ENCERRADO AOS DOMINGOS

FESTIVAL DE CANNES, ANO XXV (7)

«PANIC IN NEEDLE PARK» TREMENDO REQUISITÓRIO CONTRA A DROGA

No plano da competição oficial, a presença dos países do Terceiro Mundo no certame foi bastante precária. Lamentavelmente, pois é largamente reconhecida a valia do seu cinema. Vivo, actuante. Suprindo a falta de meios, os seus directores têm pugnado por expressar-se numa linguagem própria, dentro de uma cultura autónoma e de uma luta vibrante contra a sujeição. E têm, assim, alcançado uma vitalidade e autenticidade que põem em xeque muitas obras do cinema do Mundo Ocidental e desenvolvido, vítima, com frequência, do progresso tecnológico, das suas ligações e compromissos.

Assim, o filme brasileiro «Pindorama», de Arnaldo Jabor, (um poeta que se encaixou com êxito para o cinema, alcançando, logo no início da carreira de realizador, importantes galardões e grande êxito com as suas primeiras películas:

«O Círculo», curta-metragem a cores, de 1956; e «Opinião Pública», sua primeira grande-metragem e também um documentário, premiado em Paris, em 1967) passou discretamente no Festival, havendo quem lamentasse ter esta película sido escolhida para representar oficialmente, a concurso, a cinematografia do país irmão no certame. Escreveu-se, a propósito... «Pindorama», de Arnaldo Jabor, numa relação tem com as obras do «Cinema Novo» (aqui intervinham nós para recordar que já não há «Cinema Novo»; que o «Cinema Novo» acabou com a década de 60 de Rocha (Glauber), Guerra (Ruy), Diegues (Carlos), etc., que leram fama a um movimento cultural e artístico, a um fenómeno ideológico. Cópia grosseira de Glauber Rocha, o primitivo é aqui artifício e banalidade. O valor do grito e o ruído convertem-se em farsa torpe. Uma vez mais se evidencia o erro das designações oficiais. O Festival de Cannes não é um encontro propício de revelações, pelo menos no que respeita à presente edição. Inclina-se antes para os autores consagrados como

elemento de sugestão» (o que, efectivamente, também era verdade).

Impressionante (e excelente) promoção brasileira

Até certo ponto, o juízo acima exposto apoia-se em fundamentada razão. «Pindorama» não teve, em boa verdade, acolhimento entusiástico, foi olhado até, por muitos, com magoada decepção. Contudo, e muito mais do que tudo isso, «Pindorama» não foi compreendido, entendido no seu exacto sentido e dimensão (aliás, ainda houve quem, honestamente, tivesse afirmado e escrito, em confissão aberta, o não entendimento cabal e suficiente da obra observada).

Arnaldo Jabor, por seu turno, explica assim o filme, que é a sua primeira grande-metragem de ficção:

««Pindorama» é um quadro fabuloso e semi-alegórico da nossa consciência popular, da nossa consciência de nação. É uma espécie de esboço crítico da psicologia social brasileira, que já tem 400 anos. É, enfim, um filme que tenta demonstrar a nossa grande maquiagem, colorida por 400 anos de mimicas, e a face que se consolidou por debaixo da máscara. «Pindorama» foi o maior esforço de toda a minha vida e, também, de quantos trabalharam comigo. O resultado do seu trabalho é formidável: cenários, fotografia,

som directo. «Pindorama» tem numerosos suportes culturais, até porque se baseia na minha consciência pessoal. É a minha segunda grande-metragem. Agora, quero realizar muitos filmes, utilizando, cada vez mais, o meu inconsciente e o do nosso povo.

Para além de «Pindorama» (que nos merecerá e justifica, após a publicação desta crónica, atenção mais demorada, incluindo importantes declarações do seu autor e apreção dos seus filmes anteriores), o Brasil apresentou no festival «Como era gostoso o meu francês», de Nelson Pereira dos Santos, bem como filmes doutros directores (Ruy Guerra e Roberto Santos, por exemplo) nas exhibições paralelas do Mercado do Filme. Outros ainda foram projectados na Semana da Crítica e na Quinze-

tusiasmado nas suas películas. Foi o que, com propriedade, se pode chamar um autêntico festival, dentro do Festival (outros houve, aliás, mas de índole bem diversa...). Deste notável esforço de promoção, o Brasil começou já a colher, muito justamente, saborosos resultados.

Espanha e U. R. S. S. cinema clássico

Numa competição que abarcou os géneros mais diversificados, os nossos vizinhos e a longínqua U. R. S. S. tiveram representação bastante próxima: seus filmes apresentados a concurso eram claros exemplos de cinema de estrutura clássica, didáctica, até, plenos de seriedade e dignidade. A Espanha com «Goya», História de uma Soledad, de Nino Quevedo; a U. R. S. S.

Por OLIVEIRA PINTO

na dos Realizadores. Para além disso, o seu Instituto Nacional do Cinema, da dinâmica e inteligente direcção de Ricardo Cravo Albin, apresentou, em Cannes, uma importante retrospectiva da cinematografia nacional. No total, (que ultrapassou largamente os limites estabelecidos para cada país, graças a uma autorização especial obtida com diplomacia, saber e arte...) foram 55 filmes, reportando-se a épocas e tendências as mais diversas e constituindo um verdadeiro e importantíssimo fresco da evolução do cinema brasileiro ao longo dos últimos 25 anos. Para tanto, arrendou um dos cinemas de Cannes — o Regent — durante o Festival, fazendo aí projectar, das 10 da manhã até à meia-noite, perante um público sempre numeroso, enchendo a sala, interessado e en-

com «Beg» («A fuga»), de Alexandre Alov e Vladimir Naoumov. O primeiro interpreta a luta interior, a tomada de consciência política, a dor do processo criativo de Goya, a sua amargura e amadurecimento ideológico; o segundo evocando o final da guerra civil na Rússia, no Outono de 1920. O Exército Vermelho controlando praticamente todo o país, batido dos russos brancos; a condição miserável dos emigrados da revolução bolchevista.

Uma corrida infernal contra a droga

Decididamente, o cinema americano escolheu bastante bem (senão na totalidade, pelo menos quase) os seus filmes para este festival. Depois de «Taking off», de Milos Forman e «Johnny got his gun», de Dalton Trumbo, unanime-



Com Bobby (Al Pacino), Helen (Kitty Win) descobre a fau

mente considerados dos melhores ali apresentados, surgiu outra obra notável vinda dos E. U. A.: «Panic in Needle Park», segundo filme de Jerry Schatzberg. É uma obra dura, cruel, acusadora. É um requisição tremendo contra a droga, com o estudo quase clássico da decadência daqueles que se deixam prender na sua teia. A busca, o peditório, perpétuo, repetido, dos intoxicados para obter a sua porção, para arranjar os dólares (por qualquer meio) é doloroso e trágico.

É uma autêntica corrida infernal, uma viagem ao mais negro da noite. Mas «Panic in Needle Park» é, também, uma história de amor entre dois seres que se unem para o pior, sem duvida, mas talvez também, um dia, st não para o melhor, ao menos para o menos mau. Vivem, amam-se, são felizes, sofrem dolorosamente no meio dos habitantes miseráveis, desfeitos progressivamente, daqueles pobres quarteirões do oeste de Manhattan.

Jerry Schatzberg soube apresentar esse quarteirão e os seus habitantes com uma verdade quase alucinante mas, também, com uma poesia pintada de desespero. Ultra-

passe, assim e aliás, bastante o realismo para atingir um tom e uma tragédia quotidiana temperada pela ternura do autor pelos seus personagens. Schatzberg não julga. Mostra, apresenta. E nenhum daqueles indivíduos é totalmente mau. Detesta-se o seu vício, mas tem-se piedade deles. O realizador é notável aproximando a «câmara» mais possível dos seus intérpretes. Não os deixa um segundo, sequer, permitindo ao espectador compreender e sentir a sua mais pequena reacção. Não há distâncias entre as personagens e o público. Chegar a este resultado sem artificios e, sobretudo, salvaguardando a imagem uma qualidade perfeita, é, na verdade, cometimento que deve enaltecer-se como merece.

«Panic» não tem nada a ver com esse falso cinema-verdade que é o pior dos aborrecimentos ou com o estilo pretensamente amoroso com que alguns pretendem dar a impressão da realidade. É cinema profundamente elaborado que atinge a espontaneidade. É o que se torna mais difícil de conseguir. Mas quando o resultado atinge esta qualidade de «Panic in Needle Park» é o triunfo total. Sai-se da projecção com a boca seca e amarga, os nervos arrasados e o espírito triste.

É um testemunho impressionante e eficaz.

É evidente que Schatzberg não poderia realizar tal filme e em semelhantes condições senão tivesse encontrado intérpretes de grande classe e em total comunhão com ele. O par protagonista, formado por Al Pacino e Kitty Winn, é prodigioso. Aliás, Kitty recebeu, no meio de extraordinária ovacão, o prémio para a melhor intérprete. E quer um quer outro tem em «Panic» o seu primeiro filme. Mas já são, não há duvida, grandes figuras da tela. Aliás, todos os demais intérpretes são igualmente sinceros e terrivelmente presentes.

Robert Chazal, ao fechar a sua apreciação entusiástica e apaixonada sobre «Panic», nas páginas de «France-Soir» escreveu:

«Panic in Needle Park» é, sem duvida, um filme duro e que pode ferir. Mas, por outro lado, é uma grande obra de arte e é, segura, absolutamente, a mais eficaz e a mais necessária das acusações contra um flagelo, uma epidemia que, na América, ameaça os jovens a partir dos 13 ou 15 anos de idade. Aliás, esta moda sinistra vai ganhando terreno entre a juventude europeia. Em vez de se proibir este filme aos menores de 18 anos, ele devia ser apresentado e comentado nos estabelecimentos de ensino. Filme escolar, didáctico, portanto.

SONHO DO JAPÃO

5 maravilhosas viagens ao Oriente:

JAPÃO
TAILÂNDIA
HONG-KONG - MACAU
FILIPINAS
PERSIA

24 dias inesquecíveis no Fascinante Oriente

Próximas partidas: Agosto 8, Setembro 5

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A:

SAS

Av. da Liberdade n.º 236A — LISBOA — Telef. 57116

O NOVO MATADOURO
DE COIMBRA

COIMBRA, 15 — Foi firmado contrato entre a Federação dos Grémios da Beira Litoral e uma firma francesa para a elaboração do projecto do futuro Matadouro Industrial e Regional de Coimbra, obra que está incluída no plano de matadouros regionais que o Ministério da Economia elaborou.

Este matadouro resultará da adaptação e transformação do actual Matadouro Municipal de Coimbra, dado o entendimento entre a Câmara Municipal e a Federação de Grémios do qual demos notícia em devido tempo.

O JULGAMENTO
DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Na 154.ª audiência do julgamento da Herança Sommer no 1.º Juízo Criminal da Boa Hora, sob a presidência do corregedor dr. Bernardino de Sousa, informou este magistrado que na passada sexta-feira, finda a sessão, e como no decorrer desta publicamente anunciara, se deslocou a casa da testemunha sr. Hermenegildo Wagner, acompanhado de um filho deste e do sr. dr. Fernando Marques Cordeiro, juiz assessor, para o tribunal entrar na posse, como o fez, de uma fotocópia exame, a escripturação da do relatório respeitante ao Transformat, efectuado por aquele depoente, por ordem do réu António Champalimaud, em 1956.

Na instância que depois continuou a ser-lhe feita, o sr. Hermenegildo Wagner afirmou que há cerca de um mês se dirigiu à sede de Empresa dos Cimentos de Leiria, ao já tão falado 7.º andar, onde, junto de uma empregada, na altura acompanhada de um administrador — cuja identidade ignora — da Companhia de Seguros «A Mundial», tratou de confirmar, para futuros esclarecimentos ao tribunal, da data exacta do relatório (21 de Novembro de 1956). Além de obter, desde logo, essa confirmação, o depoente veio a receber depois, em casa, por portador, a fotocópia, desde sexta-feira em poder do tribunal.

Interrogado, a seguir, sobre se conversara com alguém acerca da matéria dos autos ou do seu depoimento prestado na instrução preparatória ou a prestar em julgamento o sr. Hermenegildo Wagner disse que «em data que não podia precisar, mas num dos primeiros dias deste mês de Julho ou, talvez, no primeiro dia, foi convocado telefonicamente pela empregada que presta serviço no 7.º andar do edifício onde está instalada a E. C. L., a qual lhe disse para passar lá pelo escritório». E uma vez ali chegado, no dia seguinte, foi pela empregada apresentado ao advogado sr. dr. Proença de Carvalho (à data, defensor do réu), o qual, como ficou consignado na acta «lhe levou então em voz alta um papel com aquilo que o depoente tinha dito na polícia. Seguidamente, o depoente disse-lhe que ficou lembrado do que havia dito na polícia e que em julgamento, se fosse chamado, lá faria o seu depoimento.

— Mas que razões levaram o sr. dr. Proença de Carvalho a solicitar a sua presença? — tornou o presidente do colectivo.

— Suponho que era para me avivar a memória sobre o que eu tinha dito na Polícia Judiciária — aventou a testemunha.

E novamente o sr. dr. Bernardino de Sousa:

— E sabe de outras pessoas a quem o sr. dr. Proença de Carvalho também tenha avisado a memória?

Nesta altura interveio o sr. dr. Manuel João da Palma Carlos, declarando:

— Vim aqui apenas para defender o meu constituinte, António Champalimaud. Se V. Ex.ª está a fazer uma devassa a um colega meu, eu retiro-me e só voltarei à sala depois de terminada essa devassa.

— Não é preciso retirar-se, pois já terminou a instância da testemunha — atalhou o juiz presidente.

No entanto, e porque o juiz assessor, sr. dr. Saraiva Lima, insistiu em que a testemunha respondesse à última pergunta formulada, o advogado do réu abandonou efectivamente a sala, acrescentando:

— Peço ao tribunal que mande chamar-me quando terminar a devassa.

O corregedor sr. dr. Bernardino de Sousa mandou indagar se haveria no edifício do tribunal algum advogado que

pudesse tomar a defesa oficiosa do réu; e, como nenhum fosse encontrado, nomeou defensor officioso o sr. António Fernandes das Neves, escrivão do mesmo 1.º Juízo Criminal.

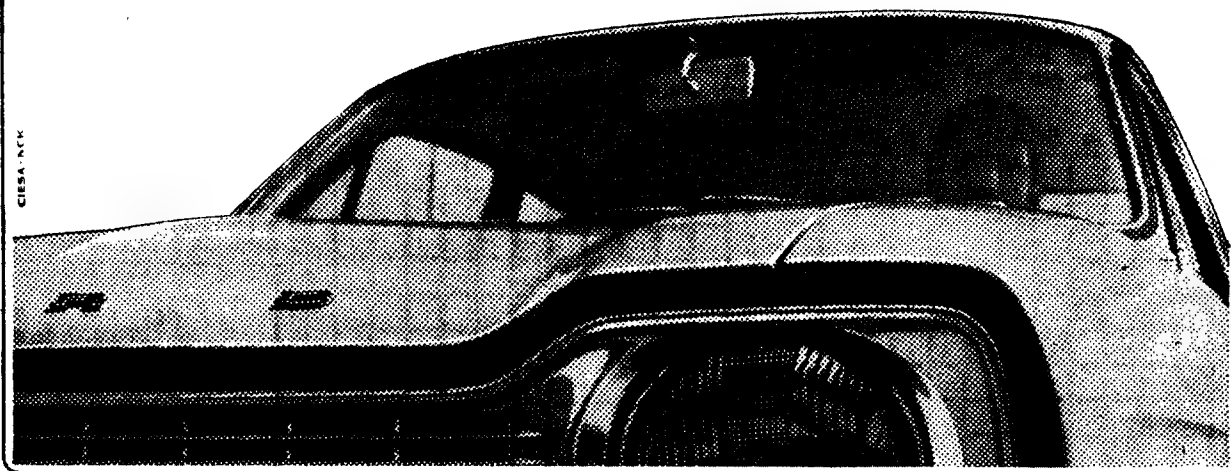
Suspensa então os trabalhos para, como disse o presidente do tribunal, descanso da testemunha — visivelmente perturbada, de facto —, pelo rumo dos acontecimentos —

(Continuação da 18.ª página)

Quem melhor que o seu Concessionário Ford conhece o seu Ford?



Ford à frente!



No Concessionário Ford, o seu Ford fica em boas mãos.

Para assistir o seu Ford, o seu Concessionário aplica — métodos de trabalho segundo normas Ford que possibilitam maior eficiência e economia; e dispõe de — mecânicos formados no Centro de Treino da Ford — peças genuínas Ford

As duas
maiores
obras de
GOGOL
15\$

a cidade
do sossego
e o capote



TEXTO INTEGRAL



livros
de bolso
europa
america

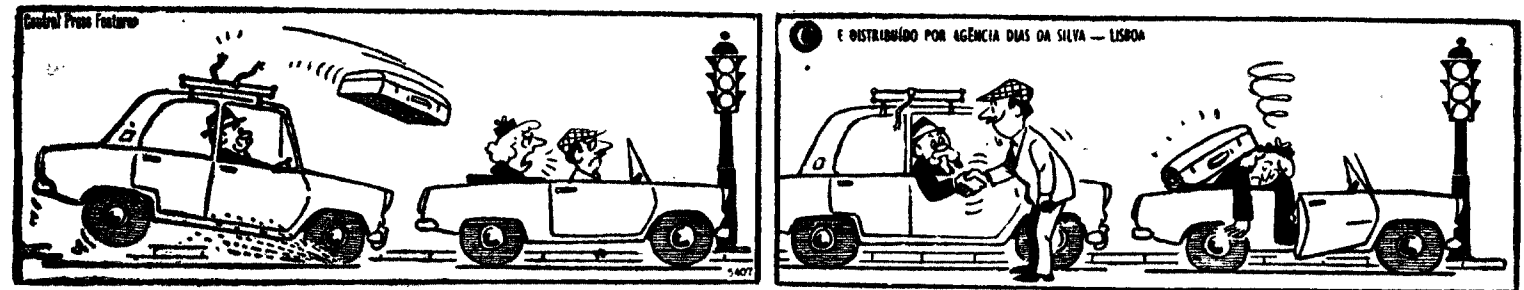
Sempre às terças-feiras, de 15 em 15 dias



OS PEANUTS



CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», de 15 de Julho de 1941 publicava:

«LONDRES, 15 — Esta madrugada, bombardeiros ingleses do Comando Costeiro atacaram um comboio alemão, no Mar do Norte, ao largo da costa da Noruega. Foram afundados 2 barcos mercantes inimigos, num total aproximado de 8000 toneladas. Outros 3 barcos inimigos foram atingidos pelas bombas lançadas pelos aviadores ingleses. A bordo destes barcos registaram-se incêndios.»

«Ontem, a noite, os bombardeiros da R. A. F. voltaram a atacar objectivos militares e industriais no Noroeste e Oeste da Alemanha.»



ANÉIS COM SIGNOS

Artigo muito perfeito, servem em todos os dedos, pois podem apertar-se ou alargar-se.

Todos os anéis são acompanhados de leitura muito desenvolvida do respectivo signo.

Cada anel e signo 30\$00

Só o signo 5\$00

No pedido devem indicar o dia e mês do vosso nascimento.

Há os 12 signos.

A importância pode ser enviada em notas ou selos do correio.

Pedidos a

M. A. NASCIMENTO

Apartado, 265 — PORTO

Palavras cruzadas

COM PROVERBIO

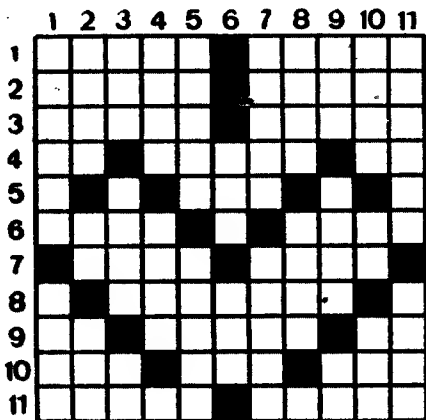
PROBLEMA N.º 5953

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9796

HORIZONTAIS: 1 — Denrotar. Mulher muito virtuosa ou de extrema bondade (fig.). 2 — Realizar. Bradar. 3 — Dormir falando-se de crianças. Nantar (Gir.). 4 — Caminhar. Curral. Apellido. 5 — Recusa. 6 — Doença que dificulta a respiração. Resta. 7 — Obra ou trabalho de sapador. Planta tóxica do Ceará. 8 — Antiga capital do reino de Israel. 9 — Antigo definido. Sensato. Tempo do verbo haver. 10 — Possui. Em os. Parceiro. 11 — Amuralha. Permalongo.

VERTICAIS: 1 — Bela. Cidade do Nepal. 2 — Mamífero desdentado espécie de tatu. Abreviatura de Santíssimo. Preposição. 3 — Abreviatura da palavra tenuto (Mus). Artigo indefinido (ppl). Mulo. 4 — Estavas. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia (pl). 5 — Cidade da Roménia. Agradável. 6 — Título honorífico na Índia. Lavra. 7 — De outro modo. Falta de trabalho. 8 — Pedra-lume. Arrefecido. 9 — Pronome pessoal. O mesmo que pitorra. Platina (s. q.). 10 — Iguais. Aqui. Tempo do verbo haver. 11 — Rio do Estado do Espírito Santo, Brasil. Nome que os negros felicitistas do Brasil dão a S. Jerónimo.



Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5952

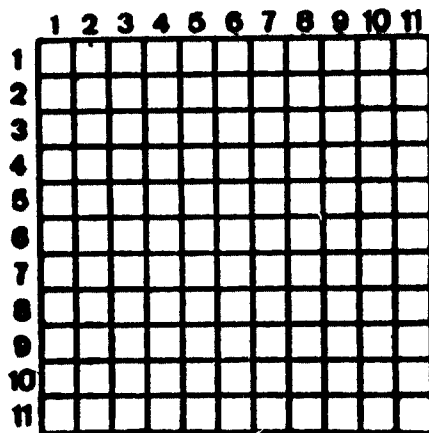
HORIZONTAIS: 1 — Camas. Agora. 2 — Atura. Colar. 3 — Luísa. Azeda. 4 — Arte. Oaio. 5 — São MAL. Ios. 6 — Soareis. 7 — Ps. Prosa. DE. 8 — Re. Atum. Os. 9 — Amace. Ramos. 10 — Sol. Ado. 11 — Acaso. Marés.

VERTICAIS: 1 — Calas. Praga. 2 — Atura. Sem. 3 — MUITOS Aso. 4 — Arse. Opacos. 5 — Sad. Martelo. 6 — Parou. 7 — Aca. Lesaram. 8 — GOZO. lamada. 9 — Oleais. Mor. 10 — Radia. Doa. É. 11 — Araós. Esses.

Provérbio: MAL DE MUITOS GOZO É.

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Inglaterra. Assassine. 2 — Anel. Olé. 3 — Antes do meio-dia. De entrada a. Rio de Itália. 4 — Braço de mar. Rate. Suspiros. 5 — Dissiparíamos. 6 — Jarro (planta). Sai frequentemente á rua (Bras.). 7 — Tosta. Aniversário. 8 — Mentira (fig.). 9 — Magnete natural. Madeira. Chiste. 10 — Pifaro. O mesmo que oráculo. 11 — Ordenaremos.

VERTICAIS: 1 — Palhoça. Ampeto. 2 — Dera mios Grande quantidade. 3 — Em partes iguais. Pegas. Oásis. 4 — O mesmo que três. Roi (fig.). Pronome pessoal. 5 — Graça. Equipam. 6 — Castigo. Deusa da Lua entre os Egípcios. 7 — Habitai. Paixão (fig.). 8 — Ice. Cidade do Umbria. Ilha francesa do Oceano Atlântico. 9 — Basta. Torno amuado. Figura que simboliza o povo americano. 10 — O mesmo que pitroras (prov.). Nome indígena de uma planta de S. Tomé. 11 — Compositor italiano de musica religiosa Gavinhos.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9795

HORIZONTAIS: 1 — Avati. Afira. 2 — Titã. Oder. 3 — Uro. Boa. Aca. 4 — Rã. Pasta. Om. 5 — Odiar. Elisa. 6 — Aso. Imã. 7 — Sol. 8 — Ataca. Acaba. 9 — Lisa Iris. 10 — Ar. Tinta. Rs. 11 — Razar. Armão.

VERTICAIS: 1 — Aturo. Falar. 2 — Virada. Tira. 3 — Ato. Iscas. 4 — Ta. Pão. Cata. 5 — Bar. Sé. Ir. 6 — Nós. Dó. In. 7 — Até. Lá. Tá. 8 — Fã. Ali. Ciar. 9 — Ida. Impar. 10 — Recosa. Birã. 11 — Arama. Lasso.

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/a. esq. (Ao Campo Pequeno) — Telefone 771639

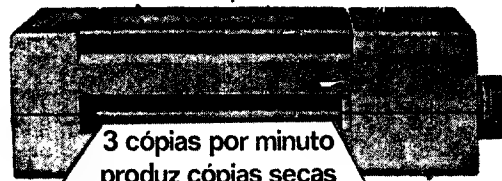
VENDA AO PÚBLICO

PEANUTS

EDIÇÃO INGLESA
26 títulos publicados
2 NOVOS
Dist. — QUADRANTE

MAQUINAS DE FOTOCÓPIA

4.074\$00



3 cópias por minuto
produz cópias secas
reproduz todas as cores

peça-nos uma demonstração sem qualquer compromisso

sartioportuguesa

rua buenos aires, 7 1 tel. 667928 e 667772

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

CAMISAS POR MEDIDA

HIRONDELLE

R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

Cruzeiros Aéreos a Angola

Promovido e subsidiado pela AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR e PROVINCIA DE ANGOLA.

2 A 17 DE SETEMBRO

14 dias por 11.500\$00 ou 8.500\$00

12 A 25 DE OUTUBRO

12 dias por 11.000\$00 ou 8.500\$00

Inscriva-se IMEDIATAMENTE

INFORMAÇÕES: Agência-Geral do Ultramar — Lisboa

Av. Ilha da Madeira

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA VISITOU A BASE DO ALFEITE

O Presidente da República deslocou-se, esta manhã, à Base Naval do Alfeite, onde visitou as instalações do Comando Naval do Continente, a base de submarinos e outras instalações e ainda o novo supermercado da Marinha, recentemente inaugurado no Alfeite.

O sr. Almirante Américo Thomaz chegou à base cerca das 10 horas, tendo-lhe sido prestadas honras, na praça do comando, por uma formatura de fuzileiros navais, com banda de música.

O Chefe do Estado passou revista e assistiu depois ao desfile da força devidamente armada. Seguidamente recebeu os cumprimentos do ministro da Marinha, contra-almirante Pereira Crespo; do chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos; do comandante naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro, e de outros oficiais superiores e ainda pelo comodoro Moura da Fonseca e capitão-de-fragata Virgílio Rodrigues da Cruz, respectivamente 1.º e 2.º comandantes da Base Naval de Lisboa e muitos outros oficiais ali destacados e pertencentes a várias armas e serviços.

Após as saudações, o sr. Almirante Américo Thomaz deu entrada no Palácio do Comando, onde recebeu as saudações de boas vindas do contra-almirante Ferrer Caeiro.

Seguidamente o Presidente da República acompanhado do ministro da Marinha, do chefe do Estado-Maior, do comandante da base e de outros oficiais superiores, visitou o Estado-Maior do Comando Naval do Continente e as guarnições dos navios ali fundeados.

Pelas 11 horas foram visitadas as instalações da Base de Submarinos, onde o Chefe do Estado foi recebido pelo respectivo comandante ca pitão-de-mar-e-guerra Neves Pestana, outros oficiais ali em serviço. Depois percorreu entre outras dependências da Base Naval a biblioteca e o refeitório das praças, a messe dos sargentos, o refeitório dos civis, a sala do marinheiro, a sala dos oficiais e o vestiário dos sargentos.

Já passava das 12 e 45 quando o sr. Almirante Américo Thomaz deu entrada no amplo supermercado da Marinha, recentemente inaugurado e onde tudo se vende, excepto pão.

O Chefe do Estado percorreu as grandes instalações situadas no rés-do-chão e no primeiro andar, visitando também o respectivo restaurante e o bar. Ainda antes do almoço que lhe foi oferecido

no Palácio do Alfeite, o Almirante Américo Thomaz, de Lisboa, cujas instalações também percorreu.

Comando da Base Naval de Lisboa, cujas instalações também percorreu.

Doutoramento em Medicina

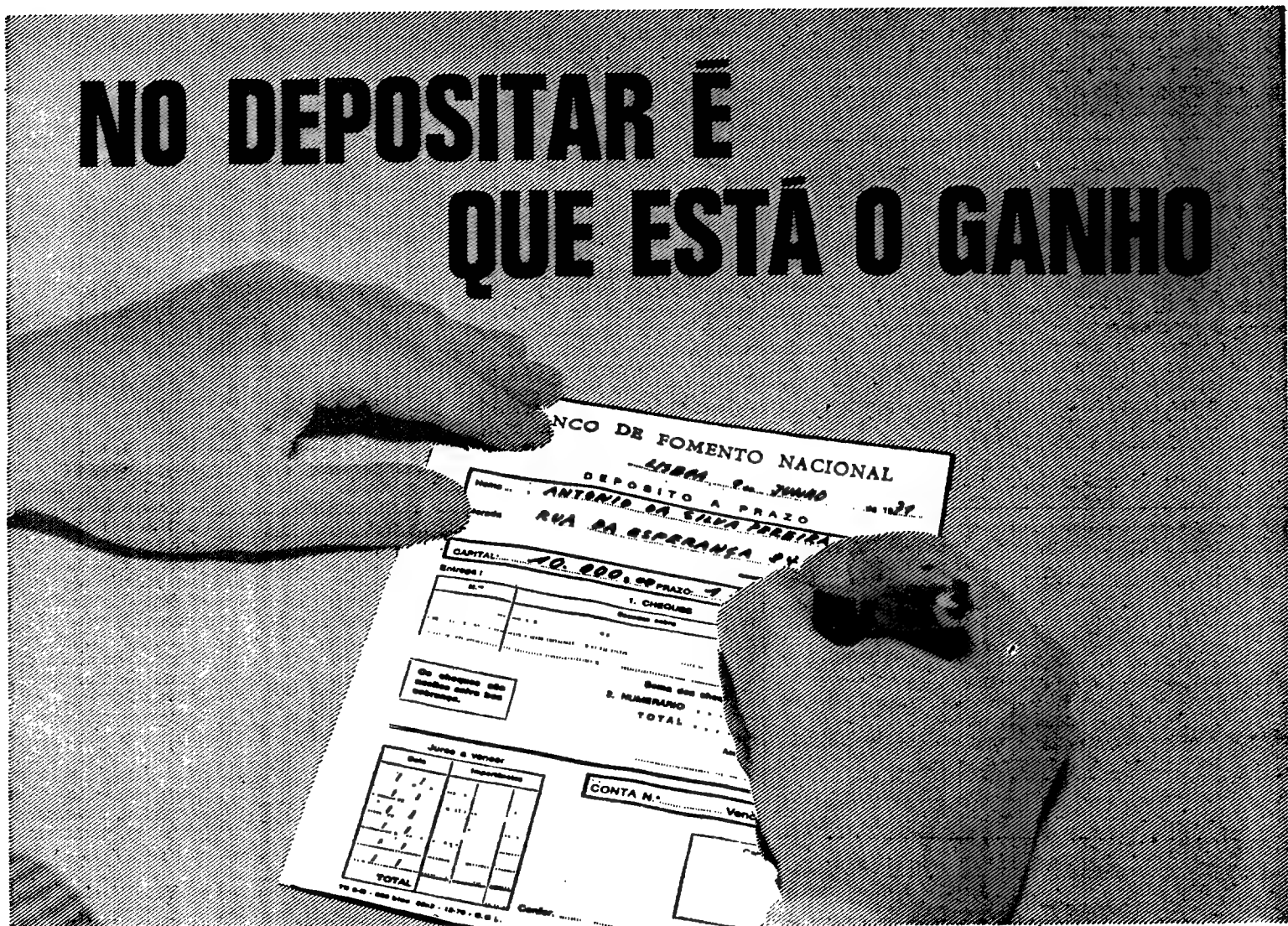
PORTO, 15 — Começaram hoje, na Aula Magna da Faculdade de Medicina as provas de doutoramento do sr. dr. Cândido Alves Hipólito Reis.

As provas terminam no sábado, às 10 horas.

Abre esta noite a Feira de Santiago

SETÚBAL, 15 — A entrada em funcionamento da fonte luminosa e um concerto pela banda da Sociedade Humanitária de Palmela, no coreto da Avenida Luisa Todi, assinalarão, esta noite a abertura da Feira de Santiago, nesta cidade.

Os festejos prolongar-se-ão até ao fim do mês, destacando-se entre as várias manifestações programadas a final da eleição da «Rainha do Sado», na noite de 28 do corrente, corrida de touros aos domingos, exposições, concursos e provas desportivas.



O Banco de Fomento Nacional remunera a Taxa de Juro de

5,75%

ao ano os depósitos a prazo superior a um ano.

Isenção total de impostos.

Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS



BANCO DE FOMENTO NACIONAL

METRÓPOLE Sede: LISBOA. Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA, SANTAREM, ÉVORA, VISEU, AVEIRO.
ULTRAMAR Direcções-Gerais: ANGOLA, MOÇAMBIQUE. Delegações: LUANDA, NOVA LISBOA, LOURENÇO MARQUES, BEIRA.

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS



Actualidade internacional

«CORTEI-LHE A CABEÇA»

— CONFESSOU CHARLES MANSON REFERINDO-SE A NOVO CRIME

LOS ANGELES, 15 — (R.) — Charles Manson, condenado a morte pelos crimes em casa da actriz Sharon Tate, admitiu ontem no tribunal onde está a ser julgado por outro crime ter cortado a cabeça de um homem.

«Reconheço-me culpado. Eu cortei-lhe a cabeça» — gritou subitamente Manson no tribunal superior da Califórnia onde responde sob a acusação de ter assassinado o músico Gary Hinman e o trabalhador Raymond Shea, do rancho onde a «família» vivia.

Imediatamente após a interrupção de Manson, o juiz interrompeu a audiência, não chegando a ser esclarecida a qual dos dois homens se referia Manson.

Aparentemente, o decapitado foi Raymond Shea, cujo corpo nunca chegou a aparecer. No caso de Gary Hinman, Manson e os seus companheiros são acusados de lhe ter cortado uma orelha e de o ter morto à facada.

No início do julgamento, o réu, por intermédio do seu advogado de defesa Irving Kanarek, tinha-se declarado inocente pelo que o juiz disse não poder agora aceitar a sua confissão espontânea, a menos que o advogado concordasse em modificar oficialmente a posição.

Manson recusou-se a falar com Kanarek e disse que queria outro advogado pelo que o juiz Raymond Choate interrompeu o julgamento para dar tempo ao réu de escolher um novo advogado de defesa. O julgamento encontra-se ainda numa fase preliminar em que os membros do júri estão a ser seleccionados.

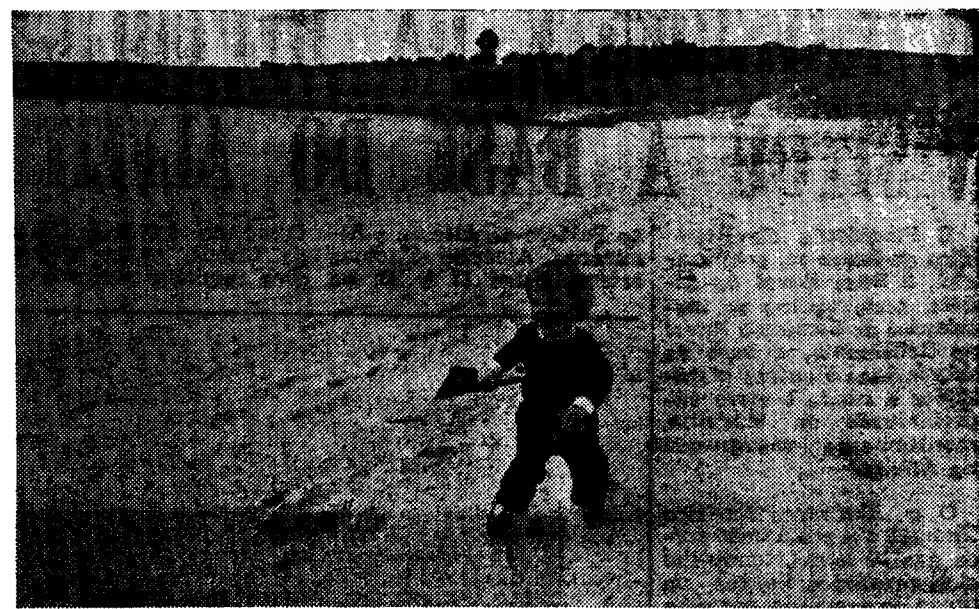
PEDIDA A PENA DE MORTE PARA OS FILHOS DE SIHANOUK

PHNOM PENH, 15 — (A. N. I.) — O governo cambojano pediu a pena de morte para dois filhos do deposedo príncipe Norodom Sihanouk que estão a ser julgados em Tribunal Militar por assassinio e colaboração com o inimigo.

A maior parte da audiência

de ontem foi ocupada com formalidades legais e moções da defesa a favor dos treze réus, pois, além dos príncipes, estão a ser julgadas mais onze pessoas.

Os advogados da defesa e da acusação declararam que o julgamento se deve prolongar pelo menos por três dias.



ELE É O REI DA PRAIA. Os pais de Tristan Hick, de 20 meses de idade, alugaram uma pequena ilha escocesa, onde cultivam batatas. Tristan não tem outros meninos com quem brincar, mas também ninguém lhe rouba os brinquedos

Continuam em Madrid as conversações luso-espanholas

— Rui Patrício recebido por Juan Carlos

MADRID, 15 — (F. P.) — Os ministros dos Negócios Estrangeiros de Portugal e da

Espanha, dr. Rui Patrício e Gregorio Lopez Bravo, realizaram ontem conversações na sede do Ministério espanhol dos Assuntos Exteriores.

Enquanto decorria a conferência, efectuava-se uma nova reunião de trabalho das delegações de Portugal e da Espanha, presidida pelo embaixador Caldeira Coelho, director-geral da política externa de Portugal, e Rodriguez Porrero, que exerce cargo semelhante no Ministério espanhol.

Ao terminar a conferência, Rui Patrício e Lopez Bravo, bem como o subsecretário espanhol, Fernandez de Valderama, tomaram parte na referida reunião de trabalho.

VISITA AO PRÍNCIPE

O dr. Rui Patrício, foi recebido no palácio da Zarzuela pelo príncipe de Espanha, Don Juan Carlos de Bourbon.

O príncipe e o dr. Rui Patrício tiveram um encontro cordial que se prolongou por mais de meia hora. Durante a entrevista, D. Juan Carlos inteirou-se sobre a vida portuguesa actual. O ministro

português estava acompanhado pelos embaixadores de Portugal em Madrid e da Espanha em Lisboa.

As primeiras horas da tarde, o vice-presidente do Conselho, almirante Carrero Blanco, ofereceu um almoço em honra do dr. Rui Patrício. Assistiram ao banquete numerosos ministros do Governo espanhol, os membros da comitiva do ministro português, os embaixadores de Portugal em Madrid e da Espanha em Lisboa e outras importantes personalidades portuguesas e espanholas.

Durante os brindes o almirante Carrero Blanco dirigiu-se ao dr. Rui Patrício, manifestando-lhe a satisfação que sentia por, na sua pessoa, dar as boas vindas ao Governo e ao povo fraterno de Portugal.

O almirante prosseguiu afirmando que, em Maio passado, na altura em que se dirigiu ao ilustre professor Marcelo Caetano, lhe disse que «a amizade fraterna entre Portugal e a Espanha constitui um facto real e indiscutível porque é algo que deve existir e os dois países querem que exista».

Continua o debate sobre a queixa senegalesa no Conselho de Segurança contra Portugal

NOVA YORK, 15 — (F. P.) — Os membros africanos do Conselho de Segurança prepararam-se para propor um projecto de resolução que incluirá uma «condenação severa» do Governo português pelas repetidas violações do território do Senegal por forças regulares portuguesas.

O projecto estipularia também o envio para os locais das violações de uma missão de especialistas militares, encarregada de elaborar um relatório a entregar ao Conselho. O projecto deve ser apresentado na reunião de hoje, marcada para as 20 horas (de Lisboa).

A sessão de ontem foi de-

dicada às intervenções dos representantes das Ilhas Maurícias, do Togo, Zâmbia, Bélgica e Serra Leoa.

O representante zambiano, Kabuke Nyirinda, declarou, designadamente, que a paz na África estaria ameaçada enquanto «o colonialismo af se mantiver». O delegado da Bélgica, Edouard Longesteyn, desejou que se estabeleça um diálogo, a fim de solucionar pela negociação o problema submetido ao Conselho de Segurança. O delegado da Serra Leoa, Freddy Savage, afirmou que o povo da Guiné-Bissau «não cessará a luta antes de ter atirado os colonialistas ao Atlântico».



DONA
REGINA DE CHATELANAZ

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

O PESSOAL DE H. VAULTIER & C.ª, LIMITADA, tem a profunda tristeza de participar o falecimento da Sócia desta firma Ex.ª Sr.ª D. Regina de Chatelanaz, e Esposa do seu Sócio Gerente, Ex.º Sr. Henri de Chatelanaz, ocorrido no passado dia 9.

Igualmente comunicam que será rezada missa sufragando a memória de tão excelsa Senhora, no próximo dia 16, pelas 19,20 horas na Igreja de São Bartolomeu do Beato.

Agradecem a todos os clientes e amigos que os acompanhem neste acto.



REGINA DE CHATELANAZ

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Sua família cumpre o doloroso dever de participar o seu falecimento no passado dia 9, e que amanhã dia 16, na Igreja de S. Bartolomeu do Beato, pelas 19,20 horas, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA

QUÍMICO-FARMACÊUTICO

COM MUITA PRÁTICA DE INDÚSTRIA FARMACÊUTICA ADMITE IMPORTANTE EMPRESA MINEIRA DE ANGOLA

CONDIÇÕES OFERECIDAS

- Bom vencimento contratual
- Contrato de 3 anos, renovável, com aumento de remuneração
- Alojamento com água e luz
- Mobília, roupas de casa, loiças e outros utensílios domésticos
- Gratificação anual
- Subsídio de estadia
- Subsídio de família
- Assistência médica e medicamentosa
- Férias pagas na metrópole, no fim de cada contrato

RESPOSTA COM «CURRICULUM», IDADE E ESTADO CIVIL, a este jornal, ao n.º 860



COMODORO MÉDICO

ANTÓNIO AUGUSTO CUSTÓDIO FERNANDES
MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Sua família participa que será celebrada missa, pelo eterno descanso da sua alma, amanhã, às 12,30 horas, na capela do Colégio do Sagrado Coração de Maria (Av. Manuel da Maia, 2), agradecendo desde já a todos que tomarem parte neste piedoso acto.

COMBATES FERÓZES EM TODA A JORDÂNIA

DAMASCO, 15 — (F. P.) — «Todas as bases palestinas da região Jerash-Ajlun, 35 quilómetros ao norte de Amã, estão debaixo de fogo de uma intensidade nunca igualada» — afirma um comunicado do Comando-Geral das Forças Revolucionárias Palestinianas (C.O.F.R.P.), publicado ontem à noite em Damasco.

Segundo o comando palestino, as forças do rei utilizam a artilharia pesada, bombas de fósforo e armas de todos os calibres. «Grandes incêndios atacam as florestas e os «feddayin» tentam dominá-los» — prossegue o comunicado.

O C. O. F. R. P. assinala ainda «combates ferozes» entre blindados e comandos que se opõem ao seu avanço.

Segundo o mesmo comunicado, a aviação jordaniana bombardeou nos últimos dois dias posições palestinas, na referida região, ao norte de Amã.

EXECUÇÕES SUMÁRIAS

NOVA YORK, 15 — (F. P.) — «O triunfo do rei Hassan relativamente à tentativa abortada de derrubamento da monarquia em Marrocos não deixa de ficar ensombrado pelas execuções su-

A INFLAÇÃO NA OCDE

(Continuação da 1.ª página)

las já assinaladas medidas de «controle» da procura.

«Atualmente, a maior parte dos grandes países — não a Alemanha, nem diversos países pequenos — estão dispostos a regressar a uma política mais expansionista.»

«Para os próximos doze meses parece provável para o conjunto da zona da O. C. D. E. uma aceleração gradual do crescimento da produção. Ela resultará por um lado duma elevação da taxa de crescimento nos países que já iniciaram a fase de expansão e, por outro lado, da extensão progressiva da recuperação económica nos outros países. No primeiro semestre de 1972 a produção da zona da O. C. D. E. poderá crescer a um ritmo sensivelmente superior ao da tendência periódica média, o que provocará uma redução bastante rápida do grau de subemprego dos recursos humanos e naturais», lê-se no mesmo documento.

Análise dos E. U. A.

Analisando a situação de alguns países aquele estudo considera, em relação aos Estados Unidos, que, «apesar de certos progressos na luta contra a inflação, os preços continuam a subir muito rapidamente. O nível de desemprego continua elevado e a balança de pagamentos exteriores acusa sempre um desequilíbrio considerável.» Não obstante, «a economia americana poderá crescer à taxa anual de 6 por cento até ao fim deste ano e em 1972», enquanto «a taxa de desemprego que se estabilizou em 6 por cento durante os primeiros meses de 1971 parece ir baixar no corrente ano, mas poderá ser de 5,5 por cento ainda no fim deste ano.»

márias e sem julgamento de dez oficiais superiores implicados no caso», escreve hoje o «New York Times», num editorial.

O grande jornal prossegue: «O rei teria surgido, ao sair desta tragédia, muito maior — e mais popular — se ti-

vesse dado ouvidos à Comissão Internacional de Juristas e ordenado um tribunal marcial que teria, pelo menos, permitido aos acusados beneficiar de um julgamento público».

«Sa bem demasiadamente poucas — prossegue o jor-

nal — acerca dos motivos da conjura, em especial os objectivos dos cinco generais rebeldes, cuja lealdade para com o rei não tinha até então levantado dúvidas. Parece bem comprovado que o general Medbouh, que o rei acusa de ter organizado o

golpe, tinha-se arranjado inimigo de alto nível pelos seus esforços para combater a corrupção e o suborno.»

«Por muitos motivos o rei vai certamente lamentar não ter dado ao mundo o exemplo de um julgamento justo que teria podido esclarecer a

situação, em vez do espectáculo sinistro do pelotão de execução. Os condenados morreram a gritar: «Viva Hassan», enquanto que o rei devia, sem dúvida, pensar no provérbio que começa pelas palavras: «Quem com ferro mata...».

ap



viva a vida
da sua vida

Deram-lhe a oportunidade de viver. Aproveite-a.
Nós ajudamo-lo. Oferecemos-lhe a possibilidade de gozar férias
em locais excepcionais, no Algarve ou em Troia,
e de usufruir um bom rendimento anual. Procure-nos
e viva a vida em plena vida.



TORRALTA

UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS



Nos Sunbeam "Avenger" 1250/1500
consequimos uma mistura
verdadeiramente embriagadora.
Classe e acabamentos como só os ingleses
sabem dar aos seus carros.
Um consumo escocês que fará o desespero
dos vendedores de gasolina.
Uma resistência de material extraordinária,

à laia de mineiro do País de Gales.
A este «cozinhado» de qualidades juntámos,
como sal e pimenta,
o temperamento irlandês.
Genica, vivacidade, rapidez, fogosidade.
Sunbeam—um britânico
com temperamento irlandês, consumo escocês,
resistência galesa e classe inglesa.



AGENTES EM TODO O PAÍS

Visite o seu agente Sunbeam/Chrysler e admire os Sunbeam "Avenger" 1250/1500

CINEVOZ SB-71-01

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O «TOUR» DE FRANÇA A CAMINHO DA META

AGOSTINHO
ÀS PORTAS DE PARIS

Em sexto lugar da classificação geral, a 15 minutos e 29 segundos de Eddy Merckx, o campeão português Joaquim Agostinho ficou em oitavo lugar nas duas etapas de ontem da «Volta à França» e assegurou já o sexto posto entre os escaladores concorrentes ao «Prémio da Montanha».

Agostinho pode, desta maneira, bater todas as suas anteriores proezas e ficar entre a primeira meia dúzia de ciclistas na maior prova do Mundo.

O tempo melhorou e o sol brilhava quando os 99 corredores em prova partiram às 9 e 25 de ontem, para o 1.º troço (Luchon-Gourette) da 16.ª etapa da «Volta». A subida do Peyresourde foi atacada em pelotão e a velocidade média. No cume (13,5 km), Van Impe levou a melhor ao «sprint».

Na subida do Aspin, só nos últimos 500 metros é que o pelotão animou. Van Impe foi mais uma vez o primeiro no cume (44 quilómetros), logo seguido de Merckx. Estes dois corredores registaram 10 segundos de avanço sobre Wagtmans e Fuentetaja. Na descida para o «contrôle» de abastecimento de Sainte Marie de Campan (57 quilómetros), Merckx e Van Impe tinham aumentado o seu avanço para 40 segundos sobre os mais próximos, designadamente Zoetemelk, Thevenet e Guimard. Na encosta do Tourmalet, Zoetemelk iniciou a perseguição, conseguindo aproximar-se de Merckx e de Van Impe após 2,5 quilómetros de subida.

Em La Mongie (69 quilómetros), Merckx, Van Impe e Zoetemelk tinham 1 minuto de vantagem sobre o primeiro grupo em que figuravam Agostinho, Fuentetaja e Mortensen. A 3 quilómetros do cume, Van Impe adiantou-se a Merckx e a Zoetemelk, que, por sua vez, viram Mortensen aproximar-se. A 2113 metros de altitude e percorridos 74 quilómetros, Van Impe lançou-se na descida com o avanço de 1 m e 10 s sobre Merckx e Zoetemelk, 1 m e 30 s sobre Mortensen, 1 m 50 s sobre Lopez-Carril, Agostinho e Galdos, e 24 m 30 s sobre Van Springel.

Na subida para o Aubisque, aproveitando a longa encosta, os três corredores da frente foram sucessivamente alcançados por Mortensen, Lopez-Carril, Galdos, Guimard, Aimar, Agostinho, Labourdette, Van Springel, Fuentetaja, Huysmans, Wagtmans, Letort e Santamarina.

Próximo da subida de Soulor, Labourdette conseguiu isolar-se. Chovia. Na descida, Guimard e depois Merckx tiveram de mudar de roda. Labourdette aumentou a sua vantagem para 30 segundos. No cume do Aubisque, a 4,5 quilómetros da meta acentuou ainda mais o seu avanço. Na última e curta descida, com a chuva a redobrar de violência, o jovem francês resistiu ao pelotão perseguidor, ganhando a etapa com 1 m e 32 s de vantagem sobre Merckx. Este ganhou dois segundos a Van Impe e três a Zoetemelk, garantindo a posse da «camisola amarela».

No primeiro troço do dia (Luchon-Gourette), eis as classificações:

INDIVIDUAL — 1.º, Labourdette (França), 5 h, 08 m

e 36 s; 2.º, Merckx (Bélgica), 5.10.08; 3.º, Van Impe (Bélgica), 5.10.10; 4.º, Zoetemelk (Holanda), 5.10.11; 5.º, Guimard (França), 5.10.15; 6.º, Lopez-Carril (Esp.), 5.10.20; 7.º, Letort (França), 5.10.25; 8.º, AGOSTINHO (PORT.), 5.10.27; 9.º, Mortensen (Dinamarca), 5.10.56; 10.º, Wagtmans (Hol.), 5.11.33.

PRÉMIO DA MONTANHA — Peyresourde (2.ª categoria): 1.º, Van Impe, 12 pontos; 2.º, Merckx, 10; 3.º, Wagtmans, 8.

Tourmalet (1.ª categoria): 1.º, Van Impe, 15 pontos; 2.º, Merckx, 12; 3.º, Zoetemelk, 10; 6.º, AGOSTINHO, 5.

Aubisque (1.ª categoria): 1.º, Labourdette, 15 pontos; 2.º, Lopez-Carril, 12; 3.º, Van Impe, 10; 4.º, Merckx, 8; 8.º, AGOSTINHO, 3.

Desistiram: Bolfava, Campagnari e Casas.

A chuva continuava a cair, embora com menor violência, quando os 96 ciclistas que prosseguiram no «Tour» voltaram à estrada para seguir até Pau.

Thevenet «furou» logo à partida e teve de proceder, ajudado pelos companheiros, a uma perseguição, que só terminou perto da subida de Louve-Juzon, no cimo da qual Van Impe passou primeiro. O belga conquistou assim o Prémio da Montanha.

A chuva cessou. Então, Zoetemelk arrancou, com vista à meta volante de Nay, onde

conquistou 5 s. de bonificação.

Na subida de Pietat, Van Impe atacou, seguido por Merckx e Zoetemelk. Depois, passou Joaquim Agostinho.

Van Impe voltou a vencer na subida de Equillot. Pouco depois, Van Springel e Van Nest atacaram e distanciaram-se.

No Circuito de Pau, o campeão da Bélgica mostrou-se muito mais rápido no «sprint» e ganhou a etapa.

No final da tirada da tarde: Individual — 1.º, Van Springel (Bélgica), 1 h, 17 m e 58 s (com bon. 1-17-43); 2.º, Van Neste (Bélgica), 1-17-58 (com bon. 1-17-50); 3.º, Guimard (França), 1-18-22 (com bon. 1-18-16); 4.º, Merckx (Bélgica); 5.º, Paolini (Itália); 6.º, Zoetemelk (Hol.); 7.º, Van Impe (Bélgica); 8.º, Agostinho (Portugal); 9.º, Mortensen (Dinamarca), todos com 1-18-22.

Prémio da Montanha — Louve-Juzon: 1.º, Van Impe, 5 pontos; 2.º, Paolini, 3; 3.º, De Vlaeminck, 2; 4.º, Van Springel, 1.

Pietat: 1.º, Van Impe, 5 pontos; 2.º, Merckx, 3; 3.º, Zoetemelk, 2; 4.º, Paolini, 1.

D'Esquillot: 1.º, Van Impe, 5 pontos; 2.º, Merckx, 3; 3.º, Joaquim Agostinho, 2; 4.º, Zoetemelk, 1.

Classificações gerais

INDIVIDUAL — 1.º, Merckx (Bélgica), 78 h 06 m 19 s; 2.º, Van Impe (Bélgica), a 2 m 17 s; 3.º, Zoetemelk (Holanda), a 2 m 21 s; 4.º, Thevenet (França), a 6 m 49 s; 5.º, Mortensen (Dinamarca), a 13 m 07 s; 6.º, Joaquim Agostinho (Portugal), a 15 m 29 s; 7.º, Guimard (França), a 15 m 34 s; 8.º, Labourdette (França), a 21 m 12 s; 9.º, Aimar (França), a 23 m 54 s; 10.º, Lopez-Carril (Espanha), a 24 m 30 s.

POR PONTOS: 1.º, Merckx, 137 pontos; 2.º, Guimard, 152; 3.º, Karstens, 98;

4.º, Zoetemelk, 85; 5.º, Leiman, 72; 12.º, Joaquim Agostinho, 43.

PRÉMIO DA MONTANHA — 1.º, Van Impe, 228 pontos; 2.º, Zoetemelk, 180; 3.º, Merckx, 137; 4.º, Fuentetaja, 89; 5.º, Guimard, 74; 6.º, Joaquim Agostinho, 68.



Torres dispensado pelo Benfica? A hipótese envolve-se com a eventual passagem de Vítor Baptista, de Setúbal para a Luz. O «bom gigante» seria um dos futebolistas a incluir na «operação-transferência».

CASTIGOS
NO FUTEBOL

A Federação Portuguesa de Futebol aplicou os seguintes castigos:

Taça «Ribeiro dos Reis» — José Marçal (Beira-Mar), 1 jogo de suspensão; e Abdul (Beira-Mar), 3 jogos.

«Taça do Norte» — Rui Santos (Salgueiros), 1 jogo.

Ao Belenenses foi aplicada uma falta de comparecimento no jogo com o Montijo (Taça «Ribeiro dos Reis»), por ter alinhado sem, pelo menos, sete elementos da equipa que, normalmente, disputou o Nacional ou a «Taça de Portugal».

MEIAS-FINAIS DA TAÇA «RIBEIRO DOS REIS»

BENFICA-BARREIRENSE
ACADÉMICA-BRAGA
— OS JOGOS PARA DOMINGO

Benfica, Barreirense e Académica eliminaram os seus adversários e juntam-se ao Sporting de Braga para prosseguir na disputa da Taça «Ribeiro dos Reis».

Sob arbitragem de António Garrido o Benfica foi a Leiria vencer o União de Tomar por 4-0. As equipas:

BENFICA — Fonseca; Marques, Messias, Calado e Toni; Vítor Martins (Soares) e Matine; Praia, Torres, Águas e Diamantino (Carlos Pereira).

UNIÃO DE TOMAR — Silva Moraes (Nascimento); Kiki, Faustino, Dui e Barnabé (Raul); Manuel José e Cardoso; Pavão, Tito, Fernando e Cravo.

Ao intervalo: 1-0. Marcadores: Águas (30 m), Torres (48 e 72 m) e Toupi (89 m).

No Lavradio, o Barreirense derrotou o Vitória de Setúbal por 1-0 (golo de Bandeira). Arbitrou Adelino Antunes (Leiria) e jogaram:

BARREIRENSE — Bento; Valter, Almeida, Bandeira e Murraças; Vicente e Mira; José João (J. Carlos), Sera-

fim (Cruz), Campora e Régio.

VIT. SETUBAL — Vaz; Conceição, José Lino, Sabu (Serronha) e Cardoso; Artur e Raul Vítor; Pedro, Amaldo (Leonardo), Amâncio e César.

Acontecimentos
DE ONTEM

FUTEBOL NO BRASIL

O Brasil (sem Pelé) venceu, no Rio de Janeiro, a Checoslováquia, por 1-0. Golo aos 14 minutos da primeira parte, por Tostão.

A equipa brasileira esteve longe da forma evidenciada no campeonato do Mundo, no México. Os checos distinguiram-se pela firmeza do seu jogo defensivo.

HÓQUEI EM PATINS

No torneio de hóquei em patins organizado pelo Hóquei de Sintra verificaram-se os seguintes resultados: Sporting-Cascais, 8-3; J. Salesiana-Campo de Ourique, 8-4.

Em S. João da Madeira o árbitro Porfírio Silva (Aveiro) dirigiu o embate Leixões-Académica ganho por (2-1) pelos estudantes, entre os quais ainda alinhava Artur. As turmas:

LEIXÕES — Tibão; Celestino, Adriano, Raul e Peixoto; Geraldo e Teixeira; Vaqueiro, Vítor, Horácio e Esteves.

ACADÉMICA — Cardoso; Artur, Alinho, Feliz e Bernardo; Gervásio e Vitor; Vitor Campos, Gregório, José Manuel (Simões), Oliveira Duarte e Manuel António.

Tantos de Alinho (2) e Horácio.

No sorteio das meias-finais os clubes sobreviventes ficaram assim ordenados: Benfica-Barreirense (Tapadinha) e Braga-Académica (em S. João da Madeira).

Curiosidades: as lutas de S. João da Madeira (Académica-Leixões) e Lavradio (Barreirense-Setúbal) foram difíceis de resolver. Demoraram, respectivamente, 143 e 144 minutos!

PIPPI-MEIAS ALTAS

EM LISBOA

para conhecer seus amiguinhos
portugueses

e nas LIVRARIAS

PIPPI-MEIA LONGA

de ASTRID LINDGREN

PARA QUE OS SEUS PEQUENOS ADMIRADORES
PORTUGUESES POSSAM DIVERTIR-SE COM AS
SUAS SIMPÁTICAS DIABRURAS

UMA EDIÇÃO DA

ATLÂNTIDA — Coimbra

motor

SAI AMANHÃ
(SEXTA-FEIRA)COM UM SUPLEMENTO
SOBRE O X CIRCUITO
DE MONTES CLAROS
ALÉM DAS SUAS HABITUAIS
SECÇÕES E REPORTAGENS

CARTAZ DOS CINEMAS



ODEON

Tel. 327172
As 21.30 h. — 3.º FILME DO
FESTIVAL FRED ASTAIRE/
GINGER ROGERS

BAILADO SAUDADE

(The Story of Vernon
and Irene Castle)
Música de vários autores
As 15.15 e 18.15 — RITMO
LOUCO (Grupo B—10 anos)

EDEN

Grupo B — M 10 anos
As 15.15, 18.30 e 21.30
O mais fantástico dos filmes
fantásticos
Considerado uma obra-prima
do Cinema

KING-KONG

LIDO

As 21.30 h.
(M. 17 anos)

TOM JONES

com Alberto Finney
e Susannah York

BERNA

(M. 10 anos) Tel. 776098

As 18.30 e 21.45

Woody Allen e Janet Margolin
na sensacional comédia colo-
rida onde o imprevisível...
acontece sempre!

O INIMIGO PÚBLICO

Um êxito de gargalhada!
— Ar condicionado —

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743

As 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA!
Julie Christie, Michael Serr-
asin e John Hurt, na história
de uma mulher que queria
apaixonar-se...

CONVITE AO PECADO

Technicolor
Portentosa realização de
Peter Wood
(Metro: Estação Picoas)

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 821933

As 21 horas

5 PARA O INFERNO
COMISSARIO MAIGRET
EM FIGALLE

ODEON

C. Maiores 14 anos T. 326283
15.15 e 18.15 (p. r.) e às 21.30
UM EXTRAORDINÁRIO
"GOLPE" DO MAIS AUDA-
CIOSO BURLÃO

ASSALTO FANTASTICO

com Mark Damon e Madga
Konopka
Um roubo desfeito pelos ciu-
mes de uma mulher...
Cromoscope — Eastmancolor

SATÉLITE

(Adultos) Tel. 562882
As 15.30, 18.30 e 21.45
21.ª SEMANA

COISAS DA VIDA

com Michel Piccoli e Romy
Schneider
Situado no edifício
do Monumental

ALVALADE

Tel. 717488

Grupo B — M. 10 anos
As 15.30 e às 21.45
Um magnífico filme de
Alfred Hitchcock

SOB O SIGNO DE CAPRICÓRNIO

com Ingrid Bergman, Joseph
Cotten e Michael Wilding
Technicolor

ESTUDIO 444

Tel. 779095

Grupo B — Não é permitida
a assistência a menores de
10 anos
10.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45

O MENINO SELVAGEM

O maravilhoso filme de Fran-
çois Truffaut

ROSA

As 15 e às 21 h. (M. 10 anos)

8.ª Semana
ROSAS BRANCAS PARA
MINHA IRMÃ NEGRA
A RAENHA DO NELO

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) As 17 e 21.30

O QUE HÁ DE NOVO
GATENHA?
c/ Peter Sellers e Peter O'Toole

MONUMENTAL

Tel. 555131
As 15.15 e 21.30

O SEGREDO DO PLANE- TA DOS MACACOS

com James Franciscus
e Kim Hunter
Grupo C (M 14 anos)

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 426395

HOJE, AS 21.30 — (Col.)
EM SENSACIONAL CONTI-
NUAÇÃO DE ESTREIA
COM A INCOMPARÁVEL
LILL PALMER

INTERNATO DE RAPARIGAS

UMA OBRA-PRIMA DE
"SUSPENSE" E DE ALTO
NÍVEL MACABRO

HOJE, AS 18.30
SESSÃO CLASSICA

com Sophia Loren e Marlon
Brando numa realização de
Charles Chaplin em "A CON-
DESSA DE HONG-KONG"
(Adultos)

APOLO 70

Tel. 763319

CINEMA ESTUDIO
Av. Júlio Dinis

As 14.30 e 16.45
A REVELAÇÃO DO CINEMA
CHECOSLOVACO

OS AMORES DE UMA LOIRA

Uma obra-prima de
MILOS FORMAN
GRUPO D (18 anos)

As 19 h.: TRÊS HISTÓRIAS
PROIBIDAS, de Genina
com Eleonora Rosi Drago
e Antonella Lualdi (Adultos)

EUROPA

Tel. 661016

As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA

Grupo B — M. 10 anos
Uma das mais notáveis obras
de ficção

O Planeta dos Macacos
Charlton Heston em
O HOMEM QUE VEIO
DO FUTURO
PANAVISION

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

As 21.30
ANTES
DO CREPÚSCULO

TIVOLI

Tel. 50595
As 3 e 6.15 da tarde (a p. red.)
e 9.30 da noite

OS CORREDORES DA MONTANHA

com Robert Redford, Gene
Hackman e Camilla Sparv
Grupo C — 14 anos

CONDES

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D — M. 18 anos)

As nupcias sobrenaturais de
vampiros sanguinários
AMORES DE VAMPIROS
com Jonathan Fried
e Crayson Hall

LUMIAR

(G. B. — M. 10 anos)

As 21 h.
SUGAR COLT
OS PUNHAIS DO VINGADOR

VOX

(Maiores 14 anos) Tel. 726808

As 18.30 e 21.45
3.ª E ÚLTIMA SEMANA
Henry Fonda, Claudia Card-
inale e Charles Bronson, numa
sensacional e empolgante
aventura

ACONTECEU... NO OESTE

(Panavision e Technicolor)
A Av. Frei Miguel Contreiras

IMPÉRIO

Tel. 555134/5
Grupo B — (M. 10 anos)

2.ª SEMANA
As 15.15 e 21.15
A incomparável obra de
George Stevens

O GIGANTE

com Rock Hudson, Elisabete
Taylor e James Dean
Colorido
(Filme às 15.25 e 21.25)

VOX

(Maiores 14 anos) Tel. 726808

As 18.30 e 21.45
3.ª E ÚLTIMA SEMANA
Henry Fonda, Claudia Card-
inale e Charles Bronson, numa
sensacional e empolgante
aventura

ACONTECEU... NO OESTE

(Panavision e Technicolor)
A Av. Frei Miguel Contreiras

SÃO JORGE

Grupo B Tel. 54153
(M. 10 anos)

As 15.15, 18.15 e 21.30
Para além do arame farpado

A FUGA

Com Brian Keith, Helmut Griem,
Jean Hendry

ROMA

Tel. 78778

Grupo B — M. 10 anos
As 15.30 e 21.45

OS GRANDES GOLPISTAS

Edward Robinson, Perry Tho-
mas, Adolfo Celi e M.ª Grazia
Bucella
Eastmancolor-Scope

LIZ

As 21.30 h. (Adultos) Tel. 48560

O NINHO DAS VIBORAS
VIVA MARIA

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

GIL VICENTE — As 22 h.: «Ivone,
princesa de Borgonha» (17
anos).

LAURA ALVES — As 21 e 45: «Se
as borboletas são livres» (17
anos).

CAPITÓLIO — As 21 e 45: «Que-
rida mamã» (17 anos).

A B C — As 21 e 45: «A Senhora
Minha Tia» (14 anos).

VILLARETT — As 21: «A Capital»
(17 anos).

MARIA MATOS — As 21 e 45:
«A Relíquia» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — As 19: «O Grande
Restaurante» (10 anos).

CINEARTE — As 21: «Uma ques-
tão de honra» (17 anos).

IDEAL — As 21: «Assalto ao
carro blindado» (10 anos).

SALÃO LISBOA — As 21: «Jo-
aquim Muriel» (12 anos).

PARIS — As 21: «Alphaville»
(17 anos).

ARCO IRIS — As 21: «7 contra
o Mundo» (14 anos).

JARDIM — As 21: «John e Mary»
(17 anos).

MOSCAVIDE — As 21: «Em busca
da felicidade» (17 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21
e 30: «Um homem do Riba-
tejo» (10 anos).

VENDA NOVA — CINE-PORTU-
GAL — As 21: «O 1.º Super-
Homem» e «O duelo na linha»
(17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Com-
b. G. Guerra, 29 (Tel. 212081).

CAXIAS — Nova — Rua
Bernardim Ribeiro, 1-A
(Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — Trín-
dade Brás — Rua Costa
Pinto, 86 (Tel. 2432034).

OEIRAS — Oeiras — L.
Henrique Paiva Couceiro
(Tel. 2430485).

PARADE — Marçalo — R.
José Elias Garcia, 60-C
ral, 2-A (Tel. 970461).

S. PEDRO DO ESTORIL —
S. Pedro (Tel. 263052).

MONTE ESTORIL — Suleia —
Cruzeiro (Tel. 260087).

ESTORIL — S. João —
5 João do Estoril (Tel.
261186).

CASCAIS — Cerdido —
Av. Comb. G. Guerra, 40
(Tel. 280170) * Nova —
Est. de Alvide — Fontal-
inhos (Tel. 281044).

Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P.
D. João I, lote 46, Bairro
Janeiro (tel. 982756).

Igreja, P. do Igreja, 22-A
(tel. 937740) * Central,
Aven. Cardoso Lopes, 25
(tel. 932210) * Jardim,
Av. Conde de Oeiras, loja
X-1 Reboreiro (telefone
938424).

DAMAIA — D. João V — As 21
e 30: «Um homem do Riba-
tejo» (10 anos).

VENDA NOVA — CINE-PORTU-
GAL — As 21: «O 1.º Super-
Homem» e «O duelo na linha»
(17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Com-
b. G. Guerra, 29 (Tel. 212081).

CAXIAS — Nova — Rua
Bernardim Ribeiro, 1-A
(Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — Trín-
dade Brás — Rua Costa
Pinto, 86 (Tel. 2432034).

OEIRAS — Oeiras — L.
Henrique Paiva Couceiro
(Tel. 2430485).

PARADE — Marçalo — R.
José Elias Garcia, 60-C
ral, 2-A (Tel. 970461).

S. PEDRO DO ESTORIL —
S. Pedro (Tel. 263052).

MONTE ESTORIL — Suleia —
Cruzeiro (Tel. 260087).

ESTORIL — S. João —
5 João do Estoril (Tel.
261186).

CASCAIS — Cerdido —
Av. Comb. G. Guerra, 40
(Tel. 280170) * Nova —
Est. de Alvide — Fontal-
inhos (Tel. 281044).

Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P.
D. João I, lote 46, Bairro
Janeiro (tel. 982756).

Igreja, P. do Igreja, 22-A
(tel. 937740) * Central,
Aven. Cardoso Lopes, 25
(tel. 932210) * Jardim,
Av. Conde de Oeiras, loja
X-1 Reboreiro (telefone
938424).

DAMAIA — D. João V — As 21
e 30: «Um homem do Riba-
tejo» (10 anos).

VENDA NOVA — CINE-PORTU-
GAL — As 21: «O 1.º Super-
Homem» e «O duelo na linha»
(17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Com-
b. G. Guerra, 29 (Tel. 212081).

CAXIAS — Nova — Rua
Bernardim Ribeiro, 1-A
(Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — Trín-
dade Brás — Rua Costa
Pinto, 86 (Tel. 2432034).

OEIRAS — Oeiras — L.
Henrique Paiva Couceiro
(Tel. 2430485).

PARADE — Marçalo — R.
José Elias Garcia, 60-C
ral, 2-A (Tel. 970461).

S. PEDRO DO ESTORIL —
S. Pedro (Tel. 263052).

MONTE ESTORIL — Suleia —
Cruzeiro (Tel. 260087).

ESTORIL — S. João —
5 João do Estoril (Tel.
261186).

CASCAIS — Cerdido —
Av. Comb. G. Guerra, 40
(Tel. 280170) * Nova —
Est. de Alvide — Fontal-
inhos (Tel. 281044).

Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P.
D. João I, lote 46, Bairro
Janeiro (tel. 982756).

Igreja, P. do Igreja, 22-A
(tel. 937740) * Central,
Aven. Cardoso Lopes, 25
(tel. 932210) * Jardim,
Av. Conde de Oeiras, loja
X-1 Reboreiro (telefone
938424).

DAMAIA — D. João V — As 21
e 30: «Um homem do Riba-
tejo» (10 anos).

VENDA NOVA — CINE-PORTU-
GAL — As 21: «O 1.º Super-
Homem» e «O duelo na linha»
(17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Com-
b. G. Guerra, 29 (Tel. 212081).

CAXIAS — Nova — Rua
Bernardim Ribeiro, 1-A
(Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — Trín-
dade Brás — Rua Costa
Pinto, 86 (Tel. 2432034).

OEIRAS — Oeiras — L.
Henrique Paiva Couceiro
(Tel. 2430485).

PARADE — Marçalo — R.
José Elias Garcia, 60-C
ral, 2-A (Tel. 970461).

S. PEDRO DO ESTORIL —
S. Pedro (Tel. 263052).

MONTE ESTORIL — Suleia —
Cruzeiro (Tel. 260087).

ESTORIL — S. João —
5 João do Estoril (Tel.
261186).

CASCAIS — Cerdido —
Av. Comb. G. Guerra, 40
(Tel. 280170) * Nova —
Est. de Alvide — Fontal-
inhos (Tel. 281044).

Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P.
D. João I, lote 46, Bairro
Janeiro (tel. 982756).

Igreja, P. do Igreja, 22-A
(tel. 937740) * Central,
Aven. Cardoso Lopes, 25
(tel. 932210) * Jardim,
Av. Conde de Oeiras, loja
X-1 Reboreiro (telefone
938424).

DAMAIA — D. João V — As 21
e 30: «Um homem do Riba-
tejo» (10 anos).

VENDA NOVA — CINE-PORTU-
GAL — As 21: «O 1.º Super-
Homem» e «O duelo na linha»
(17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Com-
b. G. Guerra, 29 (Tel. 212081).

CAXIAS — Nova — Rua
Bernardim Ribeiro, 1-A
(Tel. 242839).

Diário de Lisboa



Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

«OS MENINOS AQUI SÃO MORENOS!»

— ADMIRAÇÃO DA PIPPI DAS MEIAS ALTAS

«Gosto imenso das crianças portuguesas. São morenas e têm um ar muito feliz», disse-nos esta manhã na piscina a

«Pippi das Meias Altas». Quando a procurámos, miúdos e graúdos não deixavam de rodear Inger Nilsson, a me-

nina loira, de rosto inundado de sardas, heroína das histórias da Pippi. A própria Pippi. Da Pippi que estava sem Meias Altas, sem tranças arrebitadas, sem sorrisos de espanto.

Um banho na piscina («Não está calor de mais», confessou Pippi), e depois a conversa rápida. A pergunta e a resposta:

— Gostaste da recepção ontem no aeroporto?

— Sim.

— E dos polícias que te protegeram?

— Foi tudo tão feito à pressa que nem sequer pude pensar nisso.

— Gostas de fazer felizes as crianças com as tuas histórias?

— Sim.

— E da escola?

— Sim.

Pippi tinha um ar cansado. O «já» sucedia-lhe nos lábios a cada pergunta. Até que o não aconteceu:

— Não estou cansada.

E um sorriso aventurou-se. Pippi estava quase de Meias Altas. Os olhos riam também.

«Quero ver os pescadores e os barcos».

Pippi olha a piscina, o «merci» da velhinha que lhe

pediu o autógrafo. Pippi olha ainda ao seu redor. Pippi sabe a lição de cor.

TROVOADA

SOBRE COIMBRA

COIMBRA, 15 — Ontem, durante a tarde, pairou sobre a cidade uma violenta trovoadacompanhada de granizo e copiosa chuva.

Os serviços dos Bombeiros Municipais foram requisitados para o Loreto, onde uma falasca caiu sobre uma árvore



CAMPO PEQUENO

HOJE AS 22 HORAS

PICADORES

na corrida a favor do Fundo de Assistência do Sindicato Nacional dos Toureiros Portugueses

ESPADAS

JOSÉ JÚLIO
ARMANDO SOARES
JOSÉ SIMÕES
EL QUERETANO
MÁRIO COELHO
JÚLIO GOMES

TOIROS DE CRIADORES ASSOCIADOS EM CONCURSO DE GANADARIAS

PINTO BARREIROS
ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA
D. LUÍS PASSANHA
FRANCISCO GOES
ERNESTO DE CASTRO
DAVID RIBEIRO TELLES

PICADORES



BRILHANTES
De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava em geral pouco nublado, o vento era fraco de vários rumos e havia trovoadas — neblina em algumas regiões.
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima Régua, 33°; mínima: Montalegre, 13°.
TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto e Portalegre, 23°; Lisboa e Funchal, 21°; Penhas Douradas, 17°; Coimbra, 19° e Faro, 24°.
TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL AS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar, 18°8; na atmosfera, 20°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu geralmente pouco nublado, podendo apresentar-se muito nublado nas regiões do Norte e Centro, com ocorrência de trovoadas dispersas; formação de neblina durante a noite e manhã na faixa costeira e norte do Tejo; vento geralmente fraco.



MARÉS:
PREIA-MAR — Hoje: 9 e 28 (3,5 m); 21 e 55 (3,6 m).
Dia 16: 10 e 35 (3,4 m); 23 e 07 (3,4 m).
Dia 17: 11 e 51 (3,4 m).
BAIXA-MAR — Hoje: 2 e 33 (1,3 m); 15 (1,4 m).
Dia 16: 3 e 48 (1,4 m); 16 e 19 (1,5 m).
Dia 17: 5 e 08 (1,5 m); 17 e 42 (1,5 m).

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS
7207 — 4 200 000\$
21999 — 420 000\$
30416 — 240 000\$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO
7206 — 12 870\$
7208 — 12 870\$

PRÉMIOS DE 12 CONTOS
8 2593 4335 5416 5536
6063 7694 9443 12146 12668
13406 15193 18100 19817 21595
22713 24216 27462 29200 30774
30952 31016 36239 38167 39722
41145 43915 44604 45720 46944
48253 49617

PRÉMIOS DE 4800\$00 (Centenas)
7201 a 7300; 21901 a 22000
30401 a 30500
PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 477, têm direito ao prémio de 1.260\$00, em cada bilhete. Os terminados em 111, 144, 286, 625 e 628, são premiados com 960\$00. Por sua vez, os números cujos dois últimos algarismos sejam 27 são premiados com 900\$00 e, os terminados em 01 ou 72, com 600\$00. Todos os restantes números cujo algarismo final — terminação — seja 7, são premiados com 800\$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da Lista Oficial.



Vinte e cinco jovens da melhor sociedade de Belém (Pará) tiveram ontem, no Casino Estoril, o seu «baile de debutantes». Após o «show», as jovens brasileiras desfilaram perante o público, apresentadas pela locutora Maria Leonor, e, a seguir, dançaram a primeira valsa. Como pares tiveram cadetes da Escola do Exército. Outros atractivos da festa: a presença de duas «rainhas» do Carnaval paraense, o sorteio de uma jóia e alguns fados e canções na voz de Carlos do Carmo

Intervenção de Miller Guerra na Assembleia Nacional

«Como pode a Igreja ser livre num Estado que coarct a liberdade de pensamento e de expressão?» — perguntou na Assembleia Nacional o deputado Miller Guerra, ao intervir, esta tarde, na discussão na generalidade da proposta de lei sobre liberdade religiosa.

Na sua intervenção, disse, nomeadamente, o deputado Miller Guerra: «A liberdade religiosa tem duas faces; uma respeita à igualdade de direitos dos diversos credos religiosos. Acabámos de ver que a aprovação da lei não levanta dúvidas nem dificuldades na opinião publica, pela singela razão de que a liberdade da religião já está estabelecida nos factos sociais e nas consciências. Isto corresponde ao espírito do tempo presente.

A outra face da liberdade religiosa é menos falada, mas mais importante; vem a ser a liberdade de propagar a doutrina, o credo, a fé. Sem essa faculdade estar garanti-

da, pode falar-se de liberdade religiosa? Considerada por este ângulo, a proposta de lei deixa a consciência do crente ilaqueada por limitações radicais à expansão da verdade que professa.

Como pode a Igreja ser livre num Estado que coarct a liberdade de pensamento e de expressão?

Dir-se-á que a lei concede a liberdade para as manifestações específicas da religião, mas isso não chega, porque é equivoco.

A religião não consiste sómente em actos de culto e de piedade — é uma concepção universal do homem, da natureza e da história. É uma resposta às interperlações da vida presente e futura, nos seus aspectos fundamentais. A religião dá sentido, significação, valor ao homem e ao mundo; os Evangelhos são o modelo e o guia. Considerar o facto religioso circunscrito ao templo e ao cemitério, é amputá-lo. É fazer da religião um ritual confiado.»

E A SÉRIE CONTINUA...

OS 4200 CONTOS

DA

SORTE GRANDE

7207

Foram distribuídos hoje aos balcões da

CASA DA SORTE

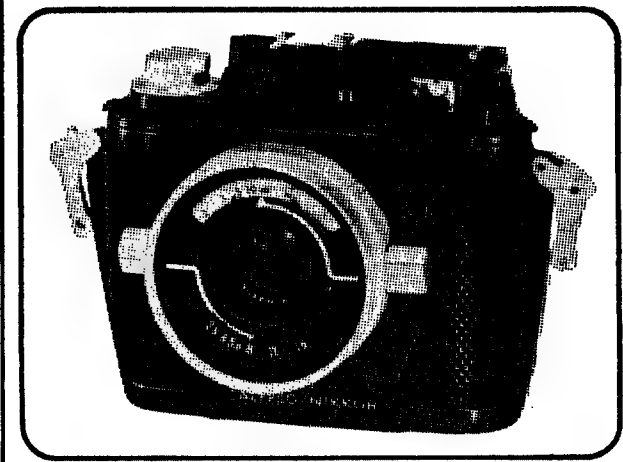
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO MUNDO EM LOTARIAS E TOTOBOLA

Nikon

apresenta

CALYPSO/NIKKOR II

A CÂMARA 24x36 DE «CHOQUE» PARA A FOTOGRAFIA DESPORTIVA



Aqui está a câmara que o acompanhará em todos os desportos onde seria loucura utilizar a sua máquina habitual.

Pode mergulhar com ela, deixá-la cair na neve, na areia, expô-la à chuva, sem a oxidar, sem que nela penetre a mais pequena gota de água ou o mais pequeno grão de areia.

A CALYPSO/NIKKOR II beneficia da soberba qualidade óptica **Nikon**

Resiste a todos os choques e às pressões submarinas. Ela é de uma estanqueidade total. Tudo nela foi concebido para a fotografia desportiva: grande facilidade de manejo, uma objectiva de 35 mm com grande profundidade de campo, e ainda duas objectivas intermutáveis de 28 e 80 mm.

Dirija-se somente às casas especializadas em material

Nikon

Representantes exclusivos:
EST. M. SIMÕES, JR., SARL
Rua dos Douradores, 10 — LISBOA



NAS CENTRAIS: ENTREVISTA COM JOAO PERRY

SUPLEMENTO LITERÁRIO

670 ■ 15 DE JULHO ■ 1971

ARTE & MERCADO

O Centro Nacional de Cultura promoveu recentemente um encontro para discutir a «Psicologia do Comprador de Artes Plásticas». Tive ocasião de ser informado do contexto geral do debate, por diversas vias e a última foi, aliás, o relato folhetinesco de J. A. França (1); visto que faltei, nesses testemunhos, faço fé e ponto de partida para algumas considerações, sobre o tema proposto. Estou de acordo que a ausência de artistas revelada na meticulosa estatística profissional dos 27 presentes ao dito encontro se presta a congelações zoológicas: se alguém, acaso invejoso, comparou os artistas a «ratos» roendo pela calada, e finalmente, um «bom queijo burguês», se outrem mostrou suspeição do caso indicar «gato» escondido, pelo que me respeita vejame obrigado a explicar, sem prejuízo do meu gosto pelo bom queijo (sobretudo quando acompanhado por vinho convenientemente datado), nem menor estima e consideração pelos gatos, que a minha própria ausência se deveu, de facto, a «King Kong», (2) o gorila apaixonado. E espero que esta referência fílmica ecoe retrospectivamente na consciência estética dos participantes na reunião do Centro tal como as punhadas de King Kong ressoavam no tambor do seu magnífico peito — helas, condenando a estourar por amor.

De uma forma geral, estou também de acordo com o inventário de factores responsáveis pelo «boom» acontecido nos últimos anos entre nós, no domínio da pintura e, de certo, inseparável, como se notou, de um contexto cultural onde se verifica um sensível acréscimo na venda de livros (não digo, precisamente, de leitores), de espectadores em novas salas de cinema (não digo de espectadores exigentes), de ouvintes nos numerosas concer-

tos (não digo de melómanos), mas acrescento com efeito, ainda assim, que os círculos restritos tradicionais estão a ser ultrapassados por grupos relativamente vastos, interessados na cultura como forma privilegiada de lazer e que esses grupos diversos vão constituindo um novo público.

De resto, há, pelo menos, um factor que parece ter escapado ao inventário sociológico do aludido e discutido «boom» pictural — a frequência com que, actualmente, se viaja, por uma razão ou por outra, de qualquer forma permitindo contactos com formas de viver mais evoluídas, naturalmente determinantes de um novo gosto.

Não creio, por consequência, que a pintura se compre agora mais apenas por investimento; há mais gente a gostar de objectos modernos — tanto pode tratar-se de «hot pants» como de quadros. E cabe aqui discordar de uma opinião restritiva: «a impossibilidade de um orçamento médio adquirir hoje pintura»; mas, se um orçamento médio comporta, pelo menos, ou uma televisão, ou um frigorífico, ou um automóvel, o não comportar pintura não diz fundamentalmente respeito ao orçamento mas ao gosto. A questão é saber quem compra pintura; estou convencido de que o surto de compradores actualmente registado nas galerias não se limita a snobs ou a coleccionadores de antiguidades que ampliam as suas preferências epocais, mas exemplifica a ascensão de grupos de profissões liberais, ou afins, a um interesse mais decidido pelas diversas formas de cultura. Recordo-me, no propósito de melhor circunscrever este aspecto, que um gravador inglês, por acaso nascido em Portugal, me perguntava, há tempo, se por cá os operários já compravam gravuras e pinturas.

Ora, a resposta é, evidentemente, negativa — não compram, por enquanto; antes porém de se referir a uma questão de poder de compra, é ainda uma questão de educação do gosto que essa negativa põe em causa. Porque, a educação artística, no plano escolar, e a reeducação ou estimulação do gosto, no plano dos adultos, acompanham de perto a amplitude deste poder de compra. Comprar uma obra de arte é, antes de mais, uma opção do supérfluo. E a psicologia de aquisição do supérfluo tem de entrever-se numa futura civilização de lazes; o que está ainda sociologicamente distante

trata da motivação profunda da invenção artística; atinge-se aqui um domínio que não pode ser minimamente partilhado; todavia, restam ao nível do estímulo e da consciencialização do poder inventivo do pintor (ou do autor), como ao nível do didactismo divulgador, aspectos de intervenção da crítica, das galerias ou do público esclarecido cuja importância não se ignora, modernamente, a não ser por hipocrisia ou por estupidez.

A crítica ou as galerias não podem, bem entendido, determinar uma estética válida, mas podem, mediatamente, afirmá-la ou divulgá-la num público que co-

tista: trata-se de uma situação que constantemente equaciona o seu poder de renovação e a possibilidade de resistência à deterioração formalista.

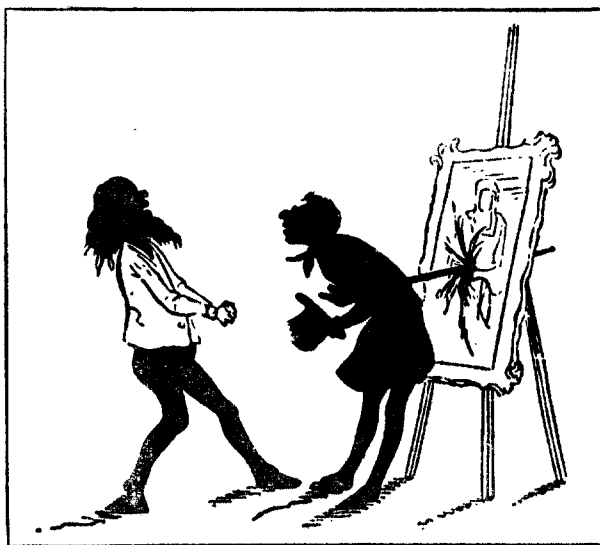
Que o incipiente mercado nacional se tenha mostrado receptivo à alteração da tradicional inoperância e amadorismo das galerias e da irrelevância da crítica, é compreensível, sobretudo quando verificamos, correlativamente, o aparecimento de uma geração mais numerosa de artistas plásticos e um maior acesso à cultura. Pouco importa, portanto, que essa receptividade comporte alguns excessos — se um quadro pode atingir, excepcionalmente, entre nós uma verba de mil e duzentos contos, esse é, por exemplo, o preço de um maxi de arminho, etc., etc.

A questão pertinente é, porém, saber se nas transacções habituais não se criaram, por reflexo, cotações puramente artificiais logo que confrontadas com as do mercado internacional; isto é, se os preços das obras de arte nacionais se poderão manter internacionalmente ou se sofrerão, num «mercado comum das artes», uma real desvalorização, significativa da sua actual arbitrariedade interna. E se, então, um período de contracção se não seguirá à euforia incénua do presente.

Este tipo de interrogações formuladas no Centro devem em grande parte ser respondidas com outra interrogação — di spomos, desde quando, de uma «política cultural» valorizadora no plano internacional de obras portuguesas? Suspeitamos que, pelo menos em alguns casos, não se trata de uma falta de qualidade intrínseca ou de desactualização formal, mas o de-

Continua na pág. 2

Nikias Skapinakis



O mercado da arte... pode estourar!

de nós não é apenas o orçamento restrito que impossibilita a aquisição de gravuras ou quadros mas não saber ainda perder tempo a olhar para eles.

De qualquer modo, o primado tradicional da poética, está alterado e, sem dúvida, há no caso (ia a dizer no gato) real interferência de *marchands*, coleccionadores e críticos. Essa interferência irrita logo que se

meçando a ser mais vasto do que os círculos de amadores tradicionais impõe em toda a parte, aos criadores, e com evidente vantagem, a profissionalização; mas esta não se resume na facilitação de processos e na libertação de um sem número de encargos enfadonhos e paralisantes; constitui também a mais difícil prova a que se submete, contemporaneamente, o ar-

OS CRISTÃOS-NOVOS PORTUGUESES E A INQUISIÇÃO

TRÉPLICA AO SR. ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA/POR I. S. RÉVAH

Com as cartas de António José Saraiva e I. S. Révah, abaixo transcritas, e a «Tréplica» deste último, cuja publicação iniciamos neste número, dar-se-á por concluída a polémica que opôs aqueles dois estudiosos. O êxito do livro «Inquisição e Cristãos-Novos» e os problemas acerca dele levantados por Révah, bem como a envergadura intelectual dos dois interlocutores, levam-nos a acreditar não ter sido inútil a publicação desta polémica — reveladora não só de duas concepções distintas da História, com seus métodos de investigação e sua fundamentação interpretativa, como da personalidade característica de ambos os polemizantes. É longa (52 páginas dactilografadas) a «Tréplica» de I. S. Révah: daí a necessidade de publicá-la dividida por vários números do suplemento. Mas a complexidade e o rigor de tratamento do assunto obrigam — temos que convir — à utilização de um espaço compatível; por outro lado, sabemos existir em Portugal um vasto público interessado na matéria. A este, teremos que pedir desculpa pela excessiva divisão do texto agora subscrito por Révah. Deve-se ela, fundamentalmente, ao facto de não podermos prejudicar, em variedade de assuntos e interesse de leitura, os leitores porventura indiferentes a esta polémica.

Paris, 27 de Junho de 1971

Ex.^{ma} Senhor Director do «Diário de Lisboa»

Venho agradecer a hospitalidade que me deu nas colunas do Suplemento a minha resposta ao sr. I. S. Révah, mais longa do que inicialmente projectei. E ao mesmo tempo declarar que, pela minha parte, dou por finda a polémica com esse estimável erudito, com quem já gastei muito tempo e paciência.

Quanto à carta da sua autoria publicada no n.º de 17-6-71 traz só de novo a descoberta de que os interlocutores do meu Diálogo, Afonso e David, são «entes quiméricos» por mim «fabricados». Chegar a esta conclusão sem a ajuda de documentos revela uma admirável perspicácia. Mas, no mesmo período, o sr. Révah acusa-me de eu ser o «procriador» desses «entes» e por isso o causador da «falta de boa-fé» de que dão provas os ditos Afonso e David. O distinto genealogista não apresentou ainda as provas da «procriação» nem da má-fé hereditária na dita família. É assunto que sem dúvida desenvolverá num dos seus luminosos estudos.

Com os meus cumprimentos, subscrevo-me, sr. Director, muito cordialmente

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

P. S. — A gralha mais importante na publicação do meu Diálogo é a troca da palavra *exatos* pela palavra *exceção* na pág. 4, col. 4, do Suplemento de 17 de Junho.

*

Paris, 30 de Junho de 1971

Ao Ex.^{ma} Sr. Director do «Diário de Lisboa»Ex.^{ma} Sr. Director,

Nos «Suplementos Literários» de 6 e 27 de Maio, 3 e 17 de Junho de 1971, o «Diário de Lisboa» publicou uma «Carta ao Director» do jornal e um «Diálogo sobre a entrevista Silva-Révah», da autoria do sr. António José Saraiva. No uso do direito de resposta, solicito de V. Ex.^a a publicação integral da tréplica, cujo texto junto á presente carta.

Como outros historiadores portugueses e estrangeiros, fui agredido no libelo do sr. Saraiva intitulado «Inquisição e Cristãos-Novos». Para que o «Diário de Lisboa» nada tivesse que ver com isso, bastava que não aceitasse e não publicasse a «Entrevista Silva-Révah». Mas já que pensou que interessava a todos os Portugueses a questão de saber claramente o que

foi a Inquisição e que, para tentar esclarecer a questão, entrevistou o Professor I. S. Révah e publicou o texto da entrevista, seria falta contra a objectividade e a imparcialidade dar aos leitores do jornal a impressão que o referido professor nada tem que responder ao que disse o sr. A. J. Saraiva na «Carta» e no «Diálogo» impressos no «Diário de Lisboa».

Na maioria dos casos, os ataques e os argumentos atirados pelos entes quiméricos que discretizam no «Diálogo» são novos na pena do sr. A. J. Saraiva. Como não sou adivinho, não podia prevê-los, e, na entrevista, antecipadamente, em cada caso, restabelecer a verdade histórica e defender a minha probidade científica. Um exemplo: não podia eu prever que seria, ao mesmo tempo, designado como representante da «histiografia judaica» e como historiador que só trata de confirmar os pontos de vista dos inquisidores e dos autores anti-semitas.

Contrariamente ao sr. A. J. Saraiva, acredito totalmente na existência de uma ciência histórica que nada tem que ver com as ideologias dos seus diversos cultores: não posso deixar delatá-lo, nas colunas do «Diário de Lisboa» o meu trabalho de histo-

riador, sem pedir encarecidamente que se publique, no mesmo jornal, a indispensável refutação de estas deturpações.

V. Ex.^a há-de notar, com certeza, que na tréplica: 1.º, não respondi a nenhum ataque ou a nenhuma insinuação que não estivesse estritamente ligado ao problema em discussão; 2.º, só refutei (e ainda assim, não exaustivamente) as «ideias gerais» e os «métodos de trabalho» do sr. A. J. Saraiva, e uma das teses defendidas pelos seres imaginários do Diálogo publicado pelo jornal.

Julgo que, só com a publicação da tréplica, os leitores do «Diário de Lisboa» terão elementos suficientes para formar o seu juízo. A tréplica publicada, darei por terminada a minha participação á polémica nas colunas do jornal que V. Ex.^a superiormente dirige e que poderá imprimir, sem pedir meu de resposta, todos os «Diálogos ou Colóquios» do sr. A. J. Saraiva sobre a Inquisição e Cristãos-Novos.

Junto aos protestos de antecipado reconhecimento a expressão da minha maior consideração, subscrevo-me

I. S. RÉVAH

Professeur au Collège de France

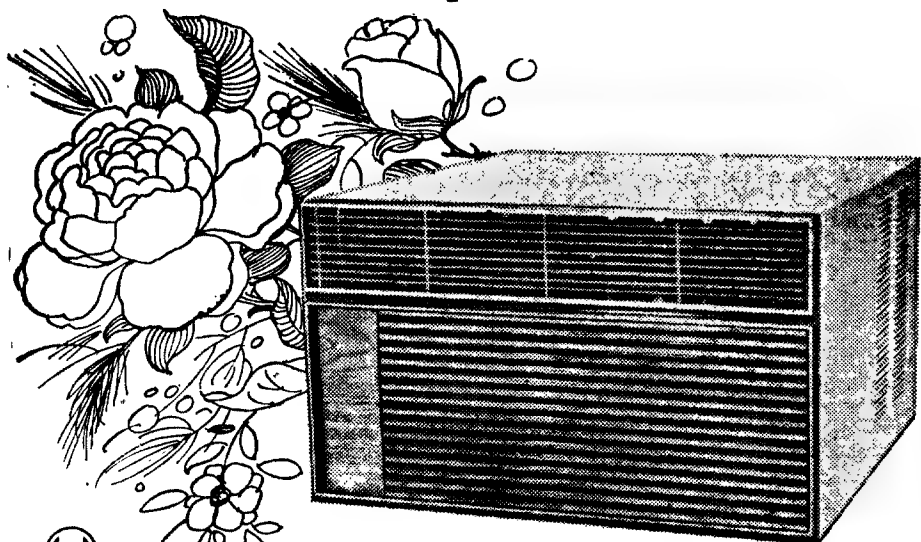
OS CRISTÃOS-NOVOS PORTUGUESES E A INQUISIÇÃO Tréplica ao sr. António José Saraiva

A CRÍTICA minuciosa do livro «Inquisição e Cristãos-Novos», que fiz numa entrevista conduzida pelo dr. Abílio Dinis Silva, e publicada no «Diário de Lisboa» (6 e 13 de Maio de 1971), o autor do livro, A. J. Saraiva, respondeu com uma «Carta ao Director» do jornal («D. L.», 6 de Maio) e com um «Diálogo sobre a entrevista Silva-Révah» («D. L.», 27 de Maio, 3 e 17 de Junho). Não faço menção de responder aos ataques caluniosos e às insinuações gratuitas com que me mimoseia o referido publicista, até porque me sinto particularmente honrado por ter sido alvo de tais ataques, vindos de tal pessoa. Na «Carta ao Director», ao falar de mim, o sr. Saraiva denuncia: «o ran-

cor estrangulado que se esconde debaixo do seu pretenso ardor pela verdade científica». Semelhante juízo, formulado e assinado pelo autor do monumento de improbidade historiográfica que é «Inquisição e Cristãos-Novos», equivale ao maior dos elogios da minha modesta obra científica.

Os autores do texto de apresentação da entrevista Silva-Révah exprimem uma ideia que deve ser meditada: «... interessa a todos nós portugueses, e não apenas a uma camada de eruditos, a questão de saber claramente o que foi a Inquisição, qual o seu papel na repressão religiosa, ideológica e política durante três longos séculos, que meios utilizou, quem foram os perseguidos e porque o foram, enfim que cicatrizes deixou na sociedade portuguesa». Por outro lado, saber claramente o que foram os Cristãos-Novos portugueses e os seus descendentes, desde 1497 aos nossos dias; saber claramente o que

ar condicionado
BOSCH
a temperatura do conforto



ARTE A MERCADO

Cont. da pág. 1

sintresse alheio só poderá, previsivelmente, alterar-se através de uma difusão da arte nacional, prudentemente programada e executada. A isso alude J. A. França e está certo.

Quanto às condições internas de uma maior procura que a pintura defronta é pouco provável que retrocedam mesmo sob o desejável impacto de concorrência; se, como julgo, assistimos, entre nós, a um começo de novas relações entre a arte e o público (o que me parece menos exa-

gerado do que a adopção do «boom» para uso coloquial) as especulações ocasionais perderão de todo o

significado dúbio que presentemente ainda podem assumir. Porque é difícil, de facto, não acreditar que económico e culturalmente as vias de desenvolvimento se não acentuem apesar de tudo... mas, claro, em alternativa, talvez mais receosa que realista, o mercado da arte, o mercado comum, o planeta, podem estourar como o King Kong, coitado.

(1) «Boom ou Boomerang» — Sup. Lit. Diário de Lisboa, 1 de Julho de 1971.

(2) Por coincidência exibido às mesmas horas no Festival de Cinema.



foi o Santo Ofício ibérico que perseguia tantos Cristãos-Novos durante 230 anos, tais foram e são os únicos objectivos das minhas investigações arquivísticas, do meu ensino em vários centros parisienses e das minhas publicações sobre esta matéria. Da coincidência entre o «Interesse» do «Diário de Lisboa» com os meus próprios «objectivos» nasceu a entrevista Silva-Révah. A presente tréplica devia ter, e tem, a mesma explicação.

Na realidade, «Inquisição e Cristãos-Novos» é um libelo demagógico contra a Inquisição, escrito por um ideólogo-catavento, absolutamente incompetente no assunto, que, por meio da deturpação sistemática de uns quantos textos e documentos (geralmente conhecidos de segunda mão), oferece uma visão inteiramente falsa da história multissecular dos Cristãos-Novos portugueses. O autor do libelo calava acintosamente a existência de graves críticas, formuladas por vários investigadores, contra as hipóteses que expusera em publicações de 1955-1956. Depois da entrevista Silva-Révah, que revelava o facto, já não fazia sentido esconder tais críticas. Por isso, os dois interlocutores do «Diálogo», Afonso e David, com a cínica má-fé, facilitada pela sua natureza fantasmagórica, passam a deturpar grande número de textos e teses importantes que, no libelo, brilhavam pela ausência. No «Diálogo» a deturpação atinge proporções colossais que tornam impossível uma refutação exaustiva nas colunas de um jornal. Para cada ponto de discussão é preciso: 1.º — restabelecer o sentido do que o Sr. Saraiva escreveu realmente em 1955-1956 e em 1969; 2.º — restabelecer o sentido do que escreveram realmente os críticos das hipóteses lançadas em 1955-1956, e os autores de estudos alegados pela primeira vez no «Diálogo», depois de 16 anos de meditação saraviana do assunto. O autor do «Diálogo» cita uma «recensão crítica muito favorável ao livro de Saraiva» (trata-se de uma *recensão anónima* de 28 linhas), mas cala, já se vê, a existência de críticas absolutamente pertinentes ao libelo de 1969, mesmo quando essas críticas se inserem em recensões no fundo «favoráveis» ou «muito favoráveis». E porquê? Porque mais vale perder o benefício de recensões em geral favoráveis, do que revelar aos leitores do *Diário de Lisboa* que alguns críticos tiveram o atrevimento de não concordar com todas as teses absurdas e demagógicas do Sr. Saraiva.

HISTORIOGRAFIA E IDEOLOGIA

O carácter absurdo e demagógico do libelo explica-se perfeitamente pelo conceito lamentável da historiografia, que o Sr. Saraiva definiu espontaneamente, com o mais estreito dogmatismo, quando ninguém lhe pedia tal definição. Em Julho de 1969, em pleno triunfo de «Inquisição e Cristãos-Novos», o dr. Abílio Dinis Silva recorria aos lábios do Sr. Saraiva, e publicava no *Diário de Lisboa* o seguinte oráculo: «...a história é um campo muito propício às ideologias, assim como às utopias relativas ao futuro. Em geral, os livros de história são uma ordenação dos factos passados segundo uma ideologia que se formou posteriormente a eles. São portanto formas de dar às ideologias aparências científicas». Quer dizer que, para o Sr. Saraiva, tudo se passa como se cada ideologia contratasse, e integrasse nos seus serviços de propaganda, uns tantos funcionários, chamados «historiadores», que tivessem por missão, mediante uma ordenação tendenciosa dos factos do passado histórico, emprestar aparências de ciência à mesma ideologia. Não vou, é claro, gastar o meu tempo, nem a paciência dos leitores, com a refutação deste indigno conceito de historiografia, e ainda menos com a competente definição da «ciência histórica», essa ciência na qual o Sr. Saraiva andou tantos anos a fingir que acreditava.

Mais compensatório é, na verdade, mostrar como a concepção de uma «historiografia-escrava-das-ideologias» podia engendrar grandes complicações no espírito e no «trabalho» de um pseudo-investigador que sofre de doença perigosa: instabilidade ideológica crónica. Em 1969-1970 o Sr. A. J. Saraiva publicou um primeiro livro, em que aplicava de maneira simplista e ridícula a teoria da luta de classes à história dos Cristãos-Novos e da Inquisição, e um segundo livro, em que atacava deliberadamente a validade ideológica, e portanto historiográfica, de teoria da luta de classes. Esta constatação irrefutável está ao alcance de qualquer pessoa: prova que o Sr. A. J. Saraiva vota ao mesmo desprezo ideologia e historiografia. Apesar disso o fantasma David, porta-voz dos belos sentimentos do seu procriador, encontrou para a minha observação uma explicação de grande nobreza: «Desconfio que da teoria da luta de classes Ré-

vah só sabe que é um tema melindroso na actual conjuntura de contestação universitária em França. Por isso fala prudentemente não da teoria, mas da sua «aplicação simplista», sem explicar em que é que consiste o *simplismo* da aplicação». Respondeu ao procriador do Sr. David: 1.º — que a contestação universitária deixou incólumes os estabelecimentos onde ensino desde 1955 e 1966, os quais, aliás, não fazem parte da Universidade francesa; 2.º — que sempre pensei e continuo a pensar que a teoria da luta de classes não é capaz de explicar a totalidade da história das culturas humanas, nem, em particular, a totalidade da história da cultura judaica; 3.º — que seria desleal julgar do valor explicativo de qualquer teoria pela sua aplicação em livros ridículos ou demagógicos como *A Inquisição portuguesa* ou *Inquisição e Cristãos-Novos*, da autoria do Sr. Saraiva.

A «HISTORIOGRAFIA» SIMPLISTA DO SR. A. J. SARAIVA E A CRÍTICA (1956-1960)

É fácil explicar (e já se explicou várias vezes) em que consiste o *simplismo* da aplicação, pelo Sr. Saraiva, da teoria da luta de classes à história dos Cristãos-Novos e da Inquisição. No capítulo de 1955 e no livro de 1956 este *simplismo* exprime-se pelas ideias seguintes:

- 1.º — Os Judeus convertidos em 1497 foram rapidamente assimilados na sociedade cristã-velha;
- 2.º — «A raça dos Cristãos-Novos era um mito criado pelos próprios inquisidores e pelas forças de que eles eram os agentes», quer dizer pela classe senhorial;
- 3.º — A religião criptojudáica era uma invenção do Santo Ofício; não tinha existência real em Portugal. Já em 1524 os ritos judaicos, conservados por «uma minoria mais persistente», «perdiam progressivamente o seu significado religioso»;
- 4.º — «O nome dos Cristãos-Novos era o apelativo demagógico com que o grupo dominante em Portugal desde meados do séc. XVI procurou afastar a burguesia da direcção política do Estado e da hegemonia económica»;
- 5.º — «O desaparecimento da casta dos Cristãos-Novos ao toque das leis de Pombal revela simplesmente que a burguesia se tornara, sob o seu governo, uma classe dominante e que a aristocracia senhorial perdera a partida.»

Convém indicar que, em 1955-1956, o Sr. A. J. Saraiva, autor de um livro *simplista, unilateral, dogmático sobre os Cristãos-Novos, ignorava inteiramente a existência de uma literatura sobre os Judaizantes portugueses no século XX*, literatura da qual sobressaem as contribuições de Samuel Schwarz (1925), do erudito abade de Baçal Francisco Manuel Alves (1924-1926, 1931, 1947), do autor do opúsculo *Marranos in Portugal* (Londres, 1938), e dos colaboradores do periódico intitulado em hebraico *Ha-lapid*, órgão da comunidade israelita do Porto (conheço 139 números publicados entre Abril de 1927 e Novembro de 1947; há outros que não vi). Para avaliar a importância extradordinária da descoberta de núcleos criptojudáicos portugueses no século XX, basta evocar o caso dos *Chuetas* de Malhorca, cuja homogeneidade étnica foi mantida pelo ostracismo até o século XX, mas que tinham perdido toda a ligação religiosa com o Judaísmo. Não é exagero polémico qualificar de «ridículo» um opúsculo de 1956, em que se afirmava que em 1524 os ritos judaicos já iam perdendo o seu significado religioso em Portugal, quando os observadores modernos demonstram que esses ritos têm mantido o seu valor religioso no Portugal do nosso século.

(Continua)



Cal(i)grafias

PODE DIZER-SE que COLÓQUIO/LETRAS é uma nova revista literária apesar do seu nome nos ser já de algum modo familiar. Na verdade a revista existia desde há doze anos se bem que sob forma diferente e dedicando aos assuntos de natureza literária uma pequena parte das suas páginas. Mas se a forma hoje se modificou (ao ponto de as LETRAS se terem individualizado) a personalidade da revista não muito se alterou. Ontem como hoje, COLÓQUIO/LETRAS permanece a mesma encruzilhada de ideologias reflectindo sobre a «Literatura». No seu primeiro número (Março de 1971) será talvez de destacar um trabalho muito inteligente de José Guilherme Merquior (*Sobre alguns problemas da crítica estrutural*) e os importantes estudos de Jacinto do Prado Coelho e André Crabbé Rocha sobre respectivamente Camilo e Cesário Verde. Fernando Guimarães ao tentar proceder a uma *Revisão da moderna poesia portuguesa*, talvez devido ao largo período abrangido, realizou um trabalho que é mais descritivo do que analítico.

No campo da poesia são publicados poemas de Carlos Drummond de Andrade, António Gedeão, Eugénio de Andrade e Natércia Freire. Na generalidade, todos os poemas representam em relação à obra dos seus autores momentos de baixa qualidade. São no entanto francamente maus os textos de António Gedeão e Natércia Freire. Na secção de Crítica de Livros, Eduardo Prado Coelho e João Palma Ferreira repetem sensivelmente as opiniões que sobre os mesmos livros já antes haviam publicado em jornais diários. O texto de João Palma Ferreira, sobretudo, poucas diferenças deve ter em relação ao que publicou no jornal A CAPITAL. José Bento fala de um livro que não tem existência (*Poemavra* de José Valle de Figueiredo, edit. Verbo); Maria Alzira Barahona, se bem que iniciando o seu texto com fórmulas de certo modo escolares, realizou um bom trabalho sobre uma 2.ª edição

bastante revista do *Rumor Branco* de Almeida Faria, iniciando alguns comentários sobre as duas tão diferentes versões deste livro, que é já hoje uma data na nossa mais moderna literatura de ficção; sobre os restantes textos desta secção pouco haverá a dizer a não ser referir o seu equilíbrio.

Ainda em relação a este primeiro número da nova revista é no entanto importante referir o texto introdutório. Assinam-no os seus directores: Hernani Cidade e Jacinto



Prado Coelho. Nele se afirma entre outras coisas: «COLÓQUIOS/LETRAS vem, com efeito, preencher uma lacuna que se tornava sensível: será, em Portugal, a única revista especificamente literária — com textos de poesia e ficção, mas, na maior parte, destinada ao estudo da literatura de modo não puramente erudito, não polémico, não meramente divulgativo, antes serenamente reflexivo,

problemático, ensaístico» (sublinhado nosso). Mais à frente se fala de outras directrizes da revista: sem dependência de escolas, de sectarismos ou de proselitismos; qualidade; tolerância; respeito mútuo.

Não se querendo portanto definir, COLÓQUIO/LETRAS definiu-se com o que nos deixa entrever. Não se querendo situar, situou-se. Querendo-se uma revista bem comportada, anulando a polémica, exigindo a tolerância, COLÓQUIO/LETRAS impede o movimento das ideias que mantém a cultura viva e actual. Com isso ela anula a sua função como revista, limitará a sua acção dentro do espaço em que se inscreve, seleccionará o seu público (sem dúvida que um público de espectadores), condenar-se-á como revista feita dentro da Universidade e nem mesmo assim de interesse para a maioria dos universitários, tenderá, enfim, a fazer na poeira da indiferença em que já vivia aquela que lhe deu origem.

COLÓQUIO/LETRAS não poderá (nem deverá nunca) esquecer os dois condicionamentos básicos que desde a origem vincadamente a limitam: a instituição que a publica e o preço a que se vende. Se quiser salvar-se terá de ser uma revista viva — no sentido em que viver é intervir, é relação com a exterioridade, é movimento constante. E é bom que tente salvar-se porque, num certo sentido, COLÓQUIO/LETRAS pode muito bem ser a revista que faltava.

O segundo número agora aparecido (Junho de 1971) mantém a mesma encruzilhada do primeiro. A ficção continua mal representada: de modo algum os textos publicados nos fazem reconhecer em qualidade o habitual dos seus autores; Miguel Torga e Vergílio Ferreira. No ensaio destaca-se um texto de Erwin Theodor (*A forma do romance moderno — reflexo de experiências colectivas*) e a análise estrutural da obra de Eça de Queiroz encetada por Cleonice Berardinelli. Na poesia, perante três belos textos de António Ramos Rosa, o equilíbrio dos poemas de David Mourão Ferreira, Ruy Belo, Armando Trêvisan e Carlos Nejar. Textos de crítica imediata, cartas do estrangeiro e informações encerram silenciosamente este segundo número da revista.

Esperemos pelo terceiro. Não evidentemente com desinteresse ou cansaço. Mas com expectativa e com esperança — que é como sempre recebemos as coisas novas.

NELSON DE MATOS

Folhetim-artístico

de José-Augusto França

LEMBRANÇA DE TRÊS PINTORES

LEMBRO com mágoa três artistas que morreram há pouco e que eram da minha estima e da minha admiração. Lembro Jorge Barradas, Guilherme Filipe e Couto Tavares nestes folhetins que a outras ideias e lembranças andam afeitos — mas que cumprem assim, como sempre eu desejaria, um dever de justiça.



Jorge Barradas: «Auto-retrato» (1922)

O retrato dos três artistas que evoco é diferente, mais célebre um, mais esquecido outro, menos conhecido o terceiro; de todos eles, porém, a cultura portuguesa ficou devedora. E eu também, pessoalmente.

BARRADAS morreu quase na altura em que «A Brasileira» de sua quotidiana fidelidade inaugurava os novos quadros que substituíam outros, entre os quais dois, do pintor falecido — quadros que o tempo deteriorara e sobre os quais tanto conversámos. A Barradas devo as informações mais fidedignas sobre as decorações de 1925 — dadas com o sabor de cronista espiritualoso que ele era, com curiosas páginas de memórias escritas.

O humorismo, contestação mas desculpada também numa «primeira geração» de modernos, culposos de o serem entre Malhoas, ficou como pedra de toque da elegância desta gente — e ninguém mais a merecia que este homem discreto, dado a um bom gosto que matou a cultura dos anos 30-40 em Portugal.

As cerâmicas de Barradas vieram da sua pintura e a sua pintura veio dos seus desenhos, numa sequência de propostas definidas em grande unidade estética. De um género para outro passou um gosto folclórico que era, porém, autêntico, marcado por uma sensibilidade ao pitoresco de costumes populares vinda como corrente maior do romantismo garretiano.

Justamente os quadros de Barradas substituídos na «Brasileira» davam, em 1925, a nota dominante dum reatamento modernista com essa corrente, ideologicamente adaptada à moda dum «política de espírito» — mas que, neste pintor independente, mantinha elegantemente, ou aristocraticamente, as distâncias. De resto, a arte populista só assim se defende, com a devida ironia a evitar toda e qualquer demagogia...

GUILHERME FILIPE é outro pintor que ricordo — este velho companheiro de projectos absurdos, o homem da J. U. B. A. e das Terças-Feiras Clássicas do Tivoli, o homem do «Cristo Negro» exposto em Madrid em 1925 à porta do Salão, o homem da Nazaré — e dum teimoso apêgo a sonhos de juventude.

Conhece-se o seu bizarro manifesto de à margem de tudo o mais — uma ditadura 1926, distribuído no 28 de Maio e exigindo, das Artes! — menos se sabe dum conferência em Coimbra, no ano anterior, onde uma grande acusação era feita ao Estado que não se ocupava da sorte dos artistas, obrigados a porer de parte a sua criação «Renúncio mas não perdão», dizia Guilherme Filipe — e toda a sua acção posterior foi uma corajosa luta para forçar portas e realizar sonhos.

Em 1948, o «Jardim Universitário de Belas-Artes» foi uma coisa assim — de ambições universais e universalistas, envolvendo os maiores nomes do mundo das Artes, das Letras, do Pensamento, da Ciência, com todos eles (Picasso ou Einstein...) mantendo contactos algo delirantes, num idealismo sem senso nem descanço... Em Lisboa, eram intermináveis discussões, em sessões e reuniões muito concorridas — num momento muito animado da vida nacional. Debates estéticos, filosóficos, sociológicos em que intervinham, entre outros, António Pedro, Delfim Santos, Vieira de Almeida, José Marinho, o velho Raul Leal, Armindo Rodrigues, Jorge de Sena, Casais Monteiro, eu próprio. A maior liberdade e grande confusão de propósitos, também — mas numa generosidade de comportamento intelectual que não creio ter sido igualada nestes últimos vinte e cinco anos, tantos quanto os que passaram desde então na nação portuguesa...

QUANTO as Terças-Feiras Clássicas, elas foram, de 1948 a 54, a única possibilidade de formação de uma cultura cinematográfica viva, substituindo os cineclubes então interditos. Olho para os duros e tantos programas destas sessões (que o António Furtado Borges e eu es-



Guilherme Filipe no seu atelier

crevamos, com notas críticas, citações, larga bibliografia) e vejo o valor da acção de Guilherme Filipe que nessa campanha cultural fez bastantes sacrifícios — até de bolsa, que poucas vezes eram rentáveis as sessões. E vejo-me a mim e ao Furtado Borges a batermo-nos por um programa-

Continua na pág. 6



JOÃO PERRY: SER ACTOR EN

1—DESTRUIR E SER DESTRUÍDO

Entrevista conduzida por Carlos Porto

JOÃO PERRY é um dos nossos actores de quem se se pode esperar uma renovação do teatro português. Como muitos outros, J. P. vale mais por aquilo que é de que por aquilo que faz — não o culpemos a ele mas a um contexto teatral que ignora, quando não destrói, aqueles que preferiam fazer a ser.

A entrevista com João Perry prova que o actor é uma maneira de fazer teatro — parece-me ser essa uma das lições a colher. Entrevista polémica, como o próprio entrevistado, poderá eventualmente provocar respostas daqueles que se sintam atacados (a começar ou a acabar no entrevistador). Este lugar, como de costume, está aberto a esses respostas.

C. P. — O que significa ser actor em Portugal?

J. P. — Essa é que é a chamada pergunta simples... Assim como quem pede: fala-me da obra do Dostoiévski.

C. P. — Tu não és o Dostoiévski. És o João Perry, actor, e é nessa qualidade que quero que me respondas.

J. P. — É um bocão difícil. Há duas espécies de actor. O actor consciente e o inconsciente. Eu só posso falar do que penso ser a minha espécie. A outra é tão alienatória que tenho a impressão que significa o que cada um pretende que signifique para si próprio. Para mim não significa nada. Ser actor, é a minha maneira de viver. Eu tenho olhos azuis e cabelos loiros — e a minha maneira de viver é ser actor. É a minha verificação. É estar metido num órgão da sociedade a ser um outsiderzinho...

C. P. — Alto... Tu és um marginal mas és, ao mesmo tempo, um actor integrado. Há aí uma contradição.

J. P. — Integrado nessa sociedade? Vejamos...

C. P. — Tanto mais que fazes parte de uma companhia académica ainda por cima...

J. P. — Alguém disse uma vez: para destruir um sistema tem que se estar dentro dele. Não se pode saber quais são os corredores da casa se não se estiver lá dentro. Por fora só se vêem as portas.

C. P. — Portanto, para ti ser actor é uma manifestação política.

J. P. — Viver é uma forma de fazer política. Eu sou actor. Vivo. Não se pode dividir o acto da existência do acto político de existir.

C. P. — E achas que estás a destruir ou a ser destruído?

J. P. — Ser destruído, esse é o risco. Quando se ataca tem que se contar à partida com a defesa. Por outro lado, posso ser assimilado, e se o for é porque não tinha qualidades suficientes para resistir. Portanto tive o que merecia. Mas tenho a impressão, realmente de que

não está a acontecer isso. Criar é agitar o que havia com o estabelecido anteriormente.

C. P. — Concretiza: o que é que tu estás a agitar? Fazendo «O Duelo»?

J. P. — Não sou totalmente conivente com o sis-



tema pois o denuncie juntamente com a minha auto-análise, quando digo: faço isto mas não estou de acordo e dou as razões porque o faço.

C. P. — E procuras fazer o melhor possível?

J. P. — Sim, sempre procuro fazer o melhor possível. Não por razões de respeito para com o texto que faço, porque não tenho respeito nenhum, tanto para com os bons como para com os maus textos. No caso de «O Duelo», desrespeito intensamente o texto e o seu autor. Mas procuro fazer o melhor possível por respeito por mim, por coerência com a minha opção.

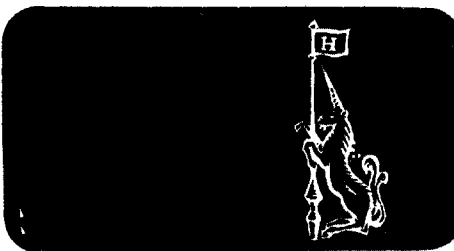
C. P. — Falaste em texto. Mas o que é isso de texto no teatro, hoje?

J. P. — No teatro, aqui em Portugal, o texto continua a ser, infelizmente, o que sempre foi. É uma coisa que um sonho escreve e outros dizem tentando não representar muitos «des» nem muitos «ses». Eu realmente não tenho qualquer dessas tendências porque faço uma violência embora a um nível muito caseiro. Quanto a mim, o actor deve criar dentro dum texto uma linguagem que o ligue a ele

EXPOSIÇÃO/FEIRA

LIVROS DE BOLSO

PORTUGUESES-ESTRANGEIROS
NA QUADRANTE
DE 12 A 31 DO CORRENTE



Prontuário das Letras

Poesia portuguesa na Gallimard

A editora francesa Gallimard acaba de lançar uma relativamente volumosa «Anthologie de la poésie portugaise», com selecção, prefácio e notas de Isabel Meyrelles. Vimos o livro já à venda em Lisboa (Sá da Costa e Buchholz) e custa um pouco menos de 200\$00.

Esta antologia cobre a poesia portuguesa do século XII aos nossos dias. Dos 66 poetas escolhidos mais de um terço (23) estão vivos. São eles: Fernanda de Castro, António de Navarro, António de Sousa, Alberto de Serpa, José Gomes Ferreira, Pedro Homem de Mello, Vitorino Nemésio, Miguel Torga, Adolfo Casais Monteiro, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner Andresen, Mário Cesariny de Vasconcelos, Alexandre O'Neill, Natália Correia, Alberto de Lacerda, António Ramos Rosa, Herberto Helder, David Mourão-Ferreira, E. M. de Melo e Castro, Ana Hatherly e Luísa Neto Jorge. Claro que o gosto da responsável é que fez a antologia, mas o produto final parece-nos pouco feliz ao incluir, por exemplo, Fernanda de Castro, António de Navarro ou Pedro Homem de Mello, e excluir José Blanc de Portugal, Rui Cinatti, Vítor Matos e Sá, António Gedeão, Fernando Echevarria, José Terra, Egio Gonçalves, Raul de Carvalho, Pedro Tamem, Hélder Macedo e Rui Belo.

Dos 21 nomes que assinam as traduções nada menos de 9 são portugueses: André Crabbé Rocha (portuguesa pelo casamento com Torga), Jorge Verde, Adolfo Casais Monteiro, David Mourão-Ferreira, Sophia de Mello Breyner Andresen, Ana Hatherly, E. M. de Melo e Castro, Luísa Neto Jorge e Isabel Meyrelles. Eis os restantes 12: Suzaone Jousse, Hyacinthe Garin, Paul Teyssier, François Dehoucke, Pierre Hourcade, Armand Guibert, Evelyne Kesteven, Josette Castaing, Guillevic, André Frénaud, Robert Marteau e Claude Roy.

Dois poetas

As Distribuições Monumento lançaram um pequeno volume de Sophia de Mello Breyner Andresen: «11 poemas». É uma amostra da actual produção da autora do «Livro Sexto» e não deixará de interessar aos seus muitos leitores.

De Coimbra (Atlântica Editora) chega-nos «César Vallejo — ser e existência», de Maria José de Queiroz, excelente introdução à obra do grande poeta peruano falecido em 1938. Pena é que o volume não inclua uma antologia, mesmo sumária. Terá o leitor de procurar Vallejo na Biblioteca Contemporânea (Editorial Lasoda, Buenos Aires), que aliás se vende em muitas livrarias do país.

Dois prosadores

Dois prosadores em foco: Rentes de Carvalho e João Correia Bom. Do primeiro publicou a Prelo o romance «O rebate», história das agruras dum emigrante que chega a uma terra alheia transmontana com a mulher francesa; alguns bons trechos picarescos e sobretudo o levantamento socio-económico que o romance nos dá em segunda leitura são as notas mais impressivas nesta segunda obra do autor.

João Correia Bom, jovem jornalista de «O Século» com um livro já no activo, «Sub-gente», propõe agora em edição policopiada, fora do circuito comercial, uma novela: «O comandante do Curso Comercial». O progresso em relação a «Sub-gente» é notório e faz prever para próximo o arranque definitivo de Correia Bom, aliás e desde já um prosador a ter em conta.

Pronto para ler

VICTOR, Paul-Emile: A civilização esquimó «contada» com muito amor em «Boreal», que a Estampa lançou há dias. Impressionante por vezes, rigoroso sempre no seu respeito pelas idiossincrasias de um povo corajoso e sensível.

SARAIVA, António José: Na Europa-América a 2.ª edição de «Herculano desconhecido».

MORAES EDITORES: LIVROS novos no seu catálogo — «O pensamento de Hegel», de Roger Garaudy, e «O trabalho social em equipa», de Victor Jacobson e Philippe Monello.

MORRIS, Desmond — Se gostou de «O macaco nu», leia agora «A biologia da Arte» do mesmo autor (na Europa-América).



García Márquez: um fabuloso romance a preço de combate

Finalmente García Márquez!

Finalmente a muito anunciada versão portuguesa de «Cien años de soledad», de Gabriel García Márquez, tornou-se realidade e invadiu as livrarias com a chance da Europa-América a um preço de combate (60\$00) que acabará por pôr K. O. as edições espanhola e brasileira, largamente vendidas entre nós no último ano e meio.

O Prontuário acha seu dever chamar a atenção para este fabuloso romance de García Márquez, ponto alto da ficção latino-americana de língua espanhola. Está muitos furos acima de outros escritores das mesmas paragens que o precederam no favor das nossas editoriais: Roa Bastos, Carlos Fuentes, Reynaldo Arenas, para falar em nomes dos anos 50 e 60. Leitores eventualmente interessados têm ao seu alcance, em edições espanholas e brasileiras, outras obras do colombiano, das quais a mais importante será «Los funerales de la Mamá Grande».

Entretanto o interesse pelos latino-americanos (tão grande em Espanha que foi chamado «boom») cresce neste derradeiro rincão da Europa Ocidental. A Dom Quixote prepara uma nova tradução de Carlos Fuentes e comprou os direitos do também famoso «Pedro Páramo», do mexicano Juan Rulfo, enquanto a Europa-América tem anunciadas versões de Mario Vargas Llosa e Ernesto Sabato. Restam alguns nomes grandes para descobrir: Juan Carlos Onetti, Juan Donoso, Carlos Drognett, Alejo Carpentier, José Lezama Lima, Cabrera Infante, José María Argüedas. Quem aceita o repto?

M PORTUGAL

de uma maneira pessoal, deve usufruí-lo, vivê-lo. Vivê-lo, ficando sempre um pouco do lado de fora, como observador que vive e ao mesmo tempo se observa. Criar o seu companheiro de confiança.

C. P. — E fazes isso perante todos os textos?

J. P. — Perante todos os textos.

C. P. — ...Ou há textos que te interessam mais?

J. P. — Claro que no caso de um texto mau eu não tenho qualquer pudor em o violentar até na sua inversa. Por exemplo, no caso de frases muito ridículas, género, «os cães estão a uivar, isso é mau presságio» — se for possível, repito-a três vezes. O autor escreveu uma vez, e eu ponho três, para que alguém que não tivesse ouvido, a primeira pense: este tipo escreve muito pior do que eu imaginava. O autor pode reffiar, mas a única coisa que me pode dizer é: eu não quero este senhor a representar a minha peça, e nisso estamos os dois de acordo. Se eu não representar a minha peça, e nisso estamos os dois de acordo. Se eu não representar, porque o autor não me quer, a companhia continua a pagar-me. Se eu disser que não represento a peça, fico sem ganhar. Como eu tenho que ganhar dinheiro prefiro que seja o autor a expulsar-me.

C. P. — Quer dizer: como actor estás subordinado ao autor?

J. P. — Claro, que estou também subordinado ao autor. Mas eu sinto-me subordinado a tantas coisas. Tais como: aos pretensos cenários, ao lugar teatral — o lugar teatral é a coisa que mais me irrita. E agora ainda mais, após esta experiência do «Tango» no Porto. Eu fiz a peça há dois anos e meio e quis modificar a personagem porque agora não tenho nada a ver com o que tui há dois anos e meio. De maneira que a personagem, inevitavelmente, iria modificar-se também. Estou actualmente muito mais próximo do «Artur» do que estava na altura. Por falta de conhecimento, porque tinha sido pouco atacado ainda. Era ainda condescendente. Não tinha percebido muitas das coisas que dizia em cena.

C. P. — Explica-me isso: como é que tu mudavas a personagem se a persona-

gem está lá, imóvel... Qual é o processo do actor se meter na personagem, transformando-a?

J. P. — O processo é este: por exemplo, a maneira como eu fazia há 2 anos o 1.º e o 2.º actos do «Tango» era demasiado emotiva. Quando se tem razão não se age assim. Aquela personagem, quanto a mim, tenta primeiro explicar o que é que quer. Tenta levar as pessoas não por uma forma violenta; mas as pessoas são tão estúpidas, estão tão viciadas, tão pretensamente abertas a todas as inovações... É um tipo de sociedade burguesa... uma sociedade que até o que é dito ou feito contra ela, como por exemplo: «Hair», Andy Warhol «pintor» e os Beatles, ela adquire. A sociedade burguesa transforma essas acções em material de investimento, de compra e venda.

C. P. — Recupera-os.

J. P. — Claro. Há dois anos eu tinha outras ideias, pensava que talvez tudo fosse possível através de um novo comportamento. O ideal da não-violência. Hoje parece-me que Calígula está mais próximo do caminho, por exemplo, ele empurrava as pessoas para a morte para elas ficarem numa situação definitiva. Ali sabe-se. Antes disso, tudo é muito relativo. Agora, quando se chega ao ponto da morte é que se tem de começar a pensar em termos rápidos e concisos. Não se pode desperdiçar tempo. E eu há



dois anos atrás pensava apenas em hostilizar. Cabe os compridos, maneira de vestir, não chega porque os cabelos compridos, actualmente todos os filhos de banqueiros os usam «Os pequenos» vão a Amsterdão e assumem uma aparência de

«hippies». Não passa tudo de uma aparência.

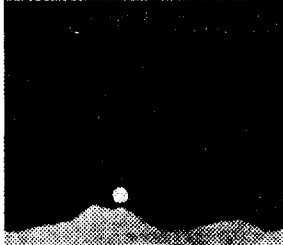
C. P. — Já não é significativa.

J. P. — Não significa nada. Sabotagem. Essa sociedade contra quem tudo foi feito; assimilou tudo que se fizera para a chocar; transformou em moda, adquiriu, standardizou, produziu em massa. Portanto, nós — não posso dizer nós porque não estava metido nessa onda — mas as pessoas que fizeram foram sabotadas, viram a sua cruzada completamente derrotada porque tiveram uma visão utópica de que era possível combater atirando flores. Não é possível. Pode não se usar grande violência mas tem que se encostar as pessoas a uma parede e dizer-lhes: daqui para

Continua na pág. 6

acaba de sair

sem flores nem coroa



de Orlando da Costa
Peça em três actos
com um estudo cenográfico
de João Abel Manta
em extra-texto

2 da col.



Amphitea

uma edição Seara Nova

Lembrança de três pintores

Cont. da pág. central

ção coerente que nem sempre Filipe nos consentia, nas melhores das boas intenções — mudando por vezes o programa á última hora... Zangamo-nos muitas vezes com ele, amámos outras — mas tal era a boa vontade e a simpatia humana do homem (e o seu «charme» ao mesmo tempo manhoso e ingénuo), que fazíamos rápidas pazes... E olhando os programas vejo também os nomes dos intelectuais (escritores, artistas, professores universitários, médicos, advogados) que eram semanalmente chamados a comentar (oh — «tant bien que mal»...) os filmes exibidos. As vezes o público ganhava com isso — que nenhum mal fazia aos intelectuais assim ganhados a uma arte que nos finais de 40 ainda era suspeita á «inteligência» nacional.

COM Couto Tavares eram diferentes as minhas relações que começaram em menino. Contrerrâneo, frequentava a casa de meus pais — e devo ao estudante de Belas-Artes que ele então era, alguma iniciação nos seus «mistérios». E até alguma lição de desenhos e de pintura. Mas sobretudo os nomes, então para mim também misteriosos, de António Pedro e António Dacosta — alheios á sua prática de «homem estudante mas não á sua curiosidade cultural».

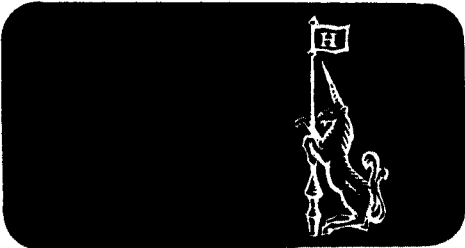
Convivi com Couto Tavares muito mais tarde, já ele era conservador do Palácio da Pena, posto em que morreu. E mais uma vez lhe devi coisas — informações,

esclarecimentos, e muito do amor que ele tinha ao palácio e soube passar-me.

... O palácio que ele sonhava transformar em Museu do Romantismo português, lugar eleito que para tal função com certeza seria. Mas como? Um «como», sabia-o ele (e ainda, já muito doente, no Verão passado, me falava nisso, e discutia programas hipotéticos comigo); mas o outro, o «Como arranjar dinheiro» para tal coisa, não o sabia, nem ninguém o saberá...

Por mim, limitei-me a sugerir-lhe a publicação dum anúncio nos jornais: *Financieiro para Museu Romântico* — precisa. *Dispõe-se de palácio nacional, local privilegiado, bom ar, conservador e pessoal menor, algumas peças notáveis. Bom futuro turístico. Necessita-se investimento, se for possível em forma de mecenato. Resposta a este jornal ao n.º tantos. Mas ele disse-me que não podia fazê-lo. Então...*

Que, se alguma vez se acordar para estas coisas menores das artes e mínimas dos museus, alguém se lembre da ideia deste homem honesto e sabedor que acaba de morrer — o pintor Couto Tavares.



João Perry: ser actor em Portugal

Cont. da pág. central

dianete têm que começar a pensar. Acontece que essa maneira verifica-se sobre mim que é uma forma diversa de pensamento por isso o Artur modifica-se também porque aquilo que estava no texto é possivelmente aquilo que eu faço agora. Que talvez seja ainda outra coisa diferente. Mas não era aquilo que eu fazia. Eu, João Perry, não acredito que o Artur grite no 1.º acto e no 2.º. E se eu gritei no Porto foi porque a sala é horrível, sem condições. Não se pode mandar o Quarteto de Budapeste tocar no Estádio Nacional sem microfones e dizer-lhe: agora faça-se ouvir na última fila. Porque não pode ser; não se ouve. O espaço teatral continua a ser desprezado porque o vendedor do espectáculo tem em conta o lucro que pode ter. Está-se nas tintas para que o público do 2.º balcão possa ouvir ou não; ou que o espectáculo não seja feito num espaço a criar especialmente. Cada espectáculo precisa da sua sala, do seu lugar de execução. Uma missa campestre não é dita da mesma maneira que uma missa numa capela pequena. Tem um tom, uma opolência. Os fatos têm de ser diferentes. Tudo é relativo.

C. P. — Voltamos atrás: a transformação da personagem. Essa transformação não implicaria a transformação do espectáculo?

J. P. — Claro que sim. Quanto a mim o Artur é o eixo da peça. Quanto mais horríveis forem as personagens, quantos mais reacções, quanto mais factores

de desagrado provocarem, melhor se podem aproveitar. Um actor, (estou sempre a falar de um actor sem director) tem que criar defesas para se dirigir a si próprio e para aproveitar o falso jogo ou a errada condução das personagens, por vezes suscitada pelo pretense encenador, para usufruir deles. É a mesma coisa que um jogador de pingue-pongue. Atrai-lhe mal a bola, ele vai buscar lá onde ela foi ter mal atirada e projecta-a mal novamente. Projecta-a mal para fazer cair o adversário do lado de lá. Não vai corrigir o movimento, vai continuá-lo. Portanto, um actor que joga — a palavra representar é uma palavra falsa, é em português uma palavra viciada. Representar é o play, é o jouer. O actor brinca, vive, usa, utiliza um texto. Se o utiliza mal, falsamente, o actor que é obrigado a representar ao lado dele, deve transformá-lo, deve conduzi-lo ainda mais ao pânico, deve obrigá-lo a uma ainda maior falsidade, criando mais elementos de naturalidade para suscitar, como num despique, o espectador para um dos campos de acção. O espectador pode optar pelo jogo tradicional ou pelo jogo do outro actor que tenta fazer o oposto. Então aí, fica uma discrepância enorme.

C. P. — Dá um espectáculo incoerente...

J. P. — Pois dá. Mas isso não tem nada de novo. John Cage deu concertos de música experimental conjuntamente com um terceto que tocava música académica. Esses espectáculos incoerentes fazem uma nova zona.

Eu não sei o que são obras acabadas. É uma obra de guerrilha dentro da própria estrutura.

C. P. — Mas essa incoerência a que te referes é puramente casual: resultaria do facto de os outros actores não serem capazes duma leitura coerente.

J. P. — Eles não têm culpa. O actor não é culpado de uma má leitura mas o encenador que o dirigiu.

C. P. — É claro que não estou a pôr o problema num plano de culpa pessoal.

C. P. — E o «Tango» agora está melhor?

J. P. — Eu acho que nada pode estar certo quando a encenação não está certa. Se a avó aparece vestida já no 1.º acto como devia aparecer no último, está tudo errado. Porque a avó devia aparecer de saia curta, muito pintada, muito cocotte que era para depois quando readquirisse o seu próprio fato, não o aguentasse. Porque ela é falsidade, é a pessoa que se mascara para parecer mais nova, para passar sobre os anos. Sem o espectador compreender este pormenor não se pode compreender a personagem.

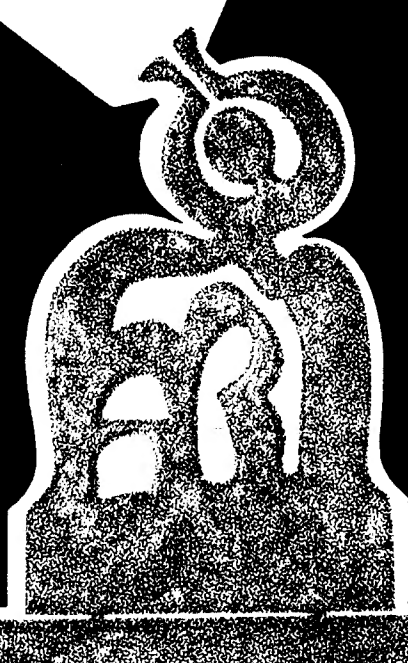
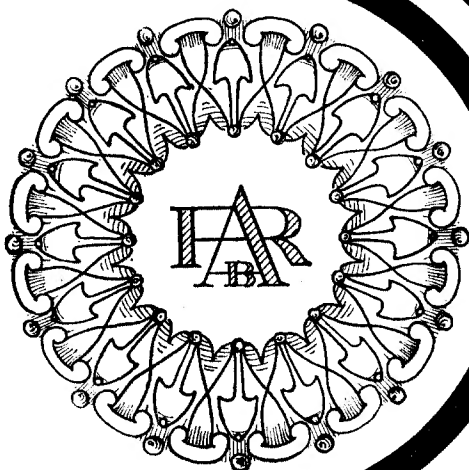
C. P. — Como é que se é encenador em Portugal? Como é que se aparece encenador?

J. P. — 1) Ou porque se tem mais de 45 anos, que é uma condição sine qua non, segundo parece; 2) quando não se podem fazer muitas ondas; 3) quando não se hostiliza muito as pessoas com quem se trabalha; 4) e sobretudo quando se fez um trabalho ou dois, ao nível muito intelectual. E se se tem

Conjunto musical em formação

ADMITE

Bateria-viola-viola baixo e outros adeptos da música Jazz. Indispensável ter alguma formação musical, ser bom estudante e ter menos de 17 anos. Resposta por carta, a Q. 97, Agência PLM, Av. Almirante Reis, 16-2.º, Dt.º.



TEMPO · TÉCNICA
PROCESSOS SIMPLES
RAPIDEZ DE DECISÃO
UM CONCEITO NOVO
NO
ESPAÇO ECONÓMICO

AUGUSTINE REIS & CIA. BANQUEIROS

muitas mesas de café onde se prega leis aí começa-se a dizer: o tipo sabe muito. Admito que todas as pessoas duvidem de mim porque nunca fiz nada. E nunca fiz nada, um bocadinho por culpa minha, porque falei de mais antes de fazer. E continuo a falar. Porque a minha forma é esta. Não consigo deixar de hostilizar, mas de uma forma que não é gratuita. Responsabilizo-me pelo que faço e sofro as consequências imediatamente. E não penso que pelo facto de estar a dizer estas coisas não vou sofrer as respectivas consequências, pressões de toda a espécie, porque as sofro. Fazem pressões enormes. Toda a gente. O meio é muito hostil, é muito mais segregacionista que o que se pode imaginar. É muito difícil chegar a qualquer lugar. Só por muito mérito é possível já chegar e lá permanecer. Por mérito e porque a pessoa põe os pés à parede e diz — não pode ser. E mesmo assim as setas chovem pelas costas. Pela frente as pessoas têm um bocadinho mais medo de falar. Mas sempre foi assim. Dizem...!!! Eu não estava lá.

C. P. — Portanto, ser encenador não tem nada a ver com as respectivas capacidades de cada um.

J. P. — Nada, zero graus.

C. P. — Não esteve para haver um concurso de encenações no Nacional?

J. P. — Não chegou a realizar-se.

C. P. — O que se passou?

J. P. — Era um texto de Aquilino, eram quatro as pessoas escolhidas, e depois... Creio que há uma desculpa para o facto mas não me lembro.

C. P. — Um actor em Portugal para ser autêntico tem de ser um autodidacta.

J. P. — Tem de ser um autodidacta. E infelizmente.

C. P. — Qual foi a linha que seguiu?

J. P. — Foi uma linha de convívio. Para chegar onde cheguei aproveitei o que várias pessoas me deram. Como quase todos nós. E por opção minha, também. De todas as pessoas fui uma espécie de vampiro. Sempre tirei aquilo que mais convinha à minha múltipla personalidade, sempre adquirei delas aquilo que mais me convinha. Por vezes, a troca foi desleal para elas porque tirei mais do que aquilo que dei porque estava numa época de me programar. Era uma espécie de computador sem fichas e precisava de as arranjar. Dei-me com pessoas que actualmente não me interessam. Não me interessam. Não me arrependo nada das pessoas com quem me dei. Nunca terei que dizer: arrependo-me imenso por me ter dado com... Felizmente ou infelizmente, as coisas são como são, não me arrependo de nada daquilo que fiz. De nada. Até das próprias coisas da minha primeira fase que pareciam erradas, que seriam contra mim (teriam sido uma perda de tempo? um atraso no meu processo...?). Foram úteis, porque senão nunca teria chegado à conclusão de que tinham sido um atraso.

C. P. — Em relação ao Gutkin?

J. P. — Isso foi muito importante. Realmente. Foi talvez o Gutkin e o Alain Oulman (isto é muito estranho e as pessoas vão chiar muito por causa disto), o Oulman foi a primeira pessoa com quem trabalhei que fazia um tipo de

teatro profissional que alguns colegas diziam ser amador, e neste caso felizmente que era amador, que trabalhava com horários, com afineco, coisa que na linha do chamado teatro profissional nunca mais encontrei. Trabalhar das tantas às tantas; ensaios; os actores às tantas horas, e estar de facto a trabalhar, sem bla-bla-bla, a preencher horário. Nunca mais vi trabalhar e trocar opiniões. A trabalhar um texto a partir do décimo dia com os objectos todos em cena como se fosse o espectáculo; com uma pretenção iluminação final; com um esquema implantado do que deveria ser; trabalhava-se como se já tivéssemos publicado. Fiz com ele, «O homem que fazia chover» e quando subiu o pano, pela primeira vez na minha vida era como se fosse mais um dia, porque estava tudo tão afinado que já se sabia como ia sair. Depois disso, o espectáculo podia estar certo ou errado, não interessa, mas não era um espectáculo precipitado, não houve precipitação no processo, tudo estava previsto. Trata-se de um tipo de espectáculo que agora não me interessa tanto, mas que tem a sua qualidade. Se o teatro que se continua a fazer aqui é tipo teatro tradicional e se mesmo esse teatro não está organizado, então algo está errado.

Gutkin foi a pessoa mais importante na minha vida de teatro. Eu tinha lido, Stanislavski várias vezes. São daqueles livros de consulta que se lêem e relêem, estudam em todas as oportunidades. E não sabia nada do método e do seu funcionamento. Não fazia ideia de como chegar até lá. E duvido que alguém cá em Portugal saiba. Duvido. E não quero dizer que o saiba. Finalmente sei é que há outra pessoa que trabalhou comigo e que teve a mesma experiência: a Manuela de Freitas. Vão perguntar: então porque é que não fazem nada? Mas fazemos com certeza. E dinheiro? E stio? Não interessa se dá resultado ou não. Eu só pergunto: sabem fazer? Se realmente sabem fazer, então venham dizer como é que se estuda um papel, como é que se estuda uma personagem. Não é que exista uma norma pré-estabelecida, fixa, mas há umas normas para determinado tipo de teatro. Como nós temos uma carência enorme de tudo, até essas infelizmente, já se vem como ponto de partida. Gutkin ensinou-nos muito. Começámos a ensaiar «O amante», do Pinter, fizemos exercícios formidáveis, nada ligados ao curso, um trabalho completamente diferente. Nessa altura abri os olhos porque o que tinha aprendido nos livros não correspondia realmente ao que estava a executar. Foi um trabalho muito proveitoso embora nunca o tivéssemos podido mostrar. E o Gutkin, ao mesmo tempo, deu-me a possibilidade de fazer pela primeira vez na minha vida um espectáculo sem ensaiar. Colaborei no «Melim» como voluntário dois dias, bem sei que o «Melim» tinha uma série de exercícios que fazíamos nas aulas e estávamos a fazer pesquisas nesse sentido, por isso eu estava um bocadinho à vontade. No entanto, só tinha visto uma pequena parte da peça nos ensaios e a sensação verdadeira de actuar, no cerimonial que é a acção teatral, fez-me até sentir dentro daquela «peça» com o qual não estava de acordo. Eu não gostava do «Melim»



João Perry: ser actor

não era um espectáculo que me agradasse totalmente.

C. P. — Porquê?

J. P. — Porque acho que não era suficientemente claro, aliás se o fosse perderia a possibilidade de se fazer como O Amante embora por razões diferentes. Uma das coisas por que nós nos pe-

gávamos — isto é uma maneira de dizer: continuo a dar-me lindamente com o Adolfo — foi os nossos pontos de vista serem um bocadinho diferentes sob esse aspecto. Eu achava que seria preferível não ter atacado o assunto a atacá-lo tão ao de leve.

C. P. — Acha que devia ter continuado a linha do «Volpone»?

J. P. — Não, criar uma outra linha, se não se podia ser contundente, não gostaria de fazer criar uma linha de agressão maior na acção, menos contemplativa para com o espectador. Mas nada disso era possível efectuar devido a condicionamentos muito grandes. A minha revolta no sentido do espectáculo não ser aquilo que eu queria é porque eu tinha conhecimento exacto do que ele poderia fazer. Porque as aulas que nós fazíamos é que deviam ter constituído o «Melim». Mas

isso também liquidava a hipótese de fazer aquilo com um tipo de actores partícipes que trabalhavam poucas horas diárias. Tinha que se trabalhar mais horas, num regime muito mais sagrado, como uma verdadeira cerimónia e não dar tantos espectáculos. A produção em massa na celebração teatral é anticriativa, cria viciações e fórmulas. A não ser que se arranjam novos estímulos, para isso tem que haver estimuladores espantosos e uma equipa a trabalhar em conjunto, uma equipa de seres vivos com uma condução pessoal com um grande ficheiro na cabeça que seja capaz de criar constantemente, de estar sempre em evolução; ou então cai-se em rotinas. E assim salmos de uma coisa contra a qual estávamos, para cair noutra coisa ainda pior: uma forma sem conteúdo. É o caso do Carlos Avilez. É a preten-

são da forma sem nada de conteúdo. Aquilo é uma fraude de fio a pavio; uma fraude acabada; aquela gente não sabe nada sobre o que pretende estar a fazer. Nem estão a fazer o teatro tradicional em que são menos maus nem estão a fazer um outro teatro com outra dimensão para o qual não têm preparação física. O Avilez é perigoso no sentido de criar uma ideia utópica sobre o que é teatro experimental e de pesquisa.

C. P. — Mesmo assim parece-me mais estimulante que o teatro tradicional...

J. P. — Não sei. Creio que não. É mais difícil de destruir porque é pretensamente moderno. Mas é tão digno de pateadas como o outro tipo de teatro pois é comercial e falso.

(Continua)

(Esta entrevista foi gravada e revista).

classe superior para quem tem classe!



Para quem escolheu um certo estilo de vida ...

Um requintado gosto do melhor ...

Um ambiente de evasão ...

A experiência da GRUNDIG em vários anos de estudo e realização — galardoada em certames internacionais — coloca à sua disposição, diferentes equipamentos de Alta Fidelidade,

de linhas sóbrias e modernas de elevadas características técnicas, que possibilitam uma audição e reprodução excepcionais e completam decorativamente o seu ambiente.



A ALTA-FIDELIDADE DE CLASSE SUPERIOR

Demonstrações: Praça da Figueira, 18, 1.º - Lisboa

Edifício N. R. - Rua de Sta. Sofia - Cruz Quebrada

Exposição e Vendas nas lojas da especialidade



(Corte este cupão pelo picotado e envie para Apartado 2096 — LISBOA 2)

ALTA FIDELIDADE GRUNDIG — Para obtenção de informações detalhadas queiram enviar-me catálogos.

NOME _____

MORADA _____

TELEFONE _____

O TEMA NA PINTURA

Por ROCHA DE SOUSA

TRABALHAR sobre um tema com plena consciência que o que se está a praticar é antes de mais pintura, é a característica dominante das últimas exposições de Sá Nogueira.

Queremos com isto dizer que, para o pintor, o tema e a incidência sociopolítica sejam determinantes, não o são tanto que reduzam a pintura a uma meio e o tema a um fim, e a própria escolha dos temas, de tão aleatória — a mitologia erótica na exposição anterior, agora a mitologia do passado, mesmo quando formada por relíquias vivas — dá disso prova.

Em contrapartida as preocupações de ordem es-

tritadamente formal, não são de qualquer modo obcecantes, o que conduziria ao problema inverso, reduzindo o tema a um meio e a pintura a um fim.

É dessa tensão dialéctica entre o fim (...) e o meio (...) que Sá Nogueira constrói um universo carregado de intenções, onde é facilmente reconhecível uma posição crítica contra os cultos passadistas que actuam como estímulo para o pintor aprofundar os problemas da sua linguagem específica, de que lucidamente conhece os limites e a mistificação que o quadro de cavalete constituiria se fosse instituído valor de contestação (1).

CERTOS mecanismos da transformação estética contemporânea desencadearam informações deslocadas e assimilações radicais. Aquela transformação já mais nos autorizou a considerar a forma pictórica apenas válida quando circunscrita à realidade do plano. Pelo contrário. A pintura que se libertava de alienantes servidões, encontrando aquilo a que se chamou tantas vezes «o seu destino próprio», não tinha necessariamente que limitar-se a um campo de opções restrito, o que seria paradoxal. A uma maior liberdade de formulações, apreendida no plano teórico, teria com certeza de corresponder uma verdadeira mobilidade criativa técnica e estética a mente irradiante. Condenar-se em definitivo a representação do volume na superfície, por efeitos ópticos de uma virtualidade já conhecida em diferentes momentos da história, era na verdade tão absurdo como sustentar de novo a degeneração académica. A real liberdade que o artista viera reconquistando não tinha nada a ver com esse tipo de postulados: momentaneamente ofuscado pelo seu impacto teórico apaixonado, o artista soube recuperar também o sentido prático dessa liberdade. Em breve ele sabia que não se libertara de um certo número de convenções para cair noutras de idêntico poder limitativo. Interessava-lhe criar e mudar as suas próprias convenções, e isso a cada instante da sua opção interventiva. No fim de contas, a última palavra era sua — e não devemos portanto espantar-nos com o facto de a própria crítica sancionar hoje o que condenava há escassos anos. Quando o artista volta a fugir os volumes na superfície (bem entendido dentro de uma nova base de significados) cabe-nos apenas reconhecer que o direito é dele e a razão também. O artista pode, com efeito, redimensionar a sua acção e a sua visão reapropriando-se de meios aparentemente em desuso: a teoria tem de ser estabelecida a partir da história desses actos, da sua irreversibilidade, da sua presença e do seu significado. Não são os actos do artista que têm de circunscrever-se (ou depender) a uma teoria arbitrária formulada nos pressupostos de duas ou três conquistas de momento em evidência.

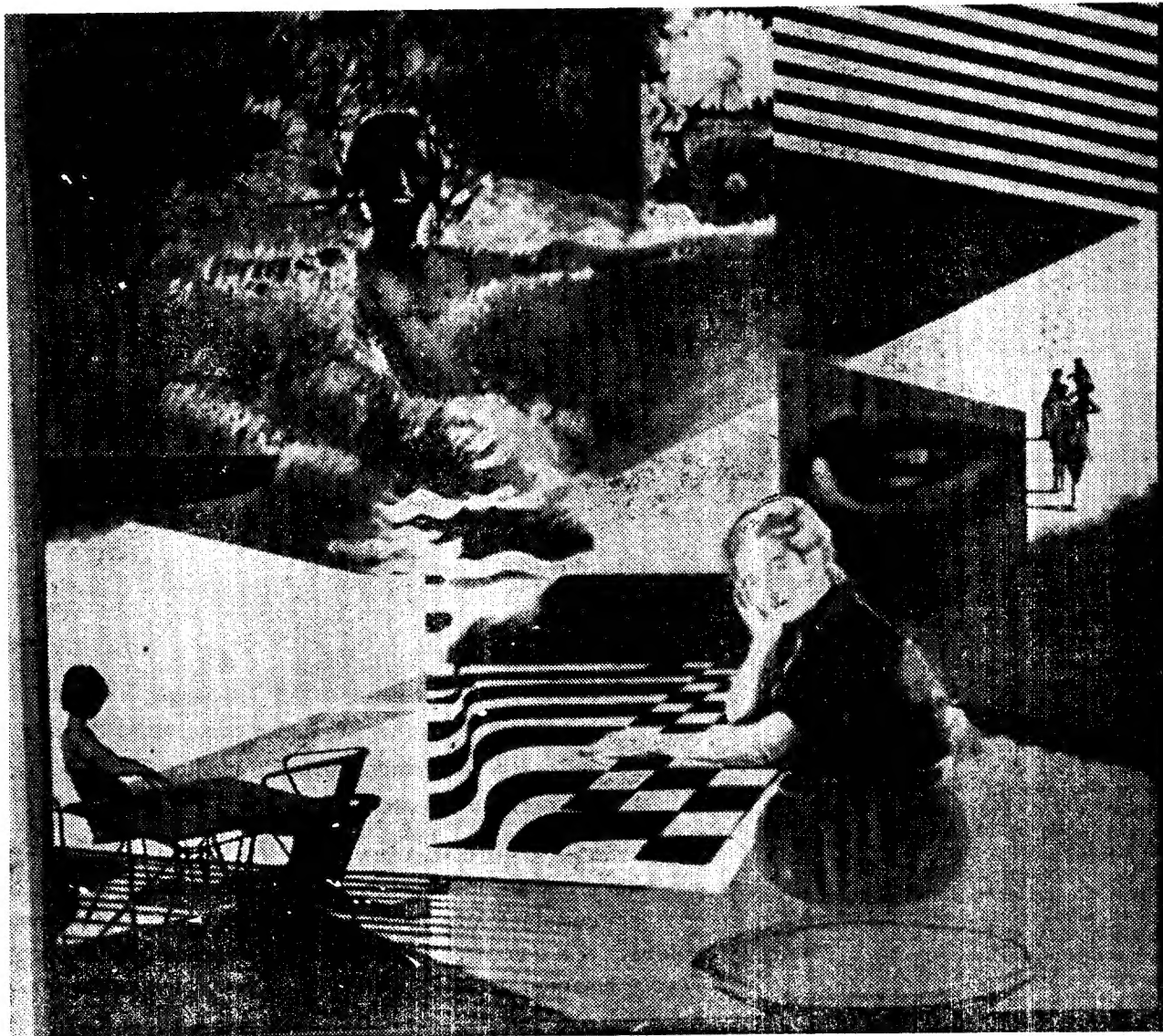
VER E AGIR

O que se afirma nesta base de argumentação é extensivo a outros recursos, a outras formas e a outras atitudes. A falsa questão *arte abstracta arte realista*, hoje ultrapassada pela própria pluralidade das cor-

rentes que em tais domínios se inscrevem, tem vindo a desfazer-se em benefício de um comportamento crítico mais aberto. A condenação do tema, por exemplo, resultava de um equívoco semelhante e advogava no fundo outras limitações incompontáveis ao trabalho do artista: partir ou não de um tema, abordá-lo desta ou daquela forma, em nada pode corromper a realidade intrínseca da arte — apenas a serve e envolve de outro modo. De resto, o artista tem consciência de que os

que esse tipo de análise do objecto (e tratava-se apenas de dois exemplos limitados) nos ajuda a tomar consciência de que olhar é um acto. Essa análise corresponde. «Para lá das convenções contemplativas do passado, a experiência de um homem que explora activamente o mundo e as coisas, que tem a consciência do seu poder de transformar-se e sobretudo da acção que pode exercer sobre elas para as transformar». Garaudy acrescenta que uma tal análise «comporta

esta questão ao referir que, por ordem de uma evidência suspeita, o estudo das motivações profundas, da origem dos valores, da dialéctica dos conteúdos, aparece amiúde sob uma luz desvantajosa, manchada de suspeitas veleidades literárias, pouco aliciante para aqueles que alegremente julgam ter resolvido todos os problemas ao proclamar que o tema é um pretexto sem importância para a boa pintura (e, concomitantemente, um dos culpados essenciais da má



O tema na pintura, em Sá Nogueira: reacção lúcida contra a facilidade e o alheamento.

seus modos de proceder (enquanto criador) têm sempre uma ligação mais ou menos profunda com um estado de vivência, com o exercício dos sentidos no plano do real, com o modo como traduz e refaz a mecânica da percepção.

No seu livro «Um Realismo sem Fronteiras», Roger Garaudy, depois de referir que os egípcios representavam sistematicamente um olho de frente numa face vista de perfil e que Ingres, mais próximo de nós, não hesitou em fazer aparecer, por um rebatimento de planos, o seio de uma odalisca que era vista de costas, sublinha

novas exigências em relação à linguagem plástica, igualmente em relação ao espectador, convidado ele também não já só a uma mera contemplação, mas a uma acção».

AVENTURA E SIGNIFICADO DA FORMA

Se as formas são, na realidade, o corpo da arte, isso não quer dizer que os problemas estéticos só ao estudo das formas em si mesmas fiquem a dever a solução que nesse sentido o homem vai procurando. Cremos que Lima de Freitas teve entre nós a coragem de abordar

pintura» (2). Na verdade, as formas para além da sua realidade intrínseca, são também (e quase sempre sobretudo) reflexo de heranças profundas que decorrem da nossa confrontação com o meio ou que iluminam a própria memória do ser. A realidade histórica e ideológica em que o indivíduo mergulha e se cumpre suscita um mundo de referências e de associações ao seu comportamento, umas vezes por via intuitiva, outras vezes no plano concreto da experiência consciente. «A realidade compreende toda a imensa diversidade de interações entre as quais o homem com os seus dons de

apelo aos dados do quotidiano, uma referência cultural que se propõe ao futuro sem ignorar efectivamente o presente. Nesse enraizamento reside todo um conjunto de reflexos que, mergulhando abstractamente no plano fenomenológico da obra, influenciam e condicionam a atitude imaginante do espectador, evocando assuntos e temas que à sua própria experiência se reportam.

UMA MORAL DO CRIADOR

Sá Nogueira, realizando-se numa perspectiva pessoal e recusando uma mo-

senbilidade e de compreensão é envolvido» (3). Para além dos mecanismos psicológicos imediatos que lhe abrem acessos ao comportamento criador, o artista é também produto de uma época, de certas condições sociais e de cultura, e todas essas constantes da sua inserção no mundo determinam a sua forma de ver, portanto a sua forma de agir e de propor a linguagem que utiliza uma representação particular. A obra de arte não encerra apenas um conjunto de formas desligadas de toda a experiência do real, mas, pelo contrário, estabelece uma ligação entre o dador dessa experiência e a imaginação. Todo a arte, mesmo quando o seu corpo aparente a ilibação de compromissos com a realidade, implica um enraizamento na história, um

denridade fita de constantes alheamentos e abdicções, tem procurado redignificar a presença da intenção temática na pintura, sem contudo renunciar a uma compreensão dos dados que a caracterizam por dentro e a partir. Ele parece desejar que a sua obra não se mova nem se confine a uma mera especulação formal, esvaziando-se dos conteúdos que podem ferir a nossa própria noção da realidade que nos envolve. É nesse sentido que o seu trabalho se reveste, visivelmente, de maiores dificuldades, oscilando por vezes de forma dramática entre a necessidade da pintura em si mesma, como puro encontro de elementos formais, e a urgência de dar testemunho de uma visão refeita a cada instante pelo significado dos acontecimentos. Vivendo de facto esses acontecimentos, experimentando-os na pele e na sua consciência de homem, o artista insiste em não renunciar ao comprometimento que daí deverá resultar. Ele sabe que ao pintor cabe defender a pintura das degenerações ilustrativas, mas sabe também que não a deve transformar numa finalidade gratuita, incapaz de reflectir aquilo que ele vive, a sua percepção de um espaço social determinado, a sua consciência da história. No fundo, ele compreende que as formas mais vivas e mais autênticas da sua obra são as que decorrem de uma prática exercida no contexto social e que os dados dessa prática se transformam afinal nos símbolos de uma comunicação possível e urgente a estabelecer com os outros homens. Sá Nogueira demonstra ter consciência de que a sua dificuldade, ou o seu drama se se quiser, consiste na necessária conciliação entre as ideias e os meios, entre a vontade de uma pintura que o seja de facto e renovadamente e os valores documentais de crítica que se lhe tornaram iniludíveis. Essa conciliação que nos pareceu mais lograda na sua anterior exposição, foi agora em parte desfeita por uma excessiva explicitação do tema através da intersecção dos assuntos. As imagens, recolhidas ao nível de uma tal explicitação, perderam em grande medida a profunda coesão que tinham anteriormente, tornando-se menos inesperadas e menos perturbadoras. Apesar disso, não podemos deixar de louvar em Sá Nogueira a sua coragem em prosseguir num caminho tão pouco tentado pelos nossos artistas. Ele reage de uma maneira lúcida contra a facilidade e o alheamento, torna-se por isso actuante e polémico, desinteressado de um esteticismo de maior consenso e procura de facto reafirmar que os comportamentos do homem e do artista, nas tensões do mundo actual, não constituem duas experiências separadas.

(1) Texto do catálogo.

(2) «Pintura Incómoda».

(3) «A necessidade da Arte».